



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

A T E S T A D O

Atesto, para os devidos fins, que a equipe técnica composta por ANTONIO MARIA DE SOUZA SANTOS (An- tropologo), EDNA MARIA RAMOS DE CASTRO (Sociologo), JOA- QUINA BARATA TEIXEIRA (Assistente Social) e VALDECIR MANOEL AFFONSO PALHARES (Médico) projetou, executou e ciaborou o relatório da Pesquisa intitulada "AVALIAÇÃO DA PRELAZIA DO ALTO RIO NEGRO", de caráter confidencial, realizada no Estado do Amazonas, Alto Rio Negro, a ser- viço do Ministério do Interior, no período de 31 de ju- lho a 30 de outubro de 1976.

Belém, 23 de Março de 1977

CARTÓRIO
Queiroz Santos

Vera Lúcia Coelho de Souza Bastos
Diretora Geral do Departamento de
Recursos Humanos - SUDAM

CARTÓRIO QUEIROZ SANTOS

Recoloco, por ter conferido com cu- ta (s) existente em meu arquivo, a (s) ...
assinatura (s) ...
esta nota ...
Em ...
Belém, ...



FICHA TÉCNICA

ANTONIO MARIA SOUZA SANTOS - Antropólogo

EDNA MARIA RAMOS DE CASTRO - Socióloga

JOAQUINA BARATA TEIXEIRA - Assistente Social

VALDECIR MANOEL AFONSO PALHARES - Médico

CHEFE DA DIVISÃO DE ESTUDOS E AVALIAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

HELIANA DA SILVA JATENE

DEARH _ DRH _ SUDAM

CONFIDENCIAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

INTRODUÇÃO:

A necessidade de avaliar a atuação missionária da Prelazia do Alto Rio Negro decorre das relações estabelecidas entre esta e o Governo Federal, a partir da Lei 5.387 de 02.02.1968, em consequência da qual foram assinados, de 1968 até a presente data, nove (9) convênios anuais, estando em vigência o de nº 030/76.

Esta Lei determina a subvenção anual de Cr\$ 700.000,00 (setecentos mil cruzeiros) à citada Prelazia por parte do Governo Federal. Os convênios surgiram como tentativa de formalização e subordinação da liberação destes recursos à aprovação do Conselho Deliberativo, uma vez que se fazia o simples repasse da verba do MINTER via SUDAM. Atualmente os recursos são empregados segundo um plano de aplicação e os gastos são submetidos à prestação de contas até mês anterior ao encerramento do Convênio.

As críticas levantadas à atuação das Missões Católicas e de outros credos tem sido constantes, não somente em relatórios técnicos de órgãos do próprio Governo, como através de jornais e revistas de grande tiragem, constatando-se hoje, situações litigiosas entre a atuação técnica da esfera federal e a atuação religiosa.

Avaliações sistemáticas dessa atuação tornam-se cada vez mais necessárias, mormente considerando-se o envolvimento governamental e a inconveniência de ser mantida dentro da mesma área, contraditórias e conflituosas formas de agir.

CONFIDENCIAL

08.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Tratando-se, no caso, da Prelazia do Alto Rio Negro, cuja área de ação compreende predominante contingente indígena, o acompanhamento dos trabalhos exige cercar-se de cuidados especiais, além da constituição de uma equipe interdisciplinar treinada em avaliações, como o da inclusão de um técnico da área de antropologia. Por esta razão integrou-se à equipe da Divisão de Estudos do Departamento de Recursos Humanos da SUDAM, nesta avaliação, a presença de um antropólogo, o qual foi solicitado ao Museu Paraense "Emílio Goeldi" (CNPq/INPA), órgão científico de renomada competência sobre estudos indígenas.

Os missionários na Amazônia não são recentes, tendo marcado a sua presença desde a época de ocupação iniciada em princípios do século XVII. Sua atuação, como é sobejamente conhecida, sempre extrapolou a dimensão religiosa para revestir-se de conotações altamente políticas. Para desenvolver o trabalho de catequese já no período colonial chegaram à Amazônia as ordens religiosas dos Franciscanos da Província de São. Antonio, dos Carmelitas, dos Mercedários, dos Jesuítas, dos Franciscanos da Província de Nossa Senhora da Piedade e Capuchos da Conceição da Beira e Minho, instalando aldeamentos que deram origem a muitos municípios paraenses.

Artur Reis divide a história eclesiástica da Amazônia em três épocas: a primeira, datando das hordas iniciais do forte do Presépio, a segunda do Consulado Pombalino, a terceira do Bispado de D. Macedo Costa que ainda estaria em andamento por volta da primeira metade deste século. Caracteriza hoje uma nova fase a criação das Prelazias ocorrida nos últimos tempos e que marcam a nova organização da Igreja na Região.

A Prelazia do Rio Negro integra a Província Eclesiástica de Manaus, que corresponde à Região Norte I da CNBB. Uma bula papal é o documento eclesiástico que a oficializa sendo cada uma das prelazias amazônicas entregues à determinada congregação religiosa tendo a frente um bispo.

CONFIDENCIAL
03.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

A do Rio Negro e de responsabilidade dos Salesianos:

Várias Prelazias estendem sua ação a áreas indígenas, sendo que, não obstante essa especificidade, obedecem a uma linha tradicional de atuação visando transformar o Índio num cristão civilizado. Um empenho para novos rumos na ação missionária fatalmente viria a requerer uma séria revisão nos seus métodos de trabalho e, no sentido de contribuir para esta atitude auto-crítica, uma equipe composta por um antropólogo, um médico, um sociólogo e um assistente social esteve na área da Prelazia do Alto Rio Negro por 20 (vinte) dias, fazendo observações e levantando dados que, analisados, constituem o conteúdo deste relatório.

CONFIDENCIAL 04

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1. METODOLOGIA

Para a avaliação do trabalho missionário no Alto Rio Negro, foi montado um esquema metodológico que permitisse a obtenção de dados diretos pela observação e contatos na área, incidindo esta observação sobre a ação missionária e sobre os povoados sendo, na medida do possível, abrangente aos vários aspectos da vida comunitária. Desta forma, para a abordagem dos povoados e sedes bem como dos próprios prelados, usou-se o recurso técnico da entrevista formal, informal, e das reuniões. Ambos, segundo um roteiro montado em consonância com o caráter avaliativo do trabalho. Assim é que resultaram dois esquemas para orientação da observação:

1º ESQUEMA: - 1. EQUIPAMENTO E INFRA ESTRUTURA COMUNITÁRIA

- serviços nas várias áreas

2. RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS

- atividade econômica básica

- relações de troca ou comercialização (negócios, aviamento).

- participação e decisão comunitária. Associativismo

- divisão de trabalho. Proteção. Remuneração

- estratificação interna e externa

- valores

- sistema de propriedade

- liderança

3. SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO

- estrutura educacional

- recursos humanos e financeiros

- equipamento

- tipo de ensino

- alunado atendido

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

- currículos e adequação
- processo de destruição cultural no ensino
- Internato e seminternato
- aulas e práticas religiosas

4. SITUAÇÃO DA SAÚDE DA COMUNIDADE

- equipamento
- atendimento
- recursos humanos e financeiros

5. TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS

- frentes de expansão
- prelazia
- exército
- FUNAI
- estrada
- outras frentes extrativistas

6. RELIGIÃO

- proselitismo
- ação social versus ação religiosa
- atuação missionária
- choque de valores
- formação antropológica dos missionários

- 2º ESQUEMA:-
1. Estrutura mental dos Índios (dificuldade de penetração na estrutura social). Crenças. Aprendizagem.
 2. Choque entre religiões: protestante, católica e indígena.
 3. Divisão hierárquica e entrada na sociedade brasileira na classe mais baixa, Estratificação inter e intra grupos. Atribuições do chefe.
 4. Destruição e esquecimento dos valores culturais, língua, costumes.

CONFIDENCIAL

06

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

5. Possibilidade de auto-suficiência econômica, dos grupos tribais.
6. As frentes de expansão. Perimetral Norte, No cidade. Aspirações. Infiltração do civilizado.
7. Mudança de linha de ação do prelado após o concílio. Diversificação de orientação.

Estes esquemas foram usados com bastante flexibilidade sendo que o segundo foi tomado como base para a entrevista com os padres, embora tenha norteadado também a observação direta sobre as comunidades indígenas.

Como fonte auxiliar a equipe teve acesso a documentos, processos, reportagens e relatórios, além de bibliografia específica.

Para a documentação foram utilizados, além do registro gráfico, gravadores, fotografias e slides.

Apesar dos excelentes recursos de locomoção pela presença do avião particular da SUDAM e dos barcos a motores colocados à disposição da equipe pela Prelazia, algumas dificuldades surgiram na abordagem comunitária pondo em risco a maior riqueza na obtenção de informações. Em primeiro lugar a presença constante dos missionários, que, embora necessária para facilitar a entrada dos técnicos, diminuiu a possibilidade de abertura dos indígenas. Embora a equipe tenha procurado anular essa inconveniência através da técnica de entrevista e reunião, tentando com perguntas indiretas chegar ao ponto almejado, constituiu-se um ponto negativo, não desejado, embora consciente, que veio limitar a avaliação.

A observação teve a duração de 20 dias incluindo os deslocamentos que se faziam somente durante o dia dado a ausência de infra-estrutura de apoio ao serviço da aeronave, que necessitou fazer suas aterrizações em bases visuais, durante o dia sempre pela parte da manhã, a partir de São Gabriel da Cachoeira.

Os locais visitados pela equipe (47 povoados) estão a seguir discriminados com respectivas datas:

Belém-Manaus - 01.08.76 (avião da SUDAM)

Manaus-São Gabriel da Cachoeira (Rio Negro) - 02.08.76
(avião da SUDAM) Trabalhos em São Gabriel - 02
e 03.08.76

Uaupês-Içana - 04.08.76 (catalina da FAB)

Povoados visitados:

- No Rio Içana acima da missão - 05.08.76: Sta. Cruz,
Nazaré, Ambaúba, Castelo Branco (lança).

- No Rio Içana abaixo da missão - 06.08.76: Mitucapon
ta, Piraiauara, Janacanã, Auxiliadora, Boa
Vista (lança).

- No Rio Negro acima de São Gabriel - 07.08.76: São Fe
lipe, Vila São Luiz (lança).

- Retorno a São Gabriel: - 07.08.76 (lança).

Uaupês-Taracuã (Rio Uaupês) - 08.08.76 (avião da SUDAM)

- Povoados visitados missão acima - 09.08.76: Ipanorê,
Urubuquara (voadeira)

- Povoados visitados missão abaixo - 09.08.76: Ananás,
Matapi (voadeira)

Taracuã-Pari-Cachoeira (Rio Tiquié) - 10.08.76

- Povoados visitados missão abaixo - 10.08.76: Bela
Vista, São João, Maracapã, Nova Fundação (voa
deira), Makus (a pē, em 11.08.76)

- Povoados visitados missão acima - 12.08.76 - São Do
mingos, São Paulo (voadeira).

CONFIDENCIAL 08

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Pará-Cachoeira-Iauarete (Rio Uaupês) - 13.08.76 (avião da SUDAM)

- Povoados visitados Rio Papuri - 14.08.76 - Anacapã, Sta. Luzia, Terezita (Colônia), (voadeira).

- Povoados visitados missão acima - 16.08.76: Melo Franco, D. Bosco, S. Miguel, Taiacu, Bacaba, Unari, Cuiubl (voadeira)

- Povoados visitados missão abaixo - 16.08.76: Louro, Juquina, Jacamim, Paranajuca (voadeira).

OBS: Dia 15.08.76 Realizamos trabalhos na Missão.

Iauarete-Cucui (fronteira com Venezuela) Colônia Militar (1 padre salesiano)

17.08.76 (avião da SUDAM)

Cucui-São Gabriel - 17.08.76 (avião da SUDAM)

- Povoados visitados missão abaixo - 18.08.76: Camanaus, Acará, Curicuriari, Itaquí (Lancha)

Uaupês-Manaus - 19.08.76 (avião da SUDAM)

Manaus-Belém - 20.08.76 (avião da SUDAM).

CONFIDENCIAL 09

2. SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL ÁREA:

Segundo Informações pessoais do Sr. Bispo da Prelazia do Alto Rio Negro, D. Miguel Alagra, a ação das Missões Salesianas se estende por uma área de 286.840 km² a partir da fronteira com a colômbia, alto Rio Uaupês, até a Comunidade de Moura, à margem do Rio Negro (1). Ao Norte, os limites coincidem com a fronteira da Venezuela e Colômbia e ao Sul com os municípios da margem do Rio Japurá. Abrange os principais núcleos de povoamento à margem dos rios formadores do Negro: Içana e Uaupês, bem como dos afluentes deste, Tiquiê e Papuri. Estes núcleos são: Iauaretê, Tunui, Pari-Cachoeira, Taracuã, Içana e Uaupês, hoje denominado São Gabriel da Cachoeira, Sede da Prelazia. A partir deste núcleo, caminhando a oeste, inclui ainda as comunidades de Natucã, Tapuruquara, Barcelos, Demeni, Carvoeiro e Moura (2). A concentração indígena ocorre a oeste de São Gabriel da Cachoeira, área que aqui será caracterizada como objeto de análise e cuja fundação data do século XVIII.

Há comunicação entre Manaus e estes núcleos via fluvial e aérea, estando em pleno andamento as frentes de expansão rodoviária, através da construção da Perimetral Norte, que corta a reserva florestal do Rio Negro, trazendo - com isto as contradições das frentes de expansão rodoviária em áreas indígenas (3). A comunicação aérea é não comercial e traduz-se pelo roteiro cumprido pelos aviões da FAB, um avião da SAGRES alugado para o exército e 1 avião da E.I.T. Sabe-se, todavia, que há perspectivas de uma empresa particular de aviação iniciar uma linha regular até Pari-Cachoeira, em avião Bandeirante, embora atualmente, como fomos informados, taxis aéreos façam frete para a área. A fluvial é acrescida da comercial, com a presença dos "negatões", não havendo a penetração deste tipo de motores somente em Iauaretê, em virtude da cachoeira de Ipanorê. Os transportes de grande calado só penetram até Tapuruquara.

- (1) Anexo I - Mapa 1 - Prelazia do Rio Negro segundo a Divisão Eclesiástica do Brasil.
 (2) " - Mapa 2 - Distribuição das Missões ao longo da Prelazia do Rio Negro.
 (3) " - Mapa 3 - Área cortada pela Rodovia Perimetral Norte e Vicinais.

CONFIDENCIAL

10

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Como diz Galvão, trata-se de uma área de fronteira, excluída a simples conotação de limites com repúblicas vizinhas, sobretudo considera-se aqui o sentido de região onde "ainda se processa um encontro de culturas: a indígena e a nacional, e a emergência de uma nova sociedade mestiça e cam-pesina" (1). As sedes, povoados e sítios estão localizados às margens dos rios. Estas sedes apresentam rudimentos de vida urbana, podendo caracterizar-se a área como de predomi-nância rural, pela atividade própria do contingente indígena dominante: extrativismo e agricultura rudimentar. É região de floresta, de grande beleza pela sua composição física, on-de contrastam e, ao mesmo tempo, se integram e se completam, rios, florestas, corredeiras, cachoeiras e morros de pedras. O seu isolamento relativo contribuiu para a preservação de traços da cultura indígena, hoje em contínuo processo de ex-tinção pelas fontes de contacto, embora não se trate de re-gião colonizada somente agora. Segundo ainda Galvão, um dos maiores estudiosos das tribos indígenas dessa área, data de 1669 o primeiro contato, "entretanto a conquista e apropria-ção da terra, como a assimilação do seu habitante indígena, até hoje não se consumaram" (2). Patentea-se na área a dis-tância do polo mais próximo que poderia irradiar o seu cres-cimento, Manaus, não tendo sido previsto na seleção de polos de desenvolvimento um núcleo pelas proximidades. Disto re-sulta incipiência de recursos e infraestrutura capazes de atender a população indígena local que, na maioria das vezes passa a ser atendida pelos países vizinhos (ocorrência mais frequente com a Colômbia). Como para o indígena a fronteira é um conceito de "civilizado", a interação interpaíses faz-se de forma dinâmica chegando a trazer sérias interrogações para o próprio índio da área brasileira que, conforme consa-tado, questiona:

- onde estamos? no Brasil? na fronteira? na Colômbia?
o que é que sou? Colombiano? Brasileiro?

A única certeza que eu tenho é que sou Índio (3).

(1) Aculturação Indígena no Rio Negro - Galvão, Eduardo - Mu-seu Goeldi.

(2) Ibid

(3) Declarações do Índio Henrique, presidente da Cooperativa (ULFAC), em Parí Cachoeira.

CONFIDENCIAL 11

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

2.1 - Estatística populacional:

Não há consenso nos dados estatísticos globais para a população dos afluentes do Alto Rio Negro. Segundo dados gerais do projeto da FUNAI para a área, ali habitam aproximadamente 12.000 indígenas. Estampa a reportagem da revista *Veja* nº 402, de 19 de maio de 1976, a estimativa de 15.000 índios. Já para o Bispo da Prelazia ali localizada, que utiliza para algumas áreas informações do Censo, a população total da área, compreendendo os municípios de São Gabriel, Santa Izabel e Barcelos corresponde a 30.505 habitantes, sendo que o contingente de autoctones seria de 17.522, dos quais 13.967 situar-se-iam em S. Gabriel (9.729 precisamente no Rio Uaupês e seus afluentes). Em São Gabriel estaria residindo uma população total de 17.367 habitantes, considerando-se o contingente de 2.725 caboclos e 68 civilizados, conforme quadro estatístico anexo da Prelazia do Rio Negro - 1972 (1).

Esta estatística, para Peter Silverwood, apresentar-se-ia super-estimada. O antropólogo usou, de maneira comparativa, o levantamento da FUNAI procedido em 1968 por Ney Land e Hélio Rocha, a estatística das Missões de 1972 e o seu próprio, concluindo: "observamos que as estatísticas populacionais das Missões, nos casos que verificamos, sempre exageravam. Por exemplo, em dezesseis povoados do alto Rio Uaupês contamos um total de 555 indígenas, enquanto, segundo a Missão, são 979, quase o dobro". Embora atentando-se para alterações possivelmente ocorridas em 4 anos (os dados foram levantados em 1972/73) parece ser estranha essa constante redução. Não se encontra explicitada a metodologia de coleta de Peter que, pela sua qualificação antropológica, deve ter superado as diversificações de conceitos quantitativos. Como obteve esse resultado? Obteve o dado via informante? Conferiu pessoalmente? Constatou a e-

(1) Anexo II - Dados estatísticos da Prelazia do Rio Negro - número de habitantes por grupos étnicos.

CONFIDENCIAL⁰¹²

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

culpe de estudo na área, após algumas abordagens comunitárias, quão difícil pode tornar-se a coleta de certas informações. Em primeiro lugar, a contagem do Índio nem sempre corresponde a do civilizado. Em segundo lugar o número de "pessoas" para a maioria, senão para todas as tribos indígenas, significa tão somente o número de "homens", consideradas excluídas na categoria de pessoas as mulheres e crianças.

Verifica-se no quadro fornecido pelas Missões sobre a estatística dos habitantes da área servida pela Prelazia, o total de 17.367 habitantes para São Gabriel com a presença de 13.961 indígenas, 2.725 cabiaços (1) e 681 civilizados, distribuídos por tribos indígenas segundo municípios, conforme o Anexo II.

A presença de caboclos é dominante em São Gabriel e Cucuí, áreas de frente de expansão do exército, com alguns poucos em Içana e Pari-Cachoeira. Quanto ao maior contingente de indígenas, dá-se, por ordem, entre os Baniwas (2440), Tucanos (2422), Makus (1777), Tarianos (1583) e Dessanos (1040), sendo que a maior concentração de Tucanos se verifica em Tauaretê, de Baniwas em Içana e de Makus em Pari-Cachoeira.

Os povoados do município de São Gabriel da Cachoeira apresentam, em alguns casos, relativa mobilidade populacional, horizontal, segundo informações do Padre Diretor de Pari-Cachoeira e dos próprios indígenas, sendo que se dá a migração inclusive para países vizinhos. As razões que a motivam são:

- a) deslocamento das mulheres para o povoado dos maridos em caso de casamento;
- b) busca de melhores oportunidades de trabalho em outras áreas;
- c) demanda pela aprendizagem nos internatos da Prelazia.

(1) Designação dada aos resultantes do cruzamento de Índio com branco.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

- d) formação de novos grupos independentes em decorrência de conflitos intratribais;
- e) divisão resultante do aumento populacional de determinado grupo.

Ilustrando o Item "d", informamos o declarado pelo Padre Carlos Galli a respeito do ocorrido num grupo Baníwa por causa de um atrito entre dois índios: um dos envolvidos encomendou a morte do seu oponente, através da ação de um terceiro e, com medo da vingança dos familiares do morto, desapareceu levando consigo toda a sua família. A dra. Adélia, do Museu Emílio Goeldi, informou-nos ainda que há anos passados veio fugido para o Brasil, proveniente da Colombia, o genitor do tuxaua Mário (por nós entrevistado), atualmente residente na aldeia de Nazaré às margens do Içana, em consequência de um conflito que este tivera com grupos daquela região.

Concluimos, ser difícil a confirmação estatística de qualquer fonte que tenha procedido levantamento estatístico na área, em virtude do curto período de tempo disponível para uma observação mais detalhada. Restringimo-nos, por conseguinte, a informar a população existente segundo estatística das Missões (1) e segundo estatística do antropólogo Peter (2). Como se verifica, nem aquela e nem este, apesar de sua tentativa, forneceram dados estatísticos completos, especificando número de habitantes por povoado. Para informação mais completa, anexamos quadros detalhados indicativos dos povoados das várias missões do município de S. Gabriel, sendo que, alguns deles, com informação da respectiva situação religiosa (3).

-
- (1) Já citada
 - (2) Anexo III
 - (3) Anexo IV

CONFIDENCIAL

014

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

3. FRENTE DE PENETRAÇÃO NACIONAL NO ALTO RIO NEGRO E AS COMUNIDADES INDÍGENAS:

3.1 - Os contatos que vem ocorrendo desde o período colonial:

Após a fundação do Forte do Presépio, em 1616, constituindo o marco da cidade de Sta. Maria de Belém do Grão-Pará, a ocupação do espaço amazônico processa-se lentamente, acompanhando a calha do Rio Amazonas e seus afluentes principais, começando pelos mais próximos até a desembocadura do grande rio. Somente em 1669 que Pedro da Costa Favela e Frei Teodoro, reunindo os Índios Tarumãs na boca do Rio Negro, criaram condições de construção da Fortaleza da Barra de São José, origem da cidade de Manaus. Em 1725, tropas milicianas portuguesas subindo o Rio Negro, alcançaram sua exploração até Marabitanas, acima da boca do Içana, iniciando-se, efetivamente, o processo de ocupação (com ênfase militar-religiosa) dessa área que hoje confina com as fronteiras da Colômbia e Venezuela. Posteriormente surgem Barcelos (antiga aldeia Mariuã e antiga capital do Amazonas) e São Gabriel da Cachoeira (antiga Uaupês).

A população autóctone sofre um processo de iberação, onde as instituições e o conjunto de ideias e crenças do civilizado representam os novos modelos de comportamento a serem absorvidos. Contudo, não foi pacífica a aceitação desses valores. Em diferentes momentos, ao longo dos contatos com civilizados, explodiram movimentos de revolta que exigiam a presença das tropas militares, a fim de rechaçá-los. O aldeamento se fazia, muitas vezes, por imposição e à força da manutenção de mecanismos de preamento através de "resgates" de prisioneiros indígenas, dos "descimentos", das "guerras justas" e da catequese missionária. Segundo Eduardo Galvão "era o Rio Negro habitado por um largo número de tribos como os Tarumãs, Passês, Barês e Manaos, de fala aruaque, cuja resistência ao invasor luso foi esmagada por expedições primitivas, como as de Belchior Mendes de Moraes, a de Pedro Costa Favela, arrasando 300 malô

CONFIDENCIAL 015

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

cas no Rio Urubu, e a de Miguel Siqueira que revidando um ataque dos Manaos e Mariuã fez de seu "maior número pasto das espingardas" (Baena, 1838:250) (1).

Durante o primeiro século de colonização, foi a população indígena dessa área uma das maiores fontes de mão obreira nos povoados e vilas que então se fundaram, participando também nas expedições de coleta de drogas do sertão, como chamavam aos produtos naturais e na experiência agrícola que aí se instalou em princípio do século XVIII (2). Parece bastante notório a não singularidade do processo de aculturação que vem sofrendo os índios do Rio Negro, uma vez se perceberem os mesmos procedimentos ocorridos historicamente com a colonização indígena em todo o território brasileiro.

Após os contatos iniciais, sucederam-se outras frentes vinculadas aos interesses da política portuguesa de expansão e domínio territorial aos da Igreja, em alcançar a catequese do gentio e do poder temporal nas novas terras, e finalmente dos interesses econômicos, naturalmente vinculados à metrópole e refletidos, em momentos históricos diferentes, na coleta de drogas do sertão, na agricultura incentivada pela política Pombalina e nas guerras que pontificaram um período de mudanças na Amazônia toda. Este último que começa a ter reflexos significativos na pauta de exportação da região a partir de 1870, constitui, também no Rio Negro, uma atividade básica e para onde se deslocam nordestinos e em escala reduzida europeus, que subiam o rio em função da ambição do lucro pela exploração das gomas.

Ocorre portanto, no período, uma relevante frente de expansão no contato com indígenas e decisiva na continuidade do processo de aculturação. Segundo pesquisadores da área, a mão-de-obra indígena se revela importante nas atividades dos seringais, dado já estar acostumada aos trabalhos extrativistas. Galvão refere que "Barcelos e os demais núcleos de povoamento aqui

(1) Sociedade Tribal e Nacional no Rio Negro, Amazonas.

(2) Sociedade Tribal e Nacional no Rio Negro, Amazonas.

CONFIDENCIAL

016

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Novo Povoado Nova e se tornam centros importantes de comércio (1). Até 1910 mantêm-se, de forma crescentemente intensiva, essa frente. Contudo, o aparecimento no mercado internacional de borracha originária da Ásia, por preços mais acessíveis e de melhor qualidade, reorienta as importações dos países industrializados, caindo drasticamente as importações da borracha amazônica. O fenômeno envolve uma retração sócio-econômica em toda a região, estendendo-se logicamente ao Rio Negro. Ocorreu uma migração de retorno, provocada pelo recrudescimento da atividade principal, apesar de continuar sua exploração e até mesmo ter sido introduzido o extrativismo de outras variedades como balata, sorva, ucuquirana, bem como cipó tixica e piçaba (2).

Resultou nesse longo processo de contato com o branco, que as tribos mais expostas às relações de trabalho como os Passês, Manaos e Barês (3) conheceram a extinção de sua autonomia cultural, tendo seus remanescentes sido integrados à cultura nacional, perdendo um patrimônio cultural valioso. Outros, porém, subindo os afluentes do Rio Negro, como o Içana e o Uaupês, refugiaram-se dessas frentes, logrando manter sua identidade tribal, apesar de terem absorvido inúmeros traços culturais civilizados, principalmente religiosos e o uso de objetos materiais variados. A conformação física desses afluentes foi elemento decisivo na garantia do razoável isolamento, dadas as dificuldades de acesso impostas pelas grandes distâncias de centros maiores, retardando a comunicação, as corredeiras e as cachoeiras. Apesar de tais obstáculos, hoje estão esses grupos continuamente em relações com frentes de contato, tais como missionários católicos e protestantes, FUNAI, comerciantes (regatões) e mais recentemente com o Exército, através grupos de Segu

(1) Galvão, Eduardo - "Aculturação Indígena no Rio Negro.

Boletim do Museu Emílio Goeldi - nº 7

(2) Oliveira, Adélia Engrácia - "São João - Povoado do Rio Negro - 1972 - Boletim do Museu Emílio Goeldi - nº 58.

(3) Galvão, Eduardo - "Aculturação indígena do Rio Negro" - Boletim do Museu Emílio Goeldi nº 7.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

rança da Fronteira e de construção da Perimetral Norte. Observa-se, ainda, que esporadicamente ocorrem contatos com missionários ou leigos principalmente ao lado da Colômbia, para onde se deslocam os Índios em busca de benefícios, para realizar trocas ou mesmo para estabelecer relações de trabalho no setor extrativo. Este se realizou principalmente na exploração da borracha, tendo os Índios do Içana e Tiquiê voltado ao Brasil de pois de dois, cinco ou mesmo dez anos de submissão à relação semi-escravagista.

Os "regatões" são barcos de pequeno porte, com finalidade de transportar mercadorias para venda nos povoados e deslocam-se durante dias de viagens de subida e descida dos rios. A maior densidade de transações é feita pelo sistema de trocas, recebendo o comerciante, do indígena ou caboclo, a farinha como produto principal, ao lado de outros tais como piaçaba, artesanato de fibras e cipós vegetais e algumas frutas onde se destaca, principalmente, a banana. Entre os produtos que refletem maior dependência ao civilizado sobressaem sal, sabão, pólvora, panelas, fazendas ou roupas feitas e em alguns casos, a aguardente. Raramente ocorre o uso da moeda, a não ser nos limites do "continuum" próximo a São Gabriel. Quanto mais distante desse centro, menor é a possibilidade de troca com o uso de bem intermediário. Os regatões são esporadicamente usados como meio de transporte de passageiros.

A província do Rio Negro destaca-se entre as de antiga ocupação missionária pois, desde o século XVII, já existia interferência catequética na região. Apesar das enormes distâncias dos centros civilizados, esta conseguiu provocar mudanças capazes de alterar, ao longo de mais de 300 anos, a conformação religiosa e cultural dos grupos tribais. Antropólogos estudiosos da

CONFIDENCIAL

018

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ãrea comentam que os estereótipos traduzidos pelos missionários (principalmente salesianos) envolviam uma aversão a tudo que constituísse cultura tribal, não tendo estes conseguido manter um equilíbrio entre a defesa do índio contra a exploração de colonos, seringueiros e, recentemente, do negatão e a valorização de padrões que envolvem as raízes da cultura autóctone. Mas, ao contrário, impunham a substituição de valores pelos da ideologia civilizada, o que provocou profundos reflexos na estrutura mental do índio, ao ponto de fazer com que estes se olhassem pelos estereótipos do civilizado, e passassem a considerar as suas tradições já de forma pejorativa e, portanto, desprovidas de valor. Este procedimento não foi apanágio dos missionários católicos, podendo ser observado como a tónica dos religiosos de todos os credos desde o século XVII. Mesmo agora - quando ainda se mantêm tal estrutura de dominação foi por nós observado fatos semelhantes, ao conversarmos no dia 5/8/76 com o tuxaua Vingílio, hoje capitão e pastor do povoado de Taiacucãseira, que se negou corajosamente, mandar o seu povo encenar antigos cantos e danças indígenas pelo fato de considerar "pecado" e se praticadas, tudo passaria "a não dar certo na vida do povoado". Se quiséssemos, eles entoariam músicas religiosas protestantes pois só trazem benefícios. O mesmo observou-se quanto ao "Dabokuri" rito que preside a oferta de presentes entre tribos, que não mais praticam por constituir "pecado". Foi dado a perceber em povoados de missões salesianas, acentuados estereótipos brancos representados pela população indígena.

A influência é mais forte no alto Rio Içana, nas comunidades protestantes (ver quadro anexo III) onde a preocupação pelas coisas sagradas é acentuadamente viva, reunindo-se o povoado às primeiras horas da manhã, até por volta das 9 horas e ao cair da tarde, para sessões de orações e cânticos, tendo como elemento presente, em todas as casas, a Bíblia em Baniwa ou Nyengatu.

CONFIDENCIAL 019

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

A vida da comunidade gira praticamente em torno da religio-
sidade, assumindo os capitães as funções do pastor
e os modelos de comportamento são tomados das orienta-
ções contidas no livro sagrado (1).

Os principais centros das missões salesianas no
Rio Negro são: S. Gabriel da Cachoeira (ex-Uaupês) no
Rio Negro, Assunção no Rio Içana, Taracuã e Iauaretê -
no Rio Uapês e Pari-Cachoeira no Rio Tiquiê. As missões
protestantes das Novas Tribos do Brasil se encontram
alocadas em 3 centros e, recentemente, tratam de insta-
lação de mais um em Tunui (Alto Rio Içana). Os primei-
ros estão assim distribuídos: no Rio Demeni, onde se en-
contram 3 casais trabalhando entre os Índios Waikãs; no
Rio Padauri também entre Índios Waikas e cujos brancos
missionários são 3 casais; na foz do Içana, povoado co-
nhecido por Estancamento ou Boa Vista, onde 1 casal e
mais 2 moças estão trabalhando. Todos eles possuem cam-
po de pouso e rádio-comunicação com Manaus. As Missões
Novas Tribos do Brasil conta, atualmente, com razoável
quantidade de pessoal trabalhando em diversas áreas do
Estado do Amazonas ou seja, 152 pessoas entre pastores
e voluntários, sendo 120 estrangeiros e 32 brasileiros.
Daqueles, a maior participação é de americanos, tendo po-
rém a presença de canadenses, ingleses e alemães.

O antigo SPI e, atualmente, a FUNAI também consti-
tuíram uma frente de contato recente com essas popula-
ções. Estão alocados em 3 pontos em toda a área do Rio
Negro e afluentes, assim discriminados: Posto de Iaua-
retê, no Rio Uaupês; Posto de Cauaburis no rio do mesmo
nome e Posto de Ajuricaba no rio Demeni.

Recentemente, com o avanço das fronteiras econômi-
cas de civilização, através principalmente da intensifi-
cação de planos de construção de estradas que cortam a
mata, ligando o norte às grandes cidades do sul do país

(1) Vide "Porções da História Sagrada em Nyengatu" - a
nexo V - usada pelo pastor na sua tarefa catequétic-
ca.

CONFIDENCIAL

020

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

a exemplo da Belém-Brasília e Culabã-Santarém, bem como núcleos urbanos da Amazônia entre si, como a Transamazônica, e, especialmente, para o caso do Rio Negro, a Perimetral Norte - aumenta o impacto da cultura civilizada sobre as populações indígenas ou mestiças. Assim é que parece irreversível pensar na redução do ritmo de mudanças culturais, uma vez estar agora praticamente consagrada a aceleração com a nova fronteira de expansão de estradas. Não só chegam soldados, comerciantes e equipes de engenharia de construção trazendo traços novos à área, bem como muitos índios ou mestiços são absorvidos como soldados na área de fronteira a exemplo de Cucuí, e nos trabalhos de estradas, apressando seu processo de integração. Segundo informação obtidas em Cucuí, 30 a 40% dos soldados do Exército são rapazes da área, enquanto em São Gabriel praticamente vem trabalhando para o exército cerca de 20% do batalhão de soldados lá instalados.

5.2 - A Prelazia do Alto Rio Negro:

A Congregação Salesiana, fundada em 1841 por São João Bosco, a par de suas atividades características de educação da juventude, logo ingressaria no campo missionário, chegando também no norte do Brasil.

Desde o século passado, vários bispos da Amazônia demonstravam seu interesse pelo trabalho Salesiano junto aos grupos tribais da região. Segundo D. Pedro Massa, em 1908, o Bispo da Diocese de Manaus (já desmembrada de Belém) D. Frederico Costa, em viagem a Roma, após ter visitado todo o Vale do Rio Negro, solicitou de Pio X sua interferência para a evangelização da área e conseguiu em Turim a Ordem Salesiana para tal empreendimento. O Papa, em entendimentos com os Superiores Salesianos, determinou o início dos trabalhos missionários.

Pelo decreto da Sagrada Congregação da Propaganda Fidei, de 18 de julho de 1914, os Salesianos ficaram encarregados da Missão do Rio Negro, constituindo-se em

CONFIDENCIAL 021

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Prefeitura Apostólica. Nesse mesmo ano, os primeiros missionários chegaram em São Gabriel da Cachoeira, onde fundaram a residência que seria a base das atividades na área. Os salesianos, aos poucos, foram edificando a impressionante estrutura das Missões Salesianas do Alto Rio Negro, à custa de sacrifícios próprios e dos indígenas.

Morto o primeiro Prefeito Apostólico, Pe. Lourenço Glordano, foi nomeado para a função, a 19 de dezembro de 1920, o Pe. Pedro Massa, que em 1925, passou a ser administrador Apostólico e, finalmente, Prelado do Rio Negro, a 19 de maio de 1941, quando foi sagrado Bispo em Niterói. A Prelazia contou por algum tempo, com um bispo coadjutor na pessoa de D. João Marchese, atualmente em Roma. Após D. Pedro Massa, sucedeu-lhe o atual Prelado D. Miguel Alagana.

Quem visita as Missões Salesianas do Rio Negro, fica invariavelmente impressionado com a imponência de seus prédios (em relação ao meio), expressando muito bem, o poder missionário na área. É fácil deduzir a demanda de recursos necessários para as edificações das suas estruturas físicas, além das dificuldades enfrentadas para construções daquele porte, em distâncias de difícil acesso, que jamais poderia ser concretizado sem o poder econômico da igreja. Por outro lado, esta imponência, aliada ao tratamento paternalista concedido inicialmente aos indígenas, fez parte de um conjunto de recursos carismáticos, de fundamental importância para a consecução dos objetivos de conquista.

Em suma, na base de todo esse empreendimento, houve sempre a demanda de recursos financeiros e institucionais como condição "sine qua non" para tais realizações. Entre outros meios, as Missões sempre tiveram uma substancial participação de recursos dos Governos, autoridades e instituições. Em geral todos os presidentes da República, desde o Dr. Epitácio Pessoa, Washington Luiz, Arthur Bernardes, Marechal Eurico Gaspar Dutra e vários de seus ministros, atenderam, de alguma forma, às repetidas e às ve

CONFIDENCIAL₀₂₂

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

zes insistentes solicitações com que o Prelado do Rio Negro recorria-lhes. Há dois Presidentes porém, que os salesianos reputam com especial destaque: O Presidente Getúlio Vargas e o Dr. Juscelino Kubitschek. Segundo o próprio D. Massa, "Getúlio Vargas foi um pai para as Missões inicialmente como chefe provisório do Governo e, em seguida, como presidente constitucional, nunca recusou as providências que se lhe apresentavam para a vida e progresso nas fronteiras do Brasil, como a Colômbia e Venezuela, através da obra missionária" (1). Foram inúmeras as atenções desse presidente para com as missões salesianas interessando-se, até mesmo, pela aprovação da lei por ele sugerida que consignava o subsídio anual de trinta e cinco milhões de cruzeiros à Prelazia do Rio Negro.

Em fins de outubro de 1958, o então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, acompanhado por uma comitiva de 30 pessoas, visitou as Missões Salesianas do Rio Negro. Posteriormente, expressou sua admiração, falando na Televisão ... "obras e construções colossais e modernas, atendendo às exigências da civilização, centenas de crianças agitando bandeiras ao canto do Hino Nacional, gritando vivas com entusiasmo patriótico. Constituíram um conjunto de supresas e de admiração, que não poderei tão cedo esquecer" (2). Um dos reflexos dessa impressão, pode-se verificar no ofício anexo V(3).

Os governos atuais também tem dispensado atenções para com a obra em apreço, haja visto a subvenção do MINTER/SUDAM. A Prelazia conta, também, com cooperação de várias outras instituições quer brasileiras, quer estrangeiras, como a ADVENTAT, MISEREOR, CARITAS, etc.

(1) já citada

(2) ibid

(3) correspondência oficial

CONFIDENCIAL 023

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Constatamos serem realmente majestosas as construções das missões em todas as comunidades por nós visitadas, contrastando com o aspecto geral das moradias dos povoados. Note-se que suas instalações continuam em expansão, caso que comprovamos em São Gabriel onde se encontra em construção um prédio moderno (escola) ao lado dos antigos.

O objetivo que norteia toda a ação missionária é de caráter ideológico religioso, estando subordinada qualquer outra atividade a este princípio, haja visto que em quase todos os povoados encontram-se capelas ou igrejas feitas de cimento e zinco. Observa-se, todavia, bastante expansão nas atividades educacionais a nível de instrução formal, segundo padrões gerais das escolas brasileiras com pequenas adaptações.

As missões são em número de 14, abrangendo os municípios de Uaupês (1) Tapuruquara (2) e Marikauã; algumas, como se verifica, tiveram seus nomes indígenas substituídos por nomes de santos da igreja católica. Em cada uma das missões, as instalações são tradicionais e amplas. Quanto às escolinhas da comunidade, são rudimentares, de chão batido, paredes de barro e cobertas de palha.

A estratégia de ação social missionária faz-se através da estruturação de sub-grupos de povoados (as chamadas comunidades de base) onde a missão introduz um catequista que comporá, com outros elementos do grupo, a organização interna do mecanismo de abordagem dos padres e freiras. O Tuxaua faz parte desta representação comunitária, porém seu antigo poder dos tempos tradicionais foi visivelmente enfraquecido.

Como diz Peter Silverwood-Cope "qualquer descrição ou análise de assunto social, econômico, político ou religioso da área indígena do Uaupês torna indispensável e

(1) São Gabriel da Cachoeira

(2) Santa Izabel

CONFIDENCIAL 0254

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Inevitável tomar em consideração extensa as missões". Inegavelmente a Prelazia é poder político, econômico e religioso na área. A ela está subordinada a orientação religiosa, a instrução formal, a assistência médica, o monopólio do comércio etc. Outros organismos na região que não se submetam ao entrosamento com a Prelazia, fatalmente entram em conflito com esta, como foi o caso de Barcelos onde, segundo o Bispo, o prefeito entrou em atrito com a Prelazia por motivos políticos o que culminou com a sua queda; como foi o caso da FUNAI que hoje se encontra em litígio com as missões, parecendo estar D. Miguel consciente de seu poder e prestígio neste caso, quando afirmou "por causa do relatório onde fala das Missões, Peter terá o seu contrato com o Governo Brasileiro cancelado"(1) como testemunhou ainda uma antropóloga do Museu Goeldi, que disse ter sofrido restrições em sua ação de pesquisa por parte de D. Miguel, que fez tudo para obstaculizar o seu trabalho.

Inegavelmente o desempenho da Prelazia mereceria méritos, se fosse possível anular comportamentos e crenças invalidadoras da cultura tribal. Reconhece-se, porém, a dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de se abstrair o conjunto de idéias que presidem normalmente o trabalho missionário. acentua-se mais o problema por serem os salesianos totalmente desconhedores das mais elementares bases da ciência antropológica inconcebível em pleno século XX quando se trata de questões de fricção inter-étnica e logicamente das peculiaridades da estrutura cultural das tribos o que resulta normalmente em interpretações errôneas sobre o comportamento indígena, o que para eles legitima perfeitamente, a urgência de substituição pelos valores civilizados. Impressionou-nos, sobremaneira, uma entrevista

(1) Sem discutir a veracidade da afirmação, registra-se o pronunciamento para que seja verificada a forma de pensamento do bispo.

CONFIDENCIAL 025

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ta com certo estudioso salesiano, ex-professor de Universidade em São Paulo e dedicado por longos anos ao estudo da civilização do Uaupês, estando no momento trabalhando na elaboração de um dicionário da língua tukana, quando nos revelou que os Índios constituem "raça de baixa qualidade", incapazes de assumir a cultura civilizada, tendo o QI de crianças civilizadas de 4 a 5 anos e só ser possível seu desenvolvimento se miscigenado com o branco. Observou-se, porém, que os testes aplicados foram decalcados em padrões internacionais da cultura civilizada, o que revela desconhecimento das abordagens científicas de Biologia e da Antropologia - avaliar a capacidade de um grupo em produzir cultura, segundo parâmetros de outra sociedade. Ressalvese, a bem da verdade, não estarem todos salesianos, padres ou irmãos, envolvidos por tais idéias. Percebe-se variações individuais e grupais na atuação de Missão para missão, na Prelazia. Alguns são mais sensíveis à cultura indígena, quando a lucidez de percepção muitas vezes depende de individualidade. Nas Missões de Pari-Cachoeira e Tauaretê, por exemplo, percebe-se uma abertura bem acentuada aos padrões locais, valorizando suas danças, línguas, etc. Contudo, em outras localidades, percebe-se uma acentuada rigidez na transmissão de valores religiosos e culturais em geral, constituindo um desrespeito à organização nativa. Muitas vezes são interpretados como "feios" aqueles costumes trazidos pelos alunos internos, mesmo não sabendo justificar ao nível da cultura tribal.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em abril de 1972, com referência aos novos métodos de ação a serem postos em prática junto aos Índios, apresentou várias diretrizes, entre as quais se podem destacar os seguintes pontos básicos: a integração "é um processo recíproco em que os brancos devem ser educados, também, para receber grupos indígenas" ... não exigindo "necessariamente a desingenização" ... devendo-se "cuidar de integrar tribos e comunidades indígenas e não apenas indivíduos isolados, o que os leva a uma triste marginalização"; "dar preferência à perspectiva evangelização em lugar de catequese", conceituando-se "o povo não pagão mas religioso", "o Índio

CONFIDENCIAL 026

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

é o primeiro dono da terra", cumprindo-se defender-se sem direito sobre ela antes de "qualquer proteção, aculturação, integração ou catequese" (1).

Verifica-se, portanto, na Igreja Brasileira, um empenho para novos rumos na ação missionária, embora com um alcance ainda limitado, principalmente porque requer o reconhecimento de erros, como apontados em algumas invocações da ladainha penitencial rezada em Goiânia na Missa pela morte do missionário Pe. Rodolfo Lunkenbein (ligado ao CIMI) e do Índio Simão, assassinado por fazendeiros e posseiros em Meruri - MT, aos 15.8.76:

- Pelos pecados da própria Igreja, tantas vezes instrumento do antigo e do novo colonialismo, vos pedimos perdão, Senhor.
- Pelo orgulho e ignorância com que desprezamos a cultura dos povos indígenas, em nome de uma civilização hipocritamente chamada cristã, vos pedimos perdão, Senhor (Boletim do CIMI, nº 30 - julho de 1976 - pag. 22).

Numa global avaliação do exposto nota-se que, se de uma feita, a ação missionária apresenta ainda defasagens e controvérsias, por outro lado a mesma FUNAI, que representa a política indigenista oficial, está sempre enfrentando problemas, seja na garantia de áreas indígenas, seja na aplicação da política de integração, haja visto o amplo noticiário a respeito que constantemente é divulgado nos meios de comunicação.

Não se pode, porém, deixar de reconhecer, conforme observação de Expedito Arnaud que "nos dias atuais podem ser considerados como afins os pressupostos dos antropólogos, missionários e legisladores oficiais no que respeita à política de integração indígena. As divergências e mesmo atritos que não raro ocorrem, são provocadas pelo modo como cada qual considera que tais pressupostos devem ser

(1) CNBB, 1974 - Apud Arnaud

CONFIDENCIAL⁰²⁷

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

desenvolvidos ou pela maneira como atuam em função disso os agentes executores. Todavia, face à própria iniciativa da FUNAI, uma ampla cooperação já vem ocorrendo no sentido de serem encontradas as melhores soluções possíveis para os múltiplos problemas indígenas" (1).

(1) Arnaud, 1976; Integração Indígena.

CONFIDENCIAL 028

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

4. AS COMUNIDADES DO ALTO RIO NEGRO

Os povoados existentes em grande número no Rio Negro e afluentes são originários de antigas aldeias indígenas, localizando-se, em geral, em sítios altos, defendidos das enchentes periódicas. Ao voltar o rio ao leito normal, as pessoas que pretendem chegar aos povoados tem que escalar um bom pedaço de barranco.

As missões localizam-se em bonitos sítios e constituem-se em pequenos núcleos urbanos, uma vez encontram-se servidos por escolas de 1º grau com internato, igrejas, posto de troca de produtos; excetuando o Içana, possuem ainda hospitais, em geral com funcionamento incipiente, aeroportos onde pousam aviões da FAB ou particulares, e em alguns casos o correio. No município de Uaupês a FUNAI mantém um posto em Tauretê.

A situação atual das missões lembra como teria o Brasil colônia sido povoado e ibericizado sob a ideologia cristã, observando, como tônica natural e constante, a presença central das Igrejas, prédios em geral imponentes como já foi dito, ao centro da missão e ladeados de outras casas não menos imponentes que são o colégio, a casa dos religiosos e o hospital. Ao lado desse conjunto encontra-se, inicialmente, um povoado onde reside a população ameríndia e que, pela proximidade de contato com os missionários, assume mais rapidamente os valores por estes consagrados, estando as casas especialmente dispostas em ruas abertas sob uma orientação normalmente urbana formando quarteirões. A grande maioria dos índios dessa região localiza-se às margens do rio. No entanto, existem outros (Makus) que culturalmente estão mais integrados à floresta, mantendo um distanciamento maior do processo de aculturação provocado pelos contatos com brancos. Daí se fazer a distinção que não é só geográfica, mas profundamente cultural, de "índios do rio" e "índios do mato". Nas relações sociais dentre eles, sobressaem traços de uma organização estratificada, onde aqueles são considerados

superiores pela origem e pela cultura. Os Índios do mato (Makus), arredios ao branco e até certo ponto dependentes em relação aos Tukanos, são numericamente menores e dedicam-se a atividades de coleta e, atualmente, dado a influência missionária, já preparam pequenas roças, conforme informaram as freiras. São por natureza nômades. Recentemente as missões iniciaram trabalho com esse grupo e uma das medidas operativas é centralizar várias aldeias em um povoado, tentando fixá-los em torno de uma escola e da agricultura, com a presença de voluntários que também residem no local, incentivando atividades, inclusive de artesanato. Tivemos oportunidade de visitar um povoado Maku no Rio Tiquiê, a duas horas de marcha em picadas na mata, vinculado à Missão de Pari-Cachoeira, onde reside um casal de voluntários com sua filha de 2 anos.

Tanto os Índios do Içana (Baniwa) ou de Uaupês e afluentes (Tukano, Dessano, Uanano, Tuiuca, Pina-Tapuia, Cubeo, Tariano, etc) são exogâmicos, patrilocais e patrilineares. Normalmente quando se pergunta o número de membros da família, contam apenas os homens adultos. Mulheres e crianças constituem categoria diferente. Apesar de residirem em casas nucleares, mantêm a organização antiga de "clãs e metades" o que é possível se perceber em alguns povoados pela distribuição espacial das casas na aldeia (como a de Nazatê no Rio Içana) conforme constata a antropóloga do Museu Goeldi. (1)

Sendo grupos exogâmicos na organização familiar, as regras estabelecem que os homens ao casarem, mantêm o local de residência nas proximidades da casa do pai, construindo uma moradia para a jovem família e indo buscar a esposa em outras aldeias de tribos diferentes. Reside essa escolha numa hierarquia de valores de acordo com a posição no espaço social que se encontram as tribos diferentes. A exemplo, um Tuka

(1) Oliveira, E. Adélia.

CONFIDENCIAL ⁰³⁰

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

no dificilmente iria buscar esposa entre os Makus dada a situação inferior na escala de valores que se encontra esse grupo. Segundo informações, um Índio de língua Tukano, viúvo e velho, pela dificuldade de conseguir esposa em grupos hierarquicamente próximos, pode casar com uma Haku jovem.

Se bem nos povoados se perceba uma atividade econômica (agricultura, pesca, caça) ao nível de família nuclear e também a individualidade familiar da residência, a aldeia constitui uma unidade econômica refletida pelos constantes "aju nis" (2) para preparar o roçado, as residências e a caça para todo o povoado, além de considerarem como maior "pecado" a avareza, o que parece constituir um mecanismo de controle social para evitar a acumulação de bens por parte de uns, enquanto outros correriam o risco de ficar em situação caracteristicamente bem inferiorizada. Desta forma, aqueles que porventura tenham sua roça fracassada ou com produção insuficiente à subsistência, podem contar com o suprimento por parte daqueles melhores sucedidos. Segundo informações do Pe. Scolano, os Índios criticam e não percebem as razões pelas quais as missões armazenam grandes quantidades de víveres, capazes de suprir dois meses as necessidades de consumo do colégio e dos religiosos, quando a população ribeirinha tem poucas alternativas de consumo. Para eles, os missionários são avarentos, ou seja, cometem o erro consagradamente rejeitado pela cultura indígena. A mentalidade do Índio parece não ter sido ainda tão violentada quanto aos interesses individualistas da sociedade capitalista em contato. São realmente ainda coletivista.

Na organização social do grupo, a divisão do trabalho encontra-se presente, tendo os homens as incumbências de caçar, pescar, construir as casas, fazer a preparação do roçado, realizar as trocas, elaborar cestaria, dirigir o culto, as festas e a ordem no povoado, além de ser o elemento com poderes de defender a família de malefícios da natureza ou

(2) O mesmo significado de mutirão, putirum, etc...

CONFIDENCIAL

051

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

da inveja humana. Cabe a mulher, além dos serviços domésticos, o plantio, a colheita e transporte dos produtos da roça, a preparação da farinha (base alimentícia), a tecelagem de peças com a fibra do tucum e às velhas o cuidado com as crianças por serem todos os adultos jovens, força de trabalho ativa. Não se sabe se nos povoados em que existem escolhas, o professor ou professora tem roça, devido encontram-se constantemente ocupados no povoado. Embora na maioria dos visitados isto aconteça, em Aracapa não encontramos a professora no momento da visita, pois esta havia ido para a roça. Em alguns dos povoados visitados estavam presentes apenas velhas, doentes, o professor e as crianças que frequentam as aulas.

A posição que o professor assume na comunidade é de prestígio em relação aos demais, podendo ser observado pelo fato de ter estudado, falar a língua portuguesa, ter um certo conhecimento dos costumes civilizados, o que vem a constituir-se em valor, para os ameríndios, devido um processo acentuadamente longo de aculturação. Em reuniões realizadas, algumas vezes o capitão, por não falar o português ou por não saber se expressar regularmente, passava a palavra ao professor a fim de que este interpretasse o pensamento do povoado, mesmo não tendo ele maior hierarquia na organização grupal. O fato de ter como modelo próximo de civilizado os missionários, um ex-aluno (como o caso dos professores de colégios nas sedes da missão) torna-se, via de regra, um representante do mundo civilizado como modelo comportamental a ser adotado. Além disso, tem o professor uma remuneração em dinheiro que facilita a troca por qualquer bem e cuja posse é difícil entre os moradores, dado ser uma economia quase que estritamente de troca.

Apesar da separação política em fronteiras entre Colômbia, Venezuela e Brasil, as famílias tribais são vinculadas à mesma cultura e organização social. À margem esquerda do Papuri ou à direita do rio Uaupés, que constitui território colombiano, os povoados existentes não diferem dos brasileiros. Além de ter a mesma conformação espacial são o mesmo povo, de língua e cultura comuns. Contudo, diferem

CONFIDENCIAL⁰³²

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

da inveja humana. Cabe a mulher, além dos serviços domésticos, o plantio, a colheita e transporte dos produtos da roça, a preparação da farinha (base alimentícia), a tecelagem de peças com a fibra do tucum e às velhas o cuidado com as crianças por serem todos os adultos jovens, força de trabalho ativa. Não se sabe se nos povoados em que existem escolas, o professor ou professora tem roça, devido encontrarem-se constantemente ocupados no povoado. Embora na maioria dos visitados isto aconteça, em Aracapa não encontramos a professora no momento da visita, pois esta havia ido para a roça. Em alguns dos povoados visitados estavam presentes apenas velhas, doentes, o professor e as crianças que frequentam as aulas.

A posição que o professor assume na comunidade é de prestígio em relação aos demais, podendo ser observado pelo fato de ter estudado, falar a língua portuguesa, ter um certo conhecimento dos costumes civilizados, o que vem a constituir-se em valor, para os ameríndios, devido um processo acen tuadamente longo de aculturação. Em reuniões realizadas, algumas vezes o capitão, por não falar o português ou por não saber se expressar regularmente, passava a palavra ao professor a fim de que este interpretasse o pensamento do povoado, mesmo não tendo ele maior hierarquia na organização grupal. O fato de ter como modelo próximo de civilizado os missionários, um ex-aluno (como o caso dos professores de colégios nas sedes da missão) torna-se, via de regra, um representante do mundo civilizado como modelo comportamental a ser adotado. Além disso, tem o professor uma remuneração em dinheiro que facilita a troca por qualquer bem e cuja posse é difícil entre os moradores, dado ser uma economia quase que estritamente de troca.

Apesar da separação política em fronteiras entre Colômbia, Venezuela e Brasil, as famílias tribais são vinculadas à mesma cultura e organização social. À margem esquerda do Papurí ou à direita do rio Uaupés, que constitui território colombiano, os povoados existentes não diferem dos brasileiros. Além de ter a mesma conformação espacial são o mesmo povo, de língua e cultura comuns. Contudo, diferem na forma

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

na forma de contatos que tem mantido e na assistência dada por parte das autoridades institucionais dos territórios. A consciência de nacionalidade brasileira ou colombiana é duvidosa, falam como segunda língua, a portuguesa ou espanhola. Não foi dado a observar uma aceitação divisionária da sua cultura em função da nacionalidade. É comum participarem de festas do outro lado do rio, onde preparam "caxini" (1) para os momentos de encontro, bem como buscarem auxílio da missão ou mesmo de curandeiros autoctones de outra nacionalidade, quando em momento de doenças. Também ocorre o fenômeno do matrimônio exogâmico com tribos situadas em territórios além do limite do país. Esses costumes, portanto, não foram eliminados pelas fronteiras políticas, uma vez as fronteiras geográficas e cultural não se constituem barreiras. observamos no Papuri um grupo de Índios residindo no outro lado do rio em território colombiano. Segundo informações do Pe. Scolaro, tratam-se de índios "brasileiros".

A língua comum falada nos povoados é a do próprio grupo, quer o Baniwa no Alto Içana, o Nheengatu ou língua geral no baixo Içana e Rio Negro ou o Tukano no Vaupês e afluentes. Muitos velhos, boa parcela de jovens e grande número de crianças não tem domínio sobre o português, apesar de já se constituir um padrão aspirado. Internamente no povoado, falam sua língua mater, sendo que certas mães que tem filhos estudando nas escolas e que sabem o português, falam com eles esta última para facilitar o processo de alfabetização, segundo informaram, por orientação das missões, que tem, na dificuldade de idioma, um obstáculo para retardar o tempo de aprendizagem. Talvez a noção de tempo no civilizado, em que a alfabetização é considerada uma etapa breve de aprendizagem, reflita uma errônea noção no tempo de amadurecimento da absorção da língua e da alfabetização por parte do indígena. Este exigiria maior tempo.

(1) Bebida indígena fermentada, feita de raízes ou frutas (cará branco ou roxo, batata doce, cana, abacaxi, mandioca, etc), cuja quantidade e consumo variam na proporção da possibilidade do dono da roça poder oferecer.

CONFIDENCIAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Talvez seja viável uma rediscussão do tempo e da real necessidade de alfabetizar dentro dos padrões civilizados. O importante é que, em nome da aprendizagem formal, não se force a perda de uma posição bilingue que o povo do Rio Negro possa ter. É muito natural encontrar-se pessoas falando duas, três, quatro ou cinco línguas, às vezes incluindo o português. Conduzir um processo no qual se ensina apenas o português é contraditório aos próprios valores civilizados, que consideram categoria importante o de bilingue ou de poliglota.

Observa-se que a aprendizagem formal, incluindo o domínio da língua e da cultura civilizada (a escola em S. Gabriel já está funcionando com 1º e 2º graus), está se tornando, em parte, modelo de comportamento para as gerações mais velhas e crianças. Já se percebe um claro conflito nos valores de gerações. Raramente se observou jovens Índios tocarem em instrumentos rudimentares, as melodias belíssimas dos Tukanos. Seu tipo de festa preferida é regida ao som de eletrola, em discos, cuja composição melódica às vezes fica aquém daquela por nós percebida entre os antigos. O mesmo se pode dizer quanto a outros costumes, como o repentismo na saudação aos recém-chegados, tradicionalmente feito apenas pelas mulheres. Os jovens não sabem cantar as músicas tribais, apesar de terem razoável repertório de músicas sacras, tanto em aldeias protestantes, quanto nas missões salesianas. Certa ocasião, em festinha do "dia dos Pais", em Taracuã, presenciámos uma homenagem ao Bispo, com apresentação de um grupo de crianças de 4 a 6 anos mais ou menos, dançando o "Twist", ao som de uma eletrola. Este fato foi considerado pelas missionárias de forma valorativa.

4.1. Situação Econômica

As atividades econômicas dos grupos tribais do Rio Negro estão organizadas parcialmente sob a influência das relações comerciais consagradas no mundo civilizado, dependendo o consumo de produtos industrializados como fazendas, sabão, pólvora, fósforos, sal, etc, da aceitação que tenha o branco ou ca

CONFIDENCIAL 034

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

boclo daqueles bens produzidos pelos indígenas. Estes estão portanto, mesmo que informalmente, vinculados ao mercado produtor e consumidor brasileiro. Ainda que estas relações possam ser percebidas, a base da produção está decalcada na economia de subsistência, uma vez muito pouco produzem com a finalidade de gerar excedentes. A pequena quantidade desses excedentes é trocada com as Missões, com a FUNAI e com comerciantes ambulantes em seus barcos denominados de "regatão", dada a finalidade a que se propõem. Praticamente é uma área amonetizada, a não ser próximo a centros como S. Gabriel da Cachoeira, realizando-se a grande parte das transações, por permuta,

As atividades econômicas se resumem no extrativismo, agricultura, processamento da mandioca e no artesanato. Na indústria extrativista limitam-se basicamente a exploração da borracha (seringa, balata, ucuquirana e sorva), castanha, plaçaba e outros cipós e fibras. Sendo atividade complementar, é utilizada na comercialização para aquisição de alguns bens considerados pelos indígenas de primeira necessidade.

A atividade agrícola é principalmente direcionada à subsistência, sendo todavia responsável pela formação de pequeno excedente para trocas. O uso da terra é extensivo e a mão-de-obra é a própria família, a não ser que contem com a participação de índios das tribos Makus que, por serem inferiores na estratificação social, submetem-se ao trabalho, recebendo em troca apenas a alimentação. Normalmente as tarefas árduas na roça, tais como derrubada e a preparação para o plantio se fazem em forma de "ajuri", ou seja, mutirão que além de preencher um papel econômico na produção, envolve fortemente um caráter social. Em torno do ajuri, está institucionalizado o ritual de beber caxiri, sendo muitas vezes acompanhado de danças e comidas. Após um tempo suficiente para secagem das árvores derrubadas, tocam fogo no mato abatido, sendo que as árvores que não queimaram totalmente são empilhadas para nova queimada. Estas últimas atividades ficam a cargo da própria família. Apesar de se ter encontrado, na roça, nos terrenos, em torno das casas alguns pés de cana,

CONFIDENCIAL

035

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

cana, jirimum, abacaxi, macaxeira, batata doce, etc... o principal produto ainda é a mandioca, da qual fazem a farinha, o beijú e o tucupi. Descreve Galvão (1) que "a maniva de roças antigas é cortada, desfolhada e arrumada em feixes que são transportados para a nova plantação. O talo da maniva é aí cortado em pedaços de palmo ou pouco mais. Dois ou três pedaços são espetados em ângulo em uma cova e recobertas em parte com terra. O número de feixes que uma roça comporta para o plantio, é usado como equivalente à estimativa de sua área". O tamanho da roça depende das necessidades da família, uma vez suprir sua subsistência alimentar e servir de base nas trocas com bens necessários, dado a facilidade de conversão nas trocas.

A agricultura tradicionalmente é de tipo extensiva, abandonando o solo após 2 ou 3 anos de uso. Dado os povoados às margens dos rios serem fixos e que, provavelmente, foi fortalecido pela implantação das escolinhas rurais, prendendo as crianças a uma atividade radicada na comunidade - o natural foi esgotarem-se as terras próximas, tornando-se cada vez mais distantes as alternativas de opção por locais de plantação das roças. Em diversas localidades dos Rios Içana, Tiquiê, Uaupês ou Papuni, recebeu-se informações semelhantes quanto a estarem as roças a uma, duas ou três horas de caminhada na mata. É, portanto, enorme o esforço exigido à mão-de-obra para acesso ao roçado e para retorno às residências. O problema, contudo, torna-se mais crucial à época da colheita quando o produto tem de ser carregado nas costas, arrumado em enormes balaios (aturãs) e conduzidos por toda essa distância. Encontramos esse transporte sendo feito por mulheres e, às vezes, bastante idosas. Em certos povoados ou viu-se comentários a respeito da perspectiva e do anseio de serem utilizados animais para esse transporte. Parece ter sido a idéia influenciada pelos missionários, se bem não te

(1) Galvão, Eduardo - Obra citada.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

nhamos visto em nenhuma localidade a presença desses animais.

O esgotamento da terra poderia ser minimizado pela utilização de fertilizantes para recuperação e técnicas agrícolas de aproveitamento mais racional do solo. A compreensão dessas questões ainda está longe de ser atentada por toda a população, dado a tradição de uso do solo de forma extensiva. Apesar de tal colocação, em alguns povoados principalmente das Missões de Pari-Cachocira e Tauaretê, certos indígenas manifestaram insatisfação por não saberem tratar racionalmente as terras e não terem acesso a sementes, venenos, fertilizantes e equipamentos. Informaram terem recebido aulas sobre técnicas agrícolas, promovidas pelos Missionários, quando receberam além das informações gerais, alguma quantidade de sementes de arroz, feijão e milho. Porém, o resultado quase que generalizadamente, não foi o esperado, alegando, provavelmente, como causa, a qualidade das sementes. Parte das sementes não chegaram a germinar, aquelas que lograram germinação não alcançaram bom desenvolvimento, e ainda tem o problema de saúva que destrói grande parte do roçado. Na oportunidade os indígenas manifestaram a necessidade de um melhor tratamento por parte do governo a esta questão.

Se bem haja divisão de trabalho nas comunidades do Rio Negro, tanto homens, mulheres ou crianças participam como força de trabalho, nas atividades produtivas de roça, extrativismo, pesca, etc... equivalendo ao completo engajamento da vida comunitária, por todos seus membros.

A produção artesanal desses grupos tribais é rica, sendo os produtos materiais resultantes de sua cultura, representado por objetos de madeira (bancos, canoas, remos, miniaturas de moendas e catixus, etc...), cerâmica, tecelagem (redes, bolsas, tapetes, etc...), cestaria (balaios, peneiras, etc... de diversos tamanhos e desenhos de diferentes padrões), além de plumagem, armas e instrumentos musicais. Esta produção representa elemento importante nas trocas. Se bem que parte dessa produção seja dirigida ao consumo do povoado ou troca inter-tribal, uma expressiva quantidade é canalizada para os postos de troca das Missões ou da FUNAI ou

CONFIDENCIAL 037

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

mesmo para os negatões, sendo porém pagos preços não compensatórios nas relações de troca. Uma parcela de pessoas tem consciência da exploração a que estão sujeitas, principalmente quando permuta com o negatão. Daí dizerem da preferência em transacionar com as Missões ou FUNAI, apesar de reconhecerem, em qualquer situação, a falta de liberdade para definir os preços dos produtos que vendem, e dos produtos que compram. Quem dita o preço é o branco, em qualquer dos casos. Não tem direitos para vender por preço equivalente ao esforço dispendido na produção. Essas posições assumidas pelos indígenas, foram constatadas por observações da equipe, além de entrevista com técnicos da FUNAI - Amazonas quando se soube que tanto esta quanto a Missão, lucram com o artesanato indígena. O preço de compra diretamente do Índio é fixado por tabela da FUNAI - as missões tem preços que se assemelham - porém quando colocam no mercado de Manaus, Belém, etc. o preço é outro, pois depende das oscilações ocorridas nessas cidades.

O negatão, ao percorrer os rios, conduzindo produtos "brancos" para troca ou venda aos indígenas ou mestiços, estipula os preços, geralmente altos, de sua mercadoria, em função dos lucros que possa obter também pela revenda dos bens indígenas, tais como farinha, banana, artesanaria, etc...

A dependência do indígena aos produtos brancos é representada, basicamente, pela necessidade criada em contato com o civilizado pelo sabão, sal, pólvora, fósforo, roupas e fazendas. Dado os Índios dos rios já terem, paíronizadamente, os costume de andarem vestidos, não tendo preparo para produzir as confecções ao nível doméstico (principalmente vestuário masculino), dependem das confecções industriais que negatões ou outro posto de comércio oferecem, geralmente com preços absurdos quando relacionados ao valor que os mesmos pagam à atividade do Índio ou caboclo. Assim é que uma calça comprida varia entre Cr\$-120,00, Cr\$-150,00, Cr\$-180,00 ou Cr\$-360,00. Uma camisa simples custa de Cr\$-100,00 a Cr\$...-180,00. Todavia, a um paneiro de farinha (20 a 30 quilos

CONFIDENCIAL 038

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

aproximadamente), o comerciante paga Cr\$-50,00 quando trocado por outro bem, podendo pagar apenas Cr\$-40,00 se o índio preferir receber em dinheiro. Essa informação foi obtida no Rio Içana, área bastante visitada por "regatão".

Em Pari-Cachoeira, missão do Rio Tiquiê, os regatões pagam preços melhores dado existir uma cooperativa (UFAC) orientada pela missão, com a participação de diversos povoados, que recebe os produtos dos associados para vender diretamente em S. Gabriel. A presença, portanto, da cooperativa retrai um pouco a avidez do regatão dado o problema competitivo no mercado.

Em Tauaretê as trocas via regatão, são impossibilitadas em função da presença de cachoeiras e corredeiras que dificultam o acesso. As alternativas de troca medeiam entre Missionários e posto da FUNAI. Para efeito de melhor compreensão, destaques a tabela de preços encontrada no posto da FUNAI, em Tauaretê:

Caderno (aprox. 30 fls)	2,00
Sabão (barra)	8,00
Fósforo (5 caixas)	2,00
Sal (saca)	40,00
Bermuda	30,00
Pólvora (100 grs.)	10,00
Pasta dental	2,00
Escova de dentes	1,50
Macarrão (pacote)	3,50
Sabonete	1,00

Enquanto os preços do artesanato indígena são subestimados, quando levados a Manaus pelas Missões ou FUNAI encontram significativa alteração, principalmente no comércio re-vendedor. A exemplo, a bolsa de tucum que o índio troca por valor equivalente a Cr\$-40,00, foi vista em Loja de Manaus a Cr\$-150,00. A compreensão de tal problema, que não é só do indígena como do caboclo amazônico em geral, insiste no melhor tratamento da questão, a fim de evitar perder-se esse patrimônio artesanal que apresenta condições de ganhar merca

CONFIDENCIAL 039

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

dos mais amplos no Brasil e exterior. Acredita-se ser necessário estudos mais sérios sobre o assunto, inclusive de comercialização do produto, contudo gerando os principais benefícios ao homem que está realmente envolvido da atividade produtiva que é o artesão. As peças elaboradas se revestem de uma beleza original e espontânea, o que concorreria, provavelmente com relativa facilidade para sua colocação no mercado. Todavia, para alcançar-se tal objetivo, seria necessário medidas ordenadas de aumento da produtividade, redução do custo unitário e organização da comercialização.

Apesar de haver potencialidades, sua produção requer esforço acentuado. A título de exemplo, o esforço dispendido pelo tecelão na elaboração de redes, bolsas ou tapetes da fibra de tucum, envolve desde a coleta na mata de tal fibra, em árvores cada vez mais escassas, lavagem e secagem, além da filiação e preparação de novelos e sua tinturagem. Posteriormente é que passam às tarefas propriamente de tecelagem, cujos teares, bem rudimentares, ocupam significativo tempo de produção. Na produção de uma bolsa são demandados alguns dias. Uma mulher ocupando-se em todas essas tarefas gastará, provavelmente, um mês para produzir 4 ou 5 bolsas.

O quadro exposto sobre a organização das atividades econômicas permite concluir-se uma incipiente participação no sistema produtivo brasileiro, no qual o Índio, naturalmente situado no extremo inferior da estrutura social, tende a assumir posições relativamente mais dependente e explorativa, caso não se crie medidas capazes de orientar a reorganização dessas atividades.

4.2 - Situação Educacional.

Os valores definidores das ações da Prelazia no que concerne à Educação, conduziram ao reconhecimento consciente do seu poder, como instituição capaz de gerar efeitos positivos (dentro do ponto de vista da missão) e rápidos no processo de aculturação deflagrado

CONFIDENCIAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

na Região. Tal reconhecimento norteia grande parte das ações missionárias no Rio Negro. A Prelazia, representada nas pessoas do Bispo, padres e irmãs, não esconde seu envolvimento a comprometimento com o ideal desenvolvimentista que ora domina nas decisões político econômicas brasileiras. Naturalmente que imbuidos por tais valores, os missionários consideram-se comungando com os ideais nacionais historicamente presentes, inclusive de integração nacional, o que os situa em posição privilegiada quanto ao apoio de órgãos públicos. A posição fortalecida por tais apoios, somados ao poder de controle que tem a Prelazia nas extensas áreas do Rio Negro, gera certos atritos, muitas vezes aparentemente inexistentes, tais como aquele percebido em relação à FUNAI, motivado pelo fato das orientações no tratamento com o Índio serem diferentes. Em entrevista realizada com técnicos desse órgão em Manaus e que atuam na área de Tauaretê, fomos informados que as contradições de orientação se situam justamente em função da Prelazia não prestigiar o trabalho daquele órgão, além do que, realizam atividades rapidamente destrutivas e desvalorativas da cultura tribal, ao considerarem altamente significativa a aprendizagem da língua portuguesa, da crença cristã e dos costumes civilizados. Afirmou, ainda, não poderem atuar sem atrito nas áreas onde se localizam as Missões Salesianas. Tais conflitos residem, portanto, nas diferenças de óticas no tratamento da questão indígena, apesar de já terem sido realizados seminários, oportunidade em que essas instituições estiveram presentes, procurando definir diretrizes compatíveis (1), que, na realidade não chegaram a ser cumpridas, segundo comunicação feita ainda pela FUNAI do

(1) 1º e 2º Seminários FUNAI/MISSÕES RELIGIOSAS-MINTER/FUNAI.

Amazonas. A questão parece requerer melhor exame, pois em simples Seminários dificilmente mudam-se valores arraigados profundamente.

Enquanto a FUNAI reconhece a importância de se manterem os padrões culturais indígenas - e para o alcance de tal dimensão exigir-se-ia medidas globais no país e não apenas ao nível do próprio órgão, o que tem desgastado profundamente perante o indígena e a opinião pública brasileira - as missões salesianas são enfáticas ao justificarem a acelerada aculturação. O bispo, Dom Miguel Alagna, foi bem claro ao afirmar ser a Educação o que de mais importante pode ser dado pelas Missões, uma vez reconhecer a tendência natural de integração daquela área ao sistema econômico - social mais amplo, reconhecendo importância em preparar o indígena para enfrentar, como força de trabalho e homem político, as exigências da sociedade capitalista. Todavia, dado as circunstâncias de constituírem grupos religiosos, onde não se desconhece ser a ideologia cristã o móvel principal de sua presença na região, a educação se constitui como o veículo forte no processo de catequese. Ocorre, logicamente, uma aliança entre os valores da moral cristã e os de sociedade capitalista moderna, fortemente envolvida pelos anseios de desenvolvimento. Esses valores formam "elos" que norteiam as ações missionárias, portanto, largamente distanciados da cultura nativa. Justamente aí parecem residir os principais problemas e contradições, pois a educação em si não é instrumento do saber reflexivo e crítico sobre a existência do Índio, no meio físico e cultural. É muito mais a imposição sistematizada através da educação formal, de uma cultura para eles alienígena. Não se questiona aqui a validade da educação formal, mais sim a forma pela qual é processada, uma vez termos tido oportunidade de constatar que tanto os currículos quanto o material didático, são os mesmos utilizados em qualquer centro urbano nacional.

CONFIDENCIAL 042

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Para atingir objetivos e metas na educação, a Prelazia desenvolve um trabalho que gerará efeitos "positivos" à medida que os grupos tribais substituírem, gradativamente, seus valores pelos propostos principalmente pelo processo educacional. Visando objetivos definidos é que uma boa parcela dos recursos alcançados, como os liberados anualmente pela SUDAM, são carreados para o tratamento da questão educativa. A própria Secretaria de Educação do Amazonas, por estar o Rio Negro dentro de sua área de atuação, responsabiliza-se pela remuneração do corpo docente e diretivo das escolas das sedes missionárias e orienta-as pedagogicamente. Apesar de tal vinculação, a Secretaria se mantém divorciada daquela realidade, uma vez não existem experiências implantadas acerca de adaptação curricular para regiões de ocupação indígena. Adianta-se, porém, que tal preocupação não é nova nem na região nem no país, existindo pareceres do Conselho Federal de Educação que sugerem a adaptação curricular, bem como o espírito da Lei 5692/71 dá abertura suficiente à questão

Todavia, essa adaptação não existe. Fomos informados na Prelazia sobre a necessidade de padronização dos currículos aprovados pela Secretaria de Educação para que possam ter reconhecimentos legais. Talvez residam aí certos equívocos de orientação técnica, uma vez saber-se que o Conselho Federal de Educação tem exigências quanto às disciplinas do Núcleo Comum que são Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais e o Conselho Estadual de Educação sobre algumas outras disciplinas, que juntando-se às primeiras formam o currículo mínimo. Resta, portanto, para adaptação às realidades locais, de uma quantidade variável de disciplinas, que poderiam ser sugeridas e justificadas junto à Secretaria dado a peculiaridade cultural abordada.

Comprovando a veracidade das afirmações aqui contidas, observe-se, a seguir, a discriminação curricular e de carga horária numa escola de 1º grau que se

CONFIDENCIAL

043

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

localiza no Rio Tiquiê e cuja população é totalmente indígena, tendo inclusive uma parcela considerável de população que mantém fortemente os costumes tribais, tais como a língua. Pode-se observar que, além do currículo ser igual ao encontrado em escolas de Manaus ou Belém, o enfoque logicamente é envolvido radicalmente pelos valores de "brancos", sendo também o material didático um veículo natural desses padrões civilizados. (quadro em anexo).

Cada vez torna-se mais urgente, dada a rapidez da extinção da cultura indígena brasileira, a realização de estudos sérios capazes de definir disciplinas ou mesmo escolas, que abordem os valores, a religião, a história, a integração com o meio, a língua, enfim, a cultura tribal, evitando a deturpação dos fins que orientam a educação. O que se observa é a presença do processo de transmissão cultural de "mão-única", onde se deposita conteúdos e mais conteúdos sem levar a educando à problematização de suas relações com o mundo. A educação já não pode ser mais o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir ou de transmitir conhecimentos e valores aos educandos, mas exige a conscientização e integração do educando com o seu meio e sua cultura. Não se identifica essa relação entre o índio e o sistema educativo. Tudo ali, em termos de aprendizado, não é mais que repetição dos processos de ensino de qualquer colégio. Exceção feita à missão de Pari-Cachoeira quanto à utilização de uma cartilha para alfabetização, montada em Tukano e traduzida para o português. Somente quando o próprio índio é mobilizado como docente é que se chega a perceber uma identidade de linguagem, de universo vocabular, como pudemos documentar em São Gabriel da Cachoeira, enquanto se observava uma sala de aula em que uma professora era índia. A disciplina era Comunicação e Expressão, e tentando comunicar através da imagem uma idéia central da qual pudessem extrair um diálogo de aprendizagem, utilizou o

CONFIDENCIAL 044

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

quadro verde para fazer um desenho. A situação desenhada era familiar ao Índio: uma rede com uma pessoa deitada.

O processo tal qual é atualmente conduzido levará o Índio à perda absoluta de seus traços, que refletirá numa redução do patrimônio cultural brasileiro. Se bem possa haver certa sensibilidade a essas questões por parte de alguns missionários, não nos foi dado observar a transmissão e conscientização do indígena quanto aos problemas e contradições decorrentes do contato com o branco, sobre o qual existe bastante material científico elaborado. Ocorrerá, fatalmente, com a cultura das tribos do Rio Negro, o acontecido na História do Brasil desde a época colonial. Apesar de repetir-se ser a História "uma escola da vida", parece que 4 séculos e meio ainda não foram suficientes para retirar-se diretrizes eficientes no tratamento da questão.

Em Taracuã, as meninas são separadas radicalmente dos meninos e obedecem a um regime de internato rigoroso. É uma passagem muito brusca, da vida em liberdade com a natureza, para o esquema rígido das horas contadas. É muito difícil talvez para um civilizado já acostumado a uma certa padronização e tê-la como coisa certa, sequer imaginar o prejuízo que esta transformação pode acarretar à formação de uma criança que se pretenda seja mais tarde um indivíduo relativamente livre, decidido, capaz de assumir-se responsabilmente. Na verdade, o que se consegue é apenas a obediência, o medo, o comportamento passivo, acomodado, sem iniciativa, sem criatividade.

Quanto às habilidades conseguidas através dos cursos de datilografia, bordado, etc... é possível que se faça uso deles numa cidade como Manaus, Santarém, Itacoatiara e mesmo S. Gabriel, mas é o momento de se colocar uma questão fundamental. Para que se está levando o ensino a estas tribos indígenas? Para fomentar

CONFIDENCIAL 045

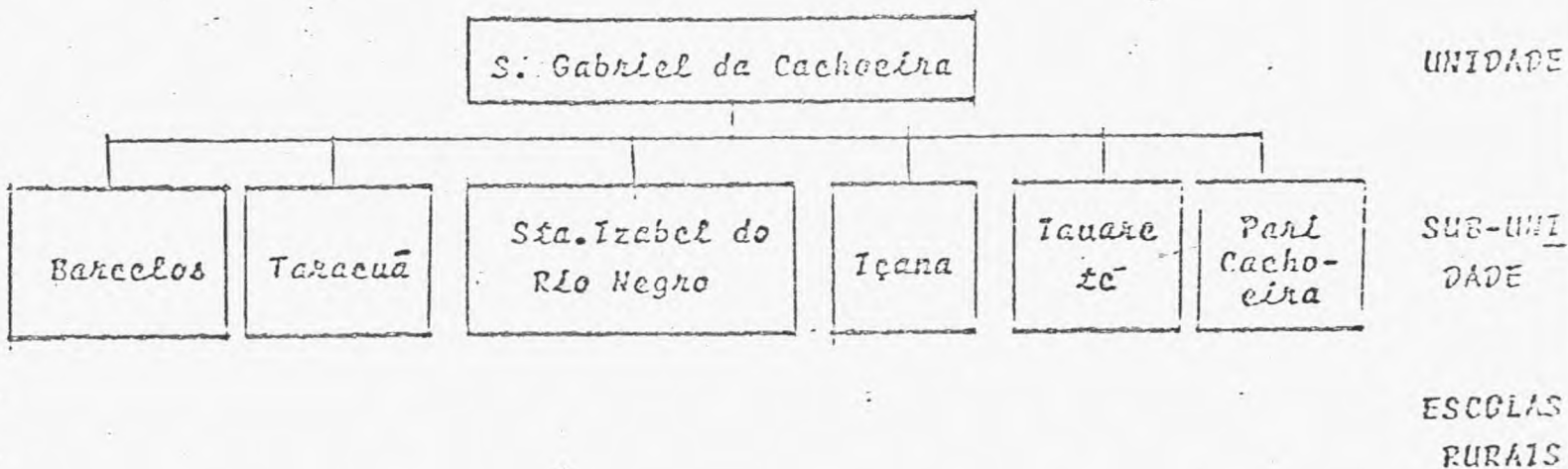
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

a Invasão para as cidades? É esta a forma de Integração que se objetiva? A respeito desta objetividade do ensino o capitão Guimarães de Cucuí, revelou uma certa compreensão da complexidade do problema quando disse ser a maior dificuldade nas escolas a motivação para o estudo. "Também!", disse, "Estudar para que?". E a resposta na verdade tanto era uma incôgnita para a equipe que o ouvia como era para ele próprio ou para o Índio, porque ela só poderia ser dada em relação direta aos conteúdos da sua aprendizagem.

A Secretaria de Educação do Amazonas cabe parcela de responsabilidade, por manter-se distante quanto aos estímulos de adequação curricular e sua consequente avaliação.

Do ponto de vista da organização educacional, a Prelazia opera com 7 escolas de 1º grau, funcionando até a 8ª série (excetuando Taracuã e Içana), uma de 2º grau em São Gabriel da Cachoeira e 84 escolinhas rurais, para usar a terminologia aplicada às unidades escolares situadas nos povoados, se bem não haja uma orientação rural ao ensino.

No Organograma fornecido pela Prelazia destaca-se a seguinte hierarquia:



CONFIDENCIAL₄₆

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Na sede da Unidade de ensino, São Gabriel da Cachoeira, funcionam 11 salas de aula nos dois primeiros turnos e apenas 8 no terceiro. O ensino de 2º grau começou em 1976, alcançando matrícula inicial na 1ª série, de 86 alunos. Até agosto de 76, época em que a equipe esteve presente, não haviam sido definidas as habilitações a serem implantadas.

Em estatística fornecida pela Prelazia observa-se a matrícula em 1976 ter atingido a soma de 4.606 alunos nos 3 municípios onde atua, contando o de S. Gabriel da Cachoeira com a maior participação ou seja, de 3.220 alunos.

As escolas da Unidade e sub-unidades funcionam em prédios suntuosos, se comparados à realidade interiorana do Amazonas, equipados para absorver alunos residentes em povoados próximos, em regime de externato. Já as escolinhas rurais se alojam em casas construídas pela população do povoado, em processo de melhoria, semelhantes às suas habitações, tendo como equipamentos apenas carteiras, quadro-verde, livros do professor e, às vezes, mapas. Em geral, funcionam até a 3ª série, tendo porém algumas com matrícula até a 4ª série. Se a família tiver disponibilidade econômica para enviar o filho, que é normalmente valioso como força de trabalho, para uma das sedes da missão, poderá concluir o 1º grau como aluno interno. O mesmo mecanismo ocorre, quando terminado o ensino fundamental, caso pretenda ingressar no 2º grau, se deslocando neste caso para São Gabriel da Cachoeira.

Quando às unidades escolares de cada povoado, apesar da informalidade aparente que deu margem a alguns elementos brancos exclamarem - "nem se pode denominar isso de escola" (1), parecem situar-se em maior adequa

(1) Vinculando aqui, possivelmente, idéias estereotipadas sobre escolas civilizadas.

CONFIDENCIAL 047

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ção à realidade do Índio. Os professores indígenas (alguns interrompendo dias de aula para participarem das atividades da roça comunitária) e apesar de utilizarem todos os livros didáticos padronizados, oferecem melhor condição de comunicação como foi dado a nós observar em Aracopá. O professor local nos mostrou sua tentativa de passar o Hino Nacional para a Língua Tukana. Parecia muito satisfeito com o seu caderninho onde verificamos várias traduções do livro didático. Ele tentava criar uma fonética para tradução do português para sua língua. Sem os altos investimentos das instalações missionárias, estas escolas vêm oferecendo excelentes resultados. Tivemos oportunidade de constatar a desenvoltura da leitura em português de várias crianças em alguns povoados, cujos adultos não sabiam ainda a Língua nacional.

O corpo docente é formado por padres, freiras e coadjutores salesianos, principalmente, no ensino de 5a. a 8a. séries. Há, contudo, proporção considerável de professores indígenas lecionando nas sedes das missões. Alcançam, aproximadamente, 95% de docentes indígenas conforme nos informaram nas Missões, aqueles que lecionam em escolinhas rurais, que normalmente sendo ex-alunos das sedes das missões são selecionados pela Prelazia e contratados pela Prefeitura de S. Gabriel.

Fomos informados estar a remuneração do corpo docente das Unidades e sub-unidades sob a responsabilidade da Secretaria de Educação do Amazonas, pagando salários equivalentes aos padrões de todo o Estado. Porém, nas escolinhas rurais o professor é remunerado pela Prefeitura de S. Gabriel. Percebem apenas 60% do salário mínimo do Estado, correspondendo aproximadamente à quantia irrisória de Cr\$-350,00, mesmo lecionando para alunos distribuídos desde a alfabetização até a 4a. série. Esse dado é valioso na comparação com escolinhas da mesma natureza, localizadas em povoados colombianos por nós visitados (Terezita e Bacaba), com os quais os

Indígenas brasileiros tem contatos frequentes. Nestes locais encontrou-se dois professores, sendo um encarregado apenas da alfabetização e o outro de ministrar aulas de 1a. a 3a. séries. A quantidade de alunos equiparava-se aos de povoados brasileiros, apesar de haver significativa diferença de remuneração. Ali os salários pagos são destinados pelo Ministério de Educação. Informaram-nos os docentes colombianos que o primeiro recebia Cr\$-500,00 e o segundo cerca de Cr\$-1.000,00. Revestida de validade também se apresenta a comparação entre os internatos. No caso brasileiro, algumas escolinhas rurais abrigam alunos de povoados mais distantes, que residem com o professor, com parentes ou na casa do capitão, responsabilizando-se a família em fornecer a farinha da mandioca como alimento básico e outros comestíveis na medida da possibilidade. Já no povoado de Bacaba, onde existem 30 alunos, fomos informados ser a alimentação adquirida com verba do governo, transferida através a prefeitura apostólica, almocendo na escola também os externos. Tanto a alimentação quanto o material didático é doado pelo governo.

Todavia, se nas escolinhas rurais o quadro das despesas é o apresentado acima, na Unidade Educacional Dom Pedro Massa e nas 6 sub-unidades, onde funcionam regimes de internato e externato (executando o Içana onde há apenas externato), a maior parte das despesas de alimentação estão a cargo do governo, uma vez serem custeadas pela verba repassada pela SUDAM, conforme informou D. Miguel Magno.

Nos 3 municípios sob atuação da Prelazia, contendo um total de 4.606 alunos, destaca-se o montante de 684 internos. Destes, 352 são do sexo masculino e 332 do sexo feminino, conforme se pode ver discriminados abaixo. Isolando apenas São Gabriel da Cachoeira, observa-se ser o Município de maior atendimento escolar pelos missionários, uma vez ter alcançado em 1976 o total de 5.220 matrículas, das quais 490 são representados pelos alunos internos. A quantidade restante

CONFIDENCIAL₀₄₉

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1.386, está distribuída pelos municípios de Barcelos e Sta. Izabel (1).

ALUNOS INTERNOS NO ANO DE 1976, POR LOCALIDADE

LOCALIDADE	SEXO		TOTAL
	Masculino	Feminino	
S. Gabriel	20	60	80
Sta. Izabel	50	56	106
Barcelos	37	51	88
Tauacua	89	59	148
Parí-Cachoeira	47	48	95
Iauarexi	109	58	167
T O T A L	352	332	684

A presença desses internatos está exclusivamente ligada à Missão Católica. Alguns missionários afirmam não acharem o internato uma alternativa eficiente na educação, porém não encontram solução melhor dado a dispersão da população em povoados, o que acarreta dificuldades ao ensino das séries mais adiantadas.

Viajando pelos povoados e missões dos diferentes rios, teve-se a oportunidade, conforme já foi dito anteriormente, de contactar com religiosos católicos e protestantes, bem como avaliar flagrantes contrastes nos comportamentos consagrados quanto ao trato da questão educacional. No Rio Içana onde a atuação protestante é antiga, tendo penetrado na maioria dos povoados (2), observou-se uma preocupação radical com o ensinamento religioso. Se bem as missões católicas não descuidem o assunto catequético, o que obviamente é interesse principal dado a natureza de instituição, agremiam a essa atividade, uma série de outras sobressaindo

(1) Anexo VI - Estatística do Ensino

Esta estatística é referente a todos os internos da Prelazia nas sub-unidades, apesar de se ter observado apenas o município de S. Gabriel da Cachoeira.

(2) - Anexo IV - povoados do município de Uaupés, segundo localização.

CONFIDENCIAL

050

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

a preocupação em multiplicar e ampliar as escolas. Todavia, nos povoados protestantes por nós visitados, a presença de escolinhas é bastante rarefeita não havendo a sistematização do ensino com currículos e sequência de séries. Tais informações foram obtidas em diferentes povoados e depois confirmadas em entrevistas com o pastor Silvério no povoado de Estancamento e com o Pastor diretor da Missão Novas Tribos do Brasil em Manaus. Afirmou o primeiro ter o ensino da língua e a alfabetização a finalidade de preparar condições à "introdução dos ensinamentos bíblicos". Cabe ressaltar também esses missionários traduzido para as línguas Saniwa e Nhengatu os textos bíblicos, utilizando essas línguas nos rituais religiosos, quando os cânticos também são na língua indígena. Essa orientação é aceita pela FUNAI, apesar de não nos parecer que tal procedimento elimine as críticas que se possa fazer quanto à acentuada mistificação feita em torno da religiosidade imposta. Submetidos aos princípios do culto se encontram os demais valores, ao ponto de considerarem proibidos as festas, músicas, credos e bebidas tradicionais do povo. A opressão cultural-religiosa nessas comunidades do Rio Içana foi claramente percebida, apresentando-se bem acentuada em relação às comunidades católicas, o que nos faz refletir acerca dos problemas que constitui sua presença na área, apesar da FUNAI ter se manifestado favoravelmente ao trabalho das Novas Tribos do Brasil, com os quais mantêm bom relacionamento. Não nos foi possível observar, com objetividade, dado o pouco tempo de presença na área, as razões que justificam o trabalho integrado dessas instituições.

Tentando explicar as razões dessa aliança, percebe-se, em primeiro plano, no caso específico do Rio Negro, a fraqueza da FUNAI e das Novas Tribos do Brasil diante do poder de decisão e execução que possui a Prelazia. A contradição mais forte é naturalmente a de delegação de poder. Em parte se unem a fim de conseguir certa ascendência diante da Prelazia. Claro que as po

sições estão invertidas, uma vez ser a FUNAI o órgão legalmente investido de poder e com a finalidade, inclusive, de coordenar e orientar todo o trabalho desenvolvido nas áreas indígenas brasileiras. Tal distorção é a causa de irregularidades, como a comentada acima.

Segundo informes do Relatório "Tribes of the Amazon Basin in Brasil 1972" (1) onde incluem seus autores as seguintes explicações sobre a questão: "a FUNAI parece progredir com mais ligação com as missões protestantes do que com as católicas, pelas razões que se seguem:

- 1) as missões protestantes, como postos da FUNAI, são pequenos e as construções por eles levantadas não são geralmente impostas enquanto as católicas são imponentes e organizadas;
- 2) os protestantes pregam o individualismo, o que convém mais à FUNAI, e contrário aos católicos que são coletivistas;
- 3) sendo a Igreja católica uma força na região e a protestante fraca, há diferença no controle secular exercido;
- 4) a Missão católica consegue aumentar sua força em áreas onde a FUNAI é ausente⁴.

Sobre essas 4 razões apresentadas não possuímos elementos capazes de confirmação; no entanto tem relativa validade, uma vez constituírem uma tentativa de explicação de fenômeno por nós também percebido, qual seja, o de atrito entre Missões Religiosas e a aliança de uma delas com a FUNAI.

Um processo a sobressair nessas relações é o de competição religiosa entre católicos e protestantes. O Índio, provavelmente mesmo sem conseguir interpretar as causas de tal diversidade entre missionários de credos diferentes, acaba submetido a essas concorrências

(1) Report for the Aborigines Protection Society by Edwin Brooks, René Fuerst, John Hemming and Francis

CONFIDENCIAL₀₅₂

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

estranhas. Se atentar-se que subsistem ainda elementos da antiga religião indígena, então conclui-se estar o Índio entre três modelos de religiosidade. Dificuldades óbvias devem ocorrer se um povo está posicionado sob duas ou mais autoridades, cada uma competindo pela supremacia.

Segundo o mesmo Relatório acima citado, o comportamento da FUNAI não é coerente com todas as missões protestantes no Brasil, justificando que em "alguns postos a FUNAI tem permitido bom entrosamento com os missionários protestantes, enquanto em outros, tem expulso-os quando proibem os Índios seguirem suas tradições e injustamente catequizá-los". Parece não ser propriamente incoerente esse tratamento se fosse levado em consideração a linha de orientação missionária dos protestantes, ou seja, uma vez coerente com a FUNAI, seria por esta aceita. Caso contrário, rejeitada. No entanto, no caso do Rio Negro, ocorre dos protestantes flagrantemente repulsarem as tradições indígenas, principalmente nos aspectos de diversão e religião, e terem o apoio incontestado da FUNAI. Essa contradição parece ser bastante séria.

Quanto ao material didático utilizado nas "escolas" protestantes, impressionou-nos saber constitui rem-se em cartilhas e enormes cartazes do Mobral. Conforme se conhece, são utilizadas palavras chaves nessa metodologia de alfabetização e que teoricamente devem encerrar representações do mundo do trabalhador adulto. Contudo estão sendo utilizados na alfabetização de crianças e o que é mais agravante, de outro contexto cultural. No âmbito da pedagogia moderna tal procedimento constitui terrível aberração. A título de exemplificação destaques as seguintes palavras-chaves: "fogueira", "dinheiro" e "tijolo", que se encontram em sugestivos cartazes coloridos.

Não entramos no mérito da eficiência e conscientização que pode ser alcançada a exploração de tal material didático quando noutra contexto sócio-cultural. O que nos impressionou sobremaneira foi a total inadequação do material, principalmente quando se conhece as linhas teóricas que fundamentam tal metodologia, onde a participação do educando e seu mundo é imprescindível. Foguete faz parte de um contexto civilizado, altamente atualizado, portanto de um contexto muito distante da possibilidade de ter o índiozinho (que muitas vezes nem fala o português) visão suficiente para apreender e discutir tal vocábulo. Acreditamos que mesmo garotos de áreas urbanas encontrariam certas dificuldades. Quanto à palavra "dinheiro", sua irrerealidade reside principalmente por ser o Içana uma área praticamente amonetizada e onde os anseios de ambição e acumulação de dinheiro parecem ainda não constituir forte elemento no conjunto de seus valores. O vocábulo "tijolo" é inadequado em função de viverem integradas a um mundo natural onde o barro bruto e a palha constituem o material de construção utilizado. Além do que a palavra tijolo na metodologia do Hobsbawm é justificada principalmente em áreas urbanas em ocupações de pedreiros e afins. Não se obteve informações sobre as causas de terem chegado até o Rio Içana tal material didático. O que sabemos é que o quadro acima apresentado envolve uma necessidade urgente de avaliação dos resultados alcançados nesse processo, o que, mais uma vez recai na responsabilidade de órgãos que tratam o assunto, tais como Secretarias e Delegacias de Educação.

CONFIDENCIAL 054

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CURRÍCULO E CARGA HORÁRIA
TOTAL DE AULAS SEMANAIS
1976

ESCOLA DE 1º GRAU "DOM PEDRO MASSA" - PARI-CACHOEIRA

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	5a.série	6a.série	7a.série	8a.série	TOTAL
<u>Português</u>					
Prof: Ma. Lúcia Monteiro	-	05	05	04	14
In. Terezinha Ribeiro de Araujo	05	-	-	-	05
<u>Educação Artística</u>					
Prof. Elzevistes R. Machado	02	02	01	01	06
<u>Educação Física</u>					
Prof: In. Terezinha Ribeiro de Araujo.	03	03	03	03	12
<u>Estudos Sociais</u>					
<u>Educação Religiosa</u>					
Prof: Pe. Alfonso C. Torio	02	02	02	02	08
<u>História</u>					
Prof: Ma. Fernandes Machado	03	03	02	02	10
<u>Geografia</u>					
Prof. Ma. Fernandes Machado	03	03	02	02	10
<u>Og. S. O. P. B.</u>					
Prof: Aureo Jacinto	-	-	01	01	02
<u>Educ. Moral e Cívica</u>					
Prof: In. Terezinha Ribeiro Araujo	-	-	01	01	02
<u>Ciências</u>					
<u>Matemática:</u>					
Prof: Jose Borges Reis	04	04	04	04	16
<u>Ciências</u>					
Prof. Aureo Jacinto	03	03	03	03	12
<u>Programa de Saúde</u>					
Prof. Elzevistes R. Machado	-	-	01	01	02
<u>Parte Diversificada</u>					
<u>Técnicas Agrícolas</u>					
Prof: Aureo Jacinto	02	-	-	-	02
<u>Artes Industriais</u>					
Prof: Pe. Alfonso C. Torio	02	02	02	02	08
<u>Educação para o Lar</u>					
Prof: Elzevistes R. Machado	-	02	02	02	06
T O T A L	29	29	29	28	115

4.3 - Saúde

Para a observação da saúde no município de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, dividimos o nosso trabalho em:

- pesquisa de infraestrutura dos recursos para a saúde disponíveis na área visitada;
- entrevistas com autoridades em saúde: médicos, enfermeiras, etc;
- entrevistas com leigos e representantes da população indígena;
- observação direta do estado geral de saúde das populações visitadas.

Além da sede do município, estivemos nas missões de Taracuá, Pari-Cachoeira, Içana e Iauaretê. Visitamos, ainda, Cucuí e trabalhamos em 41 comunidades ao longo do Rio Negro e seus afluentes diretos (Uaupés e Içana) e indiretos (Tiquiê e Papuri).

Historicamente, como já foi dito, há alguns séculos os indígenas daquela região vêm tendo contato com a sociedade nacional através de várias frentes de penetração que para lá se dirigem com os mais diversos objetivos, inclusive o da integração definitiva da área à comunidade nacional (Perimetral Norte). Fatalmente, nestes contatos, do ponto de vista médico, ocorrem as "trocas" dos agentes causadores das várias doenças existentes nas duas sociedades. Assim, "a cada população em condições de isolamento, corresponde uma combinação peculiar de agentes mórbitos com a qual ela vive associada e cujos efeitos letais parecem atenuar-se por força mesmo dessa associação. Quando seus representantes se deslocam, conduzem consigo essa carga específica de germes, vírus e parasitas, que, atingindo populações indígenas, produz nelas uma mortalidade sensivelmente mais alta. Assim ocorreu desde os

primeiros contatos entre representantes de sociedades européias, africanas e os índios do Brasil e continuam ocorrendo em nossos dias em cada tribo que, ao entrar em convívio com a sociedade brasileira, se insere no seu circuito de contágio" (1). Deste modo, propáveis doenças existentes entre os civilizados atingem os silvícolas e vice-versa.

A despeito dessas possibilidades crê-se, entretanto, que até hoje não foi rigorosamente documentada qualquer moléstia originariamente indígena que passasse à população brasileira, a não ser certas micoses (2) de pequena gravidade e de expansão apenas regional e, provavelmente, a boubá (3). É considerável, porém, o número de entidades mórvidas levadas aos índios.

É claro que não podemos tomar, de forma absoluta, a crença de que todos os grupos indígenas não sejam portadores de doenças contagiosas, o que podemos afirmar é que não foram realizadas ainda suficientes pesquisas no campo médico junto aos ameríndios que possam esclarecer, de forma definitiva, este assunto.

De qualquer forma, os contatos entre tribos indígenas e a "grande tribo dos brancos" significou para aqueles, além da perda de suas terras e desagregação tribal, a de população em decorrência de seguidas epidemias levadas pelos civilizados. Na história da ocupação da Amazônia, nos meados do século XVII "grandes contingentes de índios foram descidos dos altos rios, para os trabalhos públicos em cidades como Manaus e Belém, e para a construção de fortalezas como a de Macapá. A dominação do índio assumiu formas violentas através dos resgates de prisio-

(1) Convívio e Contaminação - Ribeiro, Darcy - 1956.

(2) Fonseca, O. 1930; Biocca, E. 1944 e 1945.

(3) Duarte, E. 1944:473/80.

neiros e das chamadas Guerras Justas. Nas Missões, o regime era igualmente severo, estimando-se mais o pau que a retórica. Instalava-se ao mesmo tempo a dizimação pelo contágio de doenças como variola"(3)". Diz Reis, que as epidemias de variola, assaltando a região de quando em vez, só entre 1743 e 1749 levaram 40.000 indígenas em todo o vale"(2).

Segundo informações do Padre Genésio Savassa (3) nos idos 1914/1918 a incidência de malária por aquelas paragens era altíssima. Disse-nos a Irmã Edwiges Sikoraka (4), que em 1962 a malária grassava por aquela área, sendo Tapuruquara um importante foco, onde a doença chegou a atingir 50% da população e que até ela mesma foi vitimada na época. Informou-nos, ainda, a Irmã Maria de Jesus Araújo (5) que até 1971, em Barcelos ocorriam numerosos casos de malária. Já em 1974 uma epidemia de sarampo se instalou na região e centenas de pessoas pereceram, segundo declarou-nos o Padre Genésio Savassa, na época pároco em São Gabriel. Disse-nos, também, que só nos povoados vizinhos da missão, cerca de 50 pessoas morreram em decorrência da doença, principalmente crianças e velhos. A incidência de verminoses, continua etc, é alta, e frequentemente ocorrem epidemias de gripe que ceifam a vida de numerosos indígenas. Quanto à tuberculose, o caso é calamitoso, pois nas comunidades de São Francisco, Tabocal, Quequê, Guia, São Felipe, Açaí, Tacira-Ponta, Ilha das Flores, Ilha de Cunhã, São Luiz e Trovão todas às margens do Rio Negro, acima de São Gabriel, a doença atinge 40% de uma população de mamais

(1) "Encontro de Sociedades Tribal e Nacional do Rio Negro, Amazonas" - Galvão, Eduardo - ~~RESEV~~ Congresso Internacional de Americanistas (México, 1962), Actas Y Memórias, V.III, 1964. México, p.329-340.

(2) Reis, 1944:12; Veja-se também Ribeiro (1956).

(3) Vigário da Paróquia de Taracuá, paulista de Tietá

(4) Irmã enfermeira em Pari-Cachoeira, polonesa, há 39 anos no Brasil.

(5) Auxiliar de enfermagem de Iauaretê, cearense.

CONFIDENCIAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

de 600 pessoas. Já nas comunidades rio abaixo, de Acará, Camanaus, Mercedes, Curi-Curiari, Jupati, São Pedro, São Vicente, Serrinha, Caiuri e Camundê, com uma população de cerca de um mil habitantes a incidência é menor, embora um tanto alta. A população dos povoados rio acima é constituída, praticamente, só de índios, enquanto a do rio abaixo é formada de mestiços. Segundo o mesmo padre, estranhamente aquele povo nunca foi vacinado contra tuberculose. Pelo depoimento de A.E. Oliveira (1) quando o Dr. Eduardo Galvão esteve na aldeia de Santana, abaixo de Carara Poço no Içana, entre 1951 e 1954, os indígenas tinham saúde e viviam felizes; já em 1971 quando esta passou por lá, a aldeia não mais existia, pois todos tinham morrido de tuberculose, com exceção de uma família que havia se mudado para outro local.

Pelo quadro acima descrito, nota-se a situação dramática dos indígenas do alto Rio Negro, no que tange à saúde, pois há vários séculos estão seguidamente recebendo dos brancos agentes causadores de várias doenças contagiosas e se creê sejam necessárias medidas sanitárias urgentes para salvaguardá-los.

4.3.1 - Estado geral da saúde das populações visitadas (2)

Quanto ao padrão de saúde nas áreas visitadas, de um modo geral é ruim, havendo, entretanto, uma diferenciação que, segundo pudemos observar, tem uma relação direta com o maior ou menor conta-

(1) Antropóloga já citada.

(2) As informações contidas neste sub-ítem foram retiradas:

- de informações das populações
- de informações das autoridades em saúde
- de observações diretas da equipe
- de bibliografia sobre o assunto.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

to com o civilizado. Assim, nas comunidades próximas de São Gabriel, onde o contato é maior, o estado de saúde é pior vindo a seguir o Içana, Taraçuá, região do Iuareté e por fim as comunidades do Papuri, onde, aparentemente, a população se apresenta mais saudável.

4.3.1.1 - Da origem das doenças e a gripe

Quando chegávamos em uma comunidade indígena e o bispo D. Miguel Alagna, ou qualquer dos padres que nos acompanhava, informava que havia um médico na equipe, logo os indígenas nos procuravam para ver algum doente.

Após o exame clínico fornecíamos o medicamento (quando havia) e dávamos as devidas informações de como deviam ser tomados. Posteriormente, viemos a saber, através de informações do Pe. Carlos Galli (1) que os silvícolas são tomavam os medicamentos dados depois que estes fossem "bensidos" pelo pajé da tribo. Isto é plenamente concebível, uma vez que "entre os índios sul-americanos a opinião mais comum sobre a origem das enfermidades é a que indivíduos maus, especialmente feiticeiros de tribo estranha ou até da própria gente, abusam de suas faculdades e forças extraordinárias para fazerem entrar, por via mágica, no corpo de outrem, um objeto ou substância responsável pela moléstia, o quid malignum" (2). Essa teoria é válida para os índios do alto Rio Negro pois supõe-se eles interpretarem o médico da equipe como algum feiticeiro da tribo dos brancos.

(1) Figura lendária, carismática, há mais de três décadas atuando na região do Içana.

(2) Schaden, Egon - "Aspectos Fundamentais da Cultura Guarany".

CONFIDENCIAL 060

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Como pudemos observar, dentre todas as doenças, a que mais incide sobre os indígenas é a gripe, que os afeta através de sucessivos surtos epidêmicos, ora benignos ora malignos, ceifando muitas vidas e aqui podemos compreender a desconfiança daquela sofrida gente, pois os "Tukanos do Rio Negro, segundo observação de um missionário (1) desenvolveram toda uma teoria para explicar a virulência dos surtos gripais que lhes são transmitidos pelos brancos, em face da benignidade das formas de defluxo corrente entre eles. A primeira seria doença dos brancos propo- sitadamente introduzida em suas aldeias através das mercadorias que lhes vendem; a segunda, sendo da própria tribo, não teria veneno" (2).

Esse raciocínio soma-se a outros que explicam muito do comportamento arredo dos índios. Os Baniwas do Içana foram os mais reservados durante as nossas visitas, e isto ocorre provavelmente devido a secular relação civilizado-indígena na área e talvez em decorrência dos conflitos religiosos ali existentes. Como se sabe, o índio sempre levou a pior neste contato, saindo constantemente prejudicado e muitas vezes dizimado pelas doenças via "homens da cidade", como muitos deles já nos chamam. Sobre isto, vejamos o que nos diz Curt Nimuendaju no seu relatório de "viagem ao Rio Negro" apresentado ao S.P.I. em 1927:

"... mais do que em qualquer outra parte do Brasil por mim conhecida, achei no Içana e Uaupês as relações entre os índios e os civilizados - os brancos como ali se diz - irremediavelmente es

(1) Giacone, A. 1949:27

(2) Os índios e a civilização - obra já citada.

CONFIDENCIAL₆₁

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

tragadas: um abismo se abriu entre os dois elementos. À primeira vista, apenas perceptível, encoberto pelo véu de um *modus vivendi* arranjado pelas duas partes, mas mostrando-se logo em toda a sua profundidade intransponível assim que se trata de conquistar a confiança dos índios e de penetrar no íntimo da psique deles. Claro está que a maioria dos civilizados, não compreendendo nem precisando de nada disto, nunca chega ao conhecimento desse abismo, dando-se por muito satisfeita com o *modus vivendi* e o apresentando muitas vezes orgulhosamente como resultado dos seus processos civilizadores..." (3).

Para ilustrar o receio dos silvícolas, no dia 4/8/76 no povoado Baniwa de Ambauba ou Tercu rimete, às margens do Içana, acima da Missão Católica, quando desembarcamos, numerosos indígenas fugiram para o mato ou de esconderam em suas cabanas, principalmente as mulheres e as crianças. Nos acompanhava o Pe. Carlos e facilitava o nosso acesso às comunidades Içaneiras o tuxaua Virgílio, baniwa, "motorista" do barco. Este, após contato com o capitão local, nos levou até a casa daquele para que conversássemos. A primeira reação do capitão foi se negar em falar em português, dizendo não saber e nem entender. Ficou estabelecido então que o sr. Virgílio seria o nosso intérprete. Qual não foi a nossa surpresa ao verificar que aquele respondia em Baniwa ao sr. Virgílio antes que este traduzisse nossas perguntas. Depois de algum tempo, e por insistência nossa, o capitão chamou outros membros da comunidade que foram se chegando desconfiadamente. Na casa do capitão reuniram-se, finalmente, homens, mulheres e crianças; e eles mantinham sempre as devidas distâncias. O tuxaua parecia aca

(1) Anexo VII - Continuação do Relato.

(2)

brunhado com uma expressão de amargura num canto da casa.

Como pudemos observar, tanto pelas declarações dos indígenas e autoridades sanitárias da região quanto pelas nossas próprias observações clínicas, as doenças prevalentes são as das vias respiratórias. Como diz o famoso etnólogo (1) entre estas "são responsáveis por maior número de baixas as doenças das vias respiratórias, a começar pela gripe tão corriqueira entre nós, mas de efeitos fatais sobre os índios que a experimentam pela primeira vez. Uma das primeiras palavras que as várias tribos pacificadas aprenderam dos civilizados ou criaram após o primeiro contato foram os designativos de gripe: para os índios Urubús - Kaapor é catar ou catarro, como dizem os caboclos da Amazônia; para os Kaingang, é Confuro (tosse, espirro); para os Tukanos é "chon". Para termos uma ideia, em 30 pacientes que atendemos na manhã do dia 6/8/76 no Ambulatório da Missão do Içana, 17 casos, ou 57,69% (2) apresentavam algum tipo de complicação das vias respiratórias.

Notamos que os indígenas são extremamente sensíveis às doenças viróticas em geral, fato este confirmado nas declarações da Irmã Rosa Goudinho da Cunha (3) ao dizer que "geralmente após uma epidemia de sarampo e catapora os índios que não morrem passam a apresentar tuberculose"; e do Dr. Albino, Vice-Diretor do Hospital Militar de São Gabriel, que declarou: "os indígenas são em geral frágeis às doenças viróticas, apresentando frequentemente complicações, e quase sempre pneu

(1) Já citado "Convívio e Contaminação".

(2) Anexo VIII - Tabela 1.

(3) Auxiliar de enfermagem em Taracua e há 14 anos trabalhando nas Missões.

munia".

4.3.1.2 - Sobre a tuberculose

Quanto à tuberculose, desejamos informar que se trata de um problema seríssimo e de graves conseqüências para a saúde daquelas populações. Como sabemos, este é um dos grandes males que atingiu as populações indígenas através do homem civilizado. Trata-se de uma doença contagiosa que se não tratada devidamente, torna-se crônica e de difícil tratamento. A quebra da interação ecológica indígena-meio ambiente já se deu na sede do município de São Gabriel, e agora já está se acentuando nas áreas mais distantes. Estão se processando, paulatinamente, mudanças nos hábitos alimentares, assim já se usa arroz, sal, etc... Ocorre que o poder aquisitivo e tecnológico destes não está acompanhando o aparecimento das novas necessidades e o fatal desejo de supri-las. Em decorrência deste fato está se instalando uma deficiência nos vários campos, principalmente no alimentar, o que fatalmente leva, muitas vezes, à fome, ao enfraquecimento orgânico e maior facilidade de instalação de doenças.

Em 14/8/76 viajávamos pelo Rio Papuri, afluente do Uaupés, na fronteira da Colômbia; um dos povoados visitados foi o da Paranajuca, do lado brasileiro. Quando entrevistávamos a comunidade, o capitão nos informou que seu filho havia tratado de tuberculose num hospital da Colômbia, porque lá ele pode ser internado por apenas 500 pesos (Cr\$125,00), e porque no Brasil tudo era longe. Nestas sim-

ples declarações, observamos a necessidade urgente de maior assistência médica do lado brasileiro da fronteira.

A preocupação de combater a tuberculose junto às populações indígenas é antiga, e está sempre presente entre todos aqueles que trabalham com Índios. O relatório do S.P.I. de 1954 diz: "Constitui objetivo do S.P.I. - durante o exercício de 1955 construir um hospital para tuberculosos anexo ou próximo à Unidade Sanitária do P.I. Getúlio Vargas com a ajuda do Serviço Nacional de Tuberculose. Se conseguirmos tal realização teremos dado passo decisivo na luta contra a peste branca que vem assolando as populações silvícolas, com intensidade progressivamente crescente. Estou convencido que a decantada fragilidade do Índio ante a infecção pelo bacilo de Koch, tem o significado apenas de ter sido até o presente abandonados pelos seus contaminadores - os civilizados. O Índio infectado deixado a sua sorte, é claro, não tem resistência. No entanto, temos verificado que desde que tenha assistência médica - medicamentosa eficiente, recupera-se quase com a mesma facilidade que os outros povos. O atestado vivo da nossa afirmativa já está em Curicica e outros". E neste tom, procurando se redimir junto aos Incolas, continua o relatório: "A clarividência dos atuais dirigentes do S.N.T. permite-nos a esperança de vermos em 1955, realizada essa obra que será um pequeno pagamento à civilização Índia dos múltiplos males que a nossa civilização lhe tem causado (!).

Apesar dos séculos de contato com a civilização, estranhamente a maior parte dos Incolas do alto rio Negro, ainda não foram vacinados contra a

(1) Relatório do S.P.I. de 1954.

tuberculose. Vejamos o que dizem alguns dos entre-
vistados:

- "Estas populações nunca foram vacinadas contra tuberculose". (Pe. Genésio Savassa - 3/08/76 - Uaupés).
- "A SUCAM parece ser a única entidade que já atuou na área, e isto há algum tempo". (Irmã Teresinha - 5/08/76 - Içana).
- "Nunca fomos vacinados contra nada". (Índios en-
trevistados em 9 povoados do Içana - 5 e 6/08/76).
- "Nunca fizemos vacinas contra tuberculose, sa-
rampo, varíola e outras". (Irmã Rosa Gaudinho da Cunha - 8/08/76 - Taracua).
- "Foram vacinadas nas proximidades da Missão 131 pessoas contra tuberculose". (Irmã Edwiges Sikorska - 12/08/76 - Pari-Cachoeira).
- "Em maio de 1976 foram aplicadas 3500 vacinas contra a tuberculose na Região". (Irmã Maria Jesus Araujo - 13/08/76 - Iauaretê).
- "Fomos vacinados contra tuberculose pela FUNAI". (Índios do Rio Uaupés - 16/08/76 - Iauaretê).
- "Todos os tipos de vacinas são feitos no Quar-
tel em Cucuí, o mesmo ocorrendo com os povoados de Marabitanas De Marabitana para baixo a si-
tuação de saúde das populações dos povoados, é precaríssima". (Capitão Guimarães, Comandante do Quarto Pelotão de Fronteira - 17/08/76 - Cu-
cui). (1)
- "Na população em geral são feitas vacinas tri-
plice e contra sarampo, e em campanhas foram

(1) Não relatou vacinação contra tuberculose nes-
tes povoados.

feitas a Sabim e contra meningite". (Médico do Hospital Militar - 18/08/76 - Uaupés). (1)

Pelo quadro acima exposto, notamos que certos locais já receberam vacinação contra a chamada "peste branca", porém acreditamos que isto não representa muito para a totalidade da população da área visitada, sendo necessário que estas campanhas se processem em toda região para evitar-se a tétrica expansão do mal de Kock, que infelizmente já os atingiu e está provocando numerosas vítimas. Segundo a maioria dos entrevistados existe um certo entrave burocrático por parte da Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas, no que tange ao fornecimento de vacinas, isto porque se exige que as enfermeiras, médicos, etc. tenham treinamento em aplicação de vacinas.

4.3.1.3 - Da desnutrição e cáries dentárias

Observamos que as populações indígenas que mantêm menor contato com o civilizado, se apresentam mais robustos e saudáveis. Como se sabe, os silvícolas que constituem grupos isolados e sem contato com o "branco" que levam uma "vida simples, ao ar livre, aliada a uma alimentação de produtos colhidos próximo à residência e com todas as suas características nutritivas, fizeram o tipo físico padrão que seria o ideal do brasileiro" (2). Por exemplo "o xavante mantêm a sua saúde e a sua bela aparência física, graças a um regime alimentar racional e instintivo, que pode ser constatado se

(1) Diretor do Hospital.

(2) A.S. Freitas, 1954 - Relatório do S.P.I.

analisarmos a sua alimentação contendo todos os princípios essenciais à vida (1). Quando se visitou o povoado de São Paulo, às margens do Rio Tiquié, nas proximidades da missão de Pari-Cachoeira, tivemos a oportunidade de presenciar um fato curioso, pois na hora que chegávamos, a escola da comunidade estava sem aula, dado que os curumins tinham saído para a merenda, que constava da coleta direta de frutas na floresta. Algum tempo depois chegavam tres canoas com cerca de 20 crianças umas semi-nuas e outras nuas, trazendo numerosos frutos, entre os quais um com tamanho aproximado de uma semente de açaí, forma ovalada, coloração negra e extremamente doce. É evidente que estes frutos que a meninada colheu nas matas próximas eram ricos em glucídeos e iam substituir, quando comidos, os desgastes energéticos daquelas crianças. Em outra oportunidade, fomos visitar o refeitório feminino do internato de Iauaretê. Era um dia de domingo. Muitos pais tinham remado horas em suas canoas, rio abaixo ou acima, para visitar seus filhos e filhas. Nestas visitas ocorrem as trocas de alimentos entre pais e filhos. Os pais recebiam a alimentação preparada no colégio: o arroz, o feijão, a farinha e ofereciam aos filhos, alimentos trazidos na longa viagem. Ao entrarmos no refeitório vimos tais oferendas: eram minúsculos peixes e formigas assadas colocadas em pratos ou pedaços de papéis, dispostos estrategicamente no centro das longas mesas do refeitório. Destes peixes e formigas, o organismo daqueles jovens adquiriam logicamente suas proteínas e sais minerais.

Como já foi dito, e pudemos constatar, o contato com o branco leva à quebra do equilíbrio natu

(1) Ibid

ral entre o índio e o seu meio, e como se sabe "a civilização atinge e afeta os grupos tribais antes mesmo dos primeiros contatos diretos com a sociedade nacional, na forma de uma competição ecológica que os envolve, provocando profundas mudanças em sua vida, antes de começar a atuar o processo de aculturação" (1).

No alto Rio Negro como a relação com o civilizado já é antiga as doenças carenciais estão mais presentes nos grupos que foram mais adulterados nos seus hábitos alimentares. Assim, "as moléstias carenciais - que não ocorrem, ao que se saiba, em populações isoladas - são frequentes nos grupos em convívio com civilizados e se prendem à adoção de novos hábitos alimentares, bem como ao abandono das antigas fontes de suprimento que lhes garantiam o vigor físico. À medida que se intensificam os contatos e os índios vão adotando as práticas e os preconceitos alimentares das populações rurais, surgem os distúrbios motores, as lesões oculares e outros, que parecem devidas a insuficiências alimentares. O sintoma mais comum de desequilíbrio dietético, e este praticamente universal nos grupos que entram em contato com os civilizados, é a queda geral da robustez e as dentaduras cariadas e mal formadas que logo se perdem. Da simples comparação entre uma tribo indígena isolada e um grupo em convívio pacífico com comunidades sertanejas e já integrado nos seus hábitos, ressalva logo a diferença de estatura, resistência física, sempre favorável aos primeiros" (2).

D. Re. Carlos Galli nos contou que quando chegou na região, há mais de 30 anos, os silvícolas

(1) Os índios e a civilização - Obra já citada.

(2) Ibid

apresentavam uma dentição em muito melhores condições que aquela que atualmente apresentam.

O relatório de uma Comissão Internacional de Observação diz que "é geral o apodrecimento de dentes mesmo entre tribos recentemente contactadas. Entre os índios este apodrecimento começa com os incisivos, mais do que com os molares" (1). Estes fatos foram por nós comprovados na grande maioria dos povoados visitados.

Aqui gostaríamos de informar que os incolas do alto Rio Negro já se encontram no estágio de enquadramento legal, previsto nos itens II e III do Art. 49 da Lei 5001, ou seja, grande parte "em vias de integração" e outra parte já "integrados". É claro que neste nível já ocorreram grandes alterações nos hábitos alimentares daquela gente, e logicamente a dependência a estes novos hábitos. A prova disto é que nas várias comunidades por onde passávamos, os indígenas nos pediam que lhes fossem ensinadas técnicas agrícolas de como plantar feijão, arroz, etc. Pediram-nos veneno para combater saúvas; e na comunidade de Umari, Rio Uaupés, o capitão chegou a nos solicitar que lhes ensinássemos a ordenhar uma vaca que eles possuíam, e não sabiam tirar o leite. Como se vê, a civilização lhes cria o hábito; há pois a necessidade de supri-los.

4.3.1.4 - Infecções intestinais e verminoses

De acordo com a Tabela 1 (2), nota-se que ,

(1) Relatório: Tribes of the Amazon Basin in Brazil - 1972 - Report for the arborigines protection Society by Edwin Brooks, René Fuerst, John Hemming and Francis Huxley.

(2) Anexo VIII - Tabela 1.

43,31% dos pacientes por nós atendidos, apresentavam algum tipo de infecção intestinal. Já a tabela 2 (1) mostra que dois dos informantes acusaram a presença de gastro-entero-colites e outros três apresentaram disenteria entre as doenças prevalentes. Quanto aos indígenas, 26 das 33 comunidades visitadas acusaram a incidência de disenteria.

Em relação à verminose, todos os informantes (Tabela 2) (2), acusam a presença de vermes entre os índios, e 15 dos povoados visitados achavam que apresentam doenças devido a vermes (3).

Como se sabe, geralmente as verminoses e as infecções intestinais são decorrentes do desconhecimento básico de higiene; num quadro como o acima descrito facilmente conclui-se que os silvícolas necessitam de uma orientação de noções de higiene e da sua importância. Aqui se questiona se antes do contato com o civilizado o índio já apresentava estas doenças, ou se passou a adquiri-las do branco.

4.3.1.5 - Reumatismo e dermatoses

Das aldeias visitadas, 33,3% informou que o "reumatismo" é uma doença que aparece sempre entre os velhos e muitas vezes nas crianças. Acredita-se que os indígenas apresentem várias doenças do colágeno, tais como artrite reumatóide, reumatismo poliarticular agudo, doença reumatóide, etc; entretanto não foi possível examinar com detalhes alguns pacientes que diziam ter "reumatismo".

(1) Anexo VIII - Tabela 2

(2) Anexo VIII - Tabela 2

(3) Anexo VIII - Tabelas 3, 4, 5 e 6.

As causas básicas do mal são as dentições pre-
cárias e provavelmente a umidade a que eles comu-
mente estão expostos.

Quanto às dermatoses, observamos alguns casos de pediculose e escabiose; sendo estas doenças de correntes do desconhecimento de noções de higiene. Notamos aqui a necessidade de orientá-los.

Vimos um caso de Herpes Zoster, e o Dr. Albino (1) nos informou o aparecimento de casos de Leishmaniose tegumentar no Hospital de São Gabri-
el.

Quanto a chamada "Espiroquetose Discrônica" (2) (também conhecida por Pinta ou "Puru-Puru") que segundo trabalhos do Prof. Dr. E. Biocca é comum em comunidades Içaneiras, não foi por nós observada nas comunidades que visitamos.

Após contato com o Dr. Rubens Brito, chefe de Divisão de Saúde da SUDAM, verificamos que infelizmente não fomos aos locais onde a enfermidade incide com grande frequência.

4.3.1.6 - Sobre o parto, a neoplasia e a solidariedade indígena

O parto entre os indígenas-do alto Rio Negro era uma questão que queríamos nos fosse esclarecida. No dia 5/08/76 visitávamos o povoado Baniwa de Ambacuba ou Tercurimate no Içana. Estávamos reunidos com o capitão, as mulheres, crianças e alguns homens da tribo. A certa altura da reunião, o médico perguntou como se processava o parto entre

(1) Vice-Diretor do Hospital de Uaupés - já citado.

(2) "Puru-Puru" - Estudos Sorológicos - Arquivos de
Biologia - Nov. e Dez. de 1944 - nº 264.

eles. Estranhamente ocorreu uma imediata reação entre as mulheres, todas falando ao mesmo tempo e olhando para o Tuxaua como se tivessem sido insultadas. Quando percebemos a situação, tentamos justificar a pergunta e dissemos que na cidade os médicos é quem faziam os partos. Não cremos tê-los convencido, mas de qualquer maneira nos responderam a muito custo e friamente, que era o marido quem ajudava a esposa a ter o filho. Posteriormente, em Matapi, Rio Uaupês, próximo à Missão de Taracuã, no dia 9/08/76, à nossa pergunta sobre o parto dirigida às indígenas do povoado, elas responderam lacônicamente: "As velhas fazem o parto das filhas". Como vemos, talvez, somente após um contato mais longo com as populações incólas é que se poderia colher dados mais detalhados sobre este assunto. Diante de tal resistência procuramos colher informações com brancos que há tempos trabalham na área.

A nossa informante foi a Irmã Maria de Jesus Araújo, auxiliar de enfermagem em Iauaretê, que nos relatou o seguinte:

"Os costumes tribais do parto são curiosos. As futuras mães não aceitam, normalmente, que a enfermeira ou pessoas estranhas ajudem no trabalho do parto. As mais antigas dizem que sempre tiveram seus filhos sós e não precisam de ajuda de outras pessoas. A mulher tem o filho de cócoras. Nunca pôde observar, por isso não sei, como o cordão umbilical é cortado, porém o coto umbilical sempre é amarrado com cabelos ou tucum, e dificilmente ocorre tétano umbilical. Na hora de ter o filho, a mãe que sempre acompanha a filha, enfia os cabelos na boca da parturiente para facilitar o parto, e curiosamente, logo após a mulher ter a criança ela se levanta e continua nas suas atividades

CONFIDENCIAL ^{1/3}

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

des normais. O interessante é que jamais ocorrem complicações, sendo o inverso em Barcelos, onde as mulheres vão sempre ter seus filhos no Hospital, e as complicações durante o parto são frequentes. Quero informar que com o advento da Educação os que estudam já procuram o Hospital".

As informações acima são importantes, mas não são suficientes para compreendermos as técnicas que os indígenas desenvolveram para o mecanismo do parto. Entretanto, pudemos observar que em Barcelos, segundo a informante, onde o processo de aculturação já está mais avançado, as complicações no parto são mais frequentes. Infelizmente não estivemos em Barcelos para observarmos a composição da população (índios e não índios) e o estágio cultural em que os indígenas daquela região se encontravam para podermos avaliar até que ponto as alterações dos costumes tribais tem influência sobre o mecanismo do parto naquelas populações.

O Pe. Carlos Galli, do Içana, nos disse que as mulheres indígenas tomavam muita "porcaria", e por isso andavam sempre doentes. A nossa pergunta: que "porcaria" eram estas? Ele nos respondeu que eram anticoncepcionais. Então perguntamos: e quem distribui anticoncepcionais para elas? Ele nos respondeu que os indígenas faziam chás de raízes e folhas que lhes serviam de anticoncepcionais. Não conseguimos saber que folhas e raízes eram estas, porém se analisarmos a realidade dos indígenas veremos que o uso de tais "chás" são extremamente válidos, pois numa organização familiar onde a mulher é a principal força de trabalho não é lógico ter filhos frequentemente. Como se sabe, entre eles, a mulher planta roça, colhe os frutos da lavoura, faz a farinha, te

oe o tuoum, etc. Em tal sistema familiar, o costume adotado de ter um filho a cada tres anos, parece ser uma medida bem coerente.

Quanto à neoplasia, vimos um caso na Missão do Içana num europeu e se tratava de um carcinoma de pele num religioso italiano que já havia se submetido a tratamento com cobalto. Não foi possível observar se o câncer é frequente entre os índias. Entretanto, encontramos dois casos de neoplasia uterina na localidade de Boa Vista ou Entroncamento. Tratava-se de duas senhoras de idade, ambas com metrorragia. Uma das índias, segundo o pastor Silvério (1), era mulher do tumãna e já havia se submetido à cirurgia no Hospital Militar de São Gabriel. A outra, transportamos conosco para São Gabriel no dia 6/08/76 e tivemos o diagnóstico positivo, através do Dr. Albino, no dia 18/08/76, quando retornamos àquela cidade.

No dia que passamos por Boa Vista assistimos a uma demonstração de solidariedade entre os indígenas de profundo significado humano. Transportamos, além da senhora portadora de neoplasia, seus dois filhos infectados de tuberculose e uma outra senhora com complicação para o lado do fígado. Cerca de 15 pessoas do grupo acompanharam os doentes. O número foi tão surpreendente que o Pe. Carlos Galli gritou do convés do barco: mas vai toda tribo acompanhar os doentes?

Segundo o Pe. Carlos, curiosamente, quando "um membro de uma família fica de cama (por gripe ou qualquer outra doença), os parentes mais próximos deixam de se alimentar até que o doente se recupere". A nosso ver, trata-se de uma abitu

(1) Pastor das Novas Tribos do Brasil - Comunidade de Boa Vista.

de de solidariedade, algumas vezes desvantajosas, pois se o doente é portador de uma moléstia infecciosa, fatalmente seus familiares acabarão também por se contagiar, de vez que seus organismos estarão enfraquecidos pela falta de alimentação a que estes se submetem, além do que esta condição é facilitada pelo uso coletivo de um único vasilhame.

4.3.1.7 - O Cristianismo, a Mitologia indígena e a genética médica moderna

Quando lemos a Bíblia no seu antigo testamento, no livro de Levítico, Capítulo 18, Versículos de 5 a 18, nos deparamos com o que ali é chamado de "Casamentos Ilícitos". Um bom observador notará que algum motivo houvera para que tais Estatutos fossem estabelecidos, e cre-se que tais motivos foram de natureza genética, uma vez que os casamentos consanguíneos desencadeiam uma série de más formações congênitas que, provavelmente, naquele tempo foram interpretados como castigos e inteligentemente proibidos pelos profetas da época. Claro está que se tal Lei foi estabelecida, é porque o costume do casamento intra-familiar, ou seja, a endogamia, existia.

Quanto à Mitologia indígena, vejamos o que diz Eduardo Galvão:

"As aldeias variam consideravelmente em número de habitantes. No Içana, é difícil atingirem a mais de cinquenta indivíduos. No Uaupés, são maiores, alcançando até duzentos índios.

O grupo local é uma comunidade de parentes-co. Afora as relações de consanguinidade características da família extensa, todos os indivíduos se consideram descendentes de um tronco co-

mum e traçam essa ascendência pela linha paterna. O grupo local é, além disso, exogâmico, isto é, o indivíduo tem que buscar o cônjuge fora da aldeia e do grupo de parentesco paterno. A regra de residência é patri-local. As mulheres por casamento vêm residir junto à família do marido. Esses grupos podem ser identificados como sibs, pois se trata de grupo de parentesco unilateral e exogâmico. O tronco ancestral é definido por um nome, via de regra referente a um animal - pato, maracajá, cobra, etc., ou um fenômeno natural, a exemplo uma constelação, Ciuci (Pleiades), e num único caso a uma planta, iebaru (*Eperua Purpurpa Benth*) Ipeca-Tapuia, Ciuci-Tapuia, Marakaiã-Tapuia, e uma infinidade de outras denominações, são tomadas da Língua Geral e traduzem do Baniwa ou do Tukano a designação do grupo. Significam simplesmente Gente ou Povo do pato, de Ciuci ou do Maracajá. Isso tem levado a certa confusão na informação etnográfica da área, onde muitas vezes sibs são tomados como tribos autônomas. O animal, cujo nome designa o sib não é considerado ancestral do qual descendesse o grupo. Apenas empresta o nome. O indivíduo sabe que pertence ao povo do Ciuci pelo fato de seu pai descender dessa linhagem. Sobre as origens últimas, ignora Inapiri-Kúri, o herói cultural, que na moderna mística é identificado ou traduz no geral a denominação de Jesus Cristo, criador dos Baniwas retirou das panelas (depressões), que ainda hoje na Cachoeira do Apuí, no rio Airi, casais de gente e para diferenciá-los deu-lhes os nomes que tem hoje os sibs. Apuí, a cachoeira de onde surgiram os Baniwas, é chamada por estes de Umbigo do Mundo e atribui-se ao herói cultural, não propriamente a criação, mas a retirada dos casais do fundo das panelas.

determinando assim a exogamia do Sib Goldman (1) refere-se a mito idêntico para os Kobewa, que situam sua origem no baixo Uaupês (2)".

Na noite de 9/8/76, fomos para um povoado às Tarianos, junto a Missão de Taraquã ouvir músicas e assistir as danças dos antigos, conforme eles dizem atualmente. A certa altura da noite estávamos bem entrozados com todos e a uma nossa interrogação sobre o aparecimento do homem, um indígena com cerca de 35 anos e que dominava bem o português, relatou-nos a seguinte estória:

"Segundo dizem os antigos, a terra, no começo era uma pedra bruta, não tinha vida, nem bicho, nem passarinho e nem árvores. Aí apareceram as águas. Nestas águas um fermento que deu um bicho. Este bicho deu um peixe que foi engolido por uma cobra. Da boca desta cobra começou a sair as gentes. Primeiro os Tukanos, depois outros, e por fim os Makus. O homem veio do fermento, é assim que os antigos acreditavam". A nossa pergunta sobre o casamento, ele nos disse que conforme a gente saía da boca da cobra formava uma família independente, na qual todos eram irmãos, e não se casavam entre si.

No conto acima relatado, além do interessante aspecto evolucionista do mesmo, notamos os saudáveis costumes que dele se depreenderam, uma vez que a exogamia é um hábito que só traz vantagens, pois em todas as aldeias visitadas não observamos um único caso de doença de natureza hereditária e como é sabido, a consanguinidade é

(1) 1948, III:780.

(2) Aculturação Indígena no Rio Negro - Galvão, Eduardo - 1959.

causadora de inúmeros distúrbios genéticos. Como vemos, tal como no cristianismo, o casamento entre parentes próximos é proibido.

Realmente este costume sobre o casamento foi por nós observado, pois quando visitávamos um grupo de Tukanos, estes nos informavam que os homens e mulheres filhos do grupo eram Tukanos, mas as esposas eram Tarianas, Tuiucas, Dessanas, etc. Aqui podemos confirmar que o costume entre eles é a exogamia.

Na genética de melhoramento animal, cruzam-se animais de linhagens diferentes para se evitar deterioração da raça: assim se faz para se obter touros de maior estatura e peso, cavalos mais fortes e velozes, etc. Quanto aos vegetais, obtém-se o milho com espigas maiores e maior número de grãos; laranjeiras com frutos mais doces, etc. Em 1965 o Dr. Warwick Ker(1) quando proferia uma palestra numa igreja Presbiteriana de Ribeirão Preto dizia que "35% dos câbeis mentais dos Manicômios do Estado de São Paulo, eram produto de casamentos de primos com primas", e continuou o renomeado cientista: "quem estiver interessado em se casar com um primo ou prima, deve mudar de ideia, para que no futuro não seja responsável por um provável caso de anormalidade genética".

A importância preventiva do costume da exogamia entre os indígenas do alto Rio Negro se evidencia quando observamos o caso de "Pseudo-hermafroditismo" masculino entre os índios do Uaçá publicado na Revista da A.M.B. em abril de 1976. Deste trabalho científico transcreveremos algumas passagens que aqui nos interessa:

(1) Atual presidente do INPA.

Apresentação do caso

Brasileiro, procedente da Região Uaçá (Oiapoque), Rio Curipi, proximidade da fronteira com a Guiana Francesa, índio Caripuna com 10 anos de idade, aproximadamente.

Herodograma

A análise de genealogia construída a partir das informações fornecidas pelo probando evidencia 3 casos semelhantes entre tios maternos.

Perfil psicológico

Masculino, com desejo de correção da má formação da genitália.

Sumário

Um caso de índio Caripuna com pseudo-hermafroditismo masculino foi apresentado. Clinicamente, caracterizou-se pelo falus pequeno e recurvado, pela hipospádia perineal, pela bolsa escrotal rudimentar e bífida, pelos testículos criptorquídicos. Quanto à citogenética, caracterizou-se pela cromatina negativa e pelo cariótipo XY. Quanto ao herodograma, notou-se ser o 4º caso de uma família extensa.

A conduta adotada, diante do comportamento psicológico masculino e do desejo de masculinização do paciente, consistiu na administração de duas doses de testosterona, criptorpezia bilateral e correção da hipospádia. Medidas de orientação preventiva deverão ser tomadas (1).

(1) Pseudo-hermafroditismo masculino entre os índios do Uaçá - Filho, João Paulo Botelho Vicira - Prof. Assist., Doutor da Disciplina de Endocrinologia da Escola Paulista de Medicina.

CONFIDENCIAL

Francamente não conhecemos os costumes, no que tange ao casamento entre os índios Caripuna; entretanto, quando observamos tratar-se do 4º caso de uma família extensa, e no cientista falar que "medidas de orientação preventiva deverão ser tomadas", sabemos que se trata de evitar casamentos consanguíneos para tentar-se o impedimento da ocorrência de novos casos.

As freiras de Taracua nos informaram já haver ocorrido, pelo menos, um caso de casamento entre Tukanos, após o processo de aculturação, mas que ocorreu grande revolta entre os familiares dos cônjuges. Quanto aos alunos internos nos colégios, disseram-nos as religiosas de Pari-Cachoeira que muitas vezes se travam "namoricos", que terminam por dar em nada quando se trata de jovens da mesma tribo.

Segundo Galvão (1) os Baniwas distinguem católicos e protestantes, dizendo que os primeiros bebem, fumam e dançam, enquanto os outros não. Como pudemos observar, em virtude das duas seitas que disputam a hegemonia sobre os silvícolas do Içana, os incolos estão sendo submetidos a uma verdadeira confusão religiosa. Em certos povoados encontram-se indivíduos católicos, outros protestantes, e alguns mantêm a antiga religião (2). Embora não intencionais estas transformações são prejudiciais.

As crenças antigas que tinham o saudável costume de impedir o cruzamento entre indivíduos do mesmo grupo, e evitar as várias doenças hereditárias, previstas na genética médica, estão sendo destruídas pelas novas religiões. Por outro lado esta im-

(1) Aculturação Indígena no Alto Rio Negro - obra já citada.

(2) Anexo IV.

posição religiosa fere o Art. 141 da Constituição Federal, que prevê a liberdade de crença a todo cidadão, e principalmente contra o item I do Art. 58 da Lei 6001 de 19/12/73, que diz "constituir crimes contra os índios: "escarnecer de cerimônia, rito, uso, costume ou tradição culturais indígenas, vilipendiá-los ou perturbar, de qualquer modo, a sua prática".

4.3.1.8 - Outras doenças

a) Sarampo

Apesar do conhecido perigo que esta doença virótica representa para os indígenas, e a despeito do secular relacionamento com o civilizado, além do constante contato que atualmente as populações dos rios Tiquié, Papuri, Uaupés, Içana e Negro vem mantendo com a comunidade nacional (e também internacional via Colômbia e Venezuela) através das Missões, FAB, FUNAI, regatões, etc., estranhamente os índios daquela área, embora integrados ou em vias de integração, não haviam sido vacinados até o ano de 1974, quando então ocorreu uma epidemia que matou numerosos indígenas. Estes fatos podem ser comprovados nas seguintes declarações:

1. Pe. Genésio Savassa - "Em 1974 ocorreu uma epidemia de sarampo na região de S. Gabriel. Pereceram cerca de 50 indígenas, principalmente velhos e crianças". 3/8/76 - Uaupés.
2. "A última epidemia de sarampo, como em outras partes, ceifou numerosas vidas". Irmã Tereza - 5/8/76 - Içana.

3. "Morreram muitos índios na última epidemia de sarampo". Pastor Silvério - 6/8/76 - Boa Vista.
4. "O índice de mortes pela epidemia de sarampo nos anos de 73/74 foi baixo, perecendo principalmente pessoas de idade e algumas crianças". Irmã Edwiges Sikorská - 12/8/76 Pari-Cachoeira.
5. "Durante esses dias chegaram notícias de uma epidemia de sarampo acima de Pari-Cachoeira. O Pe. Diretor nos pediu para atender esses doentes, pois ele estava muito ocupado dando os cursos". Peter Silverwood-Cope.

Pelas declarações acima, observamos que esta epidemia eliminou numerosos indígenas, e que felizmente não morreram mais devido aos meios modernos de comunicação, ou talvez pelo fator "sorte", como diz Peter Silverwood-Cope na sua atuação em Pari-Cachoeira quando "passou um Búfalo da FAB no qual viajava o chefe do Posto de Iauaretê. Nós, e também alguns indígenas, procuramos por ele nos poucos minutos em que o avião estava na pista descarregando, e pedimos que mandasse vacinas que a FUNAI havia fornecido para Iauaretê" - (1)

Como sabemos da Medicina Preventiva, quando se fala em doenças contagiosas, pensar em "sorte" é irresponsabilidade, pois esta tem como preceito básico que é "melhor prevenir do que remediar". Sob este aspecto somos de opinião que os silvícolas do alto Rio Negro devem ser sistemati-

(1) Relatório e propostas sobre a situação dos indígenas do Uaupés - Alto Rio Negro - Peter Silverwood-Cope - 1975.

camente vacinados contra o sarampo e outras moléstias contagiosas.

b) Malária

Esta doença, segundo o Ministério da Saúde deverá ser erradicada da Amazônia nos próximos 5 anos, através da atuação do seu órgão específico "SUCAM". Para os indígenas da área em estudo, esta informação do Ministério da Saúde uma vez cumprida, será uma dádiva, porque a malária é outra doença que há muito tempo vem tirando a vida dos silvícolas do alto Rio Negro. Vejamos o que disseram os entrevistados.

1. "A SUCAM, frequentemente, tem atuado contra a malária o que praticamente levou a erradicação da doença em toda a região, pois dificilmente se observa um caso de malária atualmente". Pe. Genésio Savassa - 3/8/76 - Uaupés.
2. "A SUCAM parece ser a única entidade de saúde que já atuou na área, e isto há algum tempo". Irmã Tereza - 5/8/76 - Içana.
3. "A SUCAM tem trabalhado na área, mas não tem visitado a região desde 1975". Irmã Rosa Goudinho da Cunha - 8/8/76 - Taracuã.
4. "A SUCAM tem trabalhado na área. Estiveram em 1957 e 1962. Nesta época a malária incidia em grande quantidade, sendo um foco importante em Tapuruquara, onde a doença chegou a atingir 50% da população. Já em Pari-Cachoeira a incidência era menor". Irmã Edwiges Sikorska - 12/8/76 - Pari-Cachoeira.

5. "A SUCAM não atuou na área neste tempo que trabalho aqui e apareceram apenas dois casos de malária neste período". Irmã Maria Jesus Araújo 13/8/76 - Iauaretê.
6. "Em 1975 atendemos 700 casos de malária, sendo 300 só no mês de março". Dr. Albino - 18/8/76 Uaupés.

Como vemos, pelas informações dadas, parece haver uma contradição entre as afirmações de alguns religiosos e a do médico do Hospital de São Gabriel quanto à incidência da doença, principalmente se relacionarmos a informação deste com a do padre Genésio Savassa, que atuava também em São Gabriel no ano de 1975. Logicamente, há maior confiabilidade nas informações do médico.

Além dos setecentos casos atendidos no hospital de São Gabriel, observa-se pelas tabelas anexas (1) que nos dão as "doenças de ocorrências mais frequentes segundo informações dos indígenas", que, das 33 comunidades ali relacionadas, 3 dizem que a malária ocorreu entre eles e 23 declaram como doença a "febre" que, como sabemos, não é uma doença, mas sim, um sintoma de várias moléstias, entre as quais o impaludismo.

Ainda podemos observar, segundo os declarantes, que a SUCAM já atuou na região há algum tempo, sendo porém necessário uma atuação mais frequente para que realmente este mal seja definitivamente extinto daquela área onde há tanto tempo vem provocando devastações.

(1) Anexo VIII.

c) Doenças venéreas

Curiosamente, as doenças venéreas não ocorrem nas comunidades indígenas que não mantêm frequentes contatos com o civilizado. Este fato pode ser observado nas tabelas anexas de ocorrência de doenças que incidem sobre os indígenas (1) e também foi confirmado pelas autoridades em saúde que atuam na região. Entretanto queremos informar que na sede de São Gabriel estas moléstias já aparecem em decorrência, inclusive, da prostituição que já é um fato constatado.

d) Infecções oculares

Das 33 comunidades visitadas, 13 delas (39%) referiram "doença dos olhos" (2). Estes problemas oculares são males de diferentes etiologias e intensidade. Vimos desde simples conjuntivites provavelmente causadas por vírus e/ou bactérias de naturezas diversas, até cegueiras cujas causas não podemos definir.

Muitos dos nossos entrevistados declararam casos de oncocercose principalmente entre os Makus. Não podemos confirmar que os doentes citados e nem afirmar que os casos de cegueira clinicamente por nós diagnosticado, fossem vítimas de oncocercose, uma vez que naquela área ainda não se realizaram estudos sobre este mal.

Entretanto, sabe-se que o Dr. Mário A.P. Moraes e colaboradores (3) do Instituto Evandro Cha

(1) Ver Anexo VIII.

(2) Ver Anexo VIII.

(3) Oncocercose no Brasil - Moraes, Mário A.P., e colaboradores - Boletim da Oficina Panamericana - Vol. LXXVI - nº 1 - janeiro de 1974.

gas descobriram um foco endêmico do oncocercose entre os índios Yanomamas, às margens do Rio Toototobi, afluente do Demeni, que por sua vez é tributário do Rio Negro.

Se observarmos o mapa veremos que esta região não fica muito distante da área por nós visitada e se levarmos em conta que, tal como os Yanomamas, os Makus são indígenas nômades, que provavelmente cruzam a fronteira da Colômbia, (um dos países com focos conhecidos) concluiremos que é bem provável que a doença exista entre eles. Pesa, ainda, a favor desta hipótese, o fato de que a "cegueira dos rios", nome africano da doença, é transmitida por um inseto hematófago do gênero *Simulium*, conhecido na região Amazônica pelo nome de piun, que existe naquela área.

Como se sabe, a moléstia é causada por um verme filariforme, denominado *Onchocerca Volvulus*, que parasita os piuns. Não sabemos se os vetores (piuns) do alto Rio Negro estão contaminados ou não. Creemos que a área carece de estudos mais aprofundados para definir-se esta questão.

A irmã Edwiges Sikowska disse-nos que de 31 lâminas com material sanguíneo, por ela preparada em maio de junho deste ano, 7 estavam contaminadas de filárias. Talvez se trate da *Mansonella Ozzardi*, filária considerada não patogênica, mas que segundo o dr. Mario A.P. Moraes (1) precisa ser mais estudada.

(1) *Mansonella Ozzardi* entre os Ticunas - Moraes, Mario A.P. - Boletim Epidemiológico - Vol. VIII - nº 3 - Ministério da Saúde.

4.3.2 - Orientação, atendimento e vacinações

Observamos que, embora fundamental, não existe uma orientação preventiva para combate às doenças. Junto às várias comunidades trabalhadas por missionários quer católicos ou protestantes, em termos de saúde podemos dizer que há maior preocupação no sentido curativo, que no preventivo, e a prova disto é o grande interesse que o Bispo revelou em equipar muito bem o Hospital de Barcelos, e futuramente o de Taracua, Pari-Cachoeira e Iauaretê.

Notamos que muitas vezes as Missões começam um trabalho louvável, mas inexplicavelmente este é interrompido, e os frutos não são colhidos.

Em Iauaretê o Pe. Antonio Scolaro elaborou uma "cartilha" de Higiene bastante interessante, que trazia métodos de prevenção e cura contra sarampo, gripe, verminoses, etc. Entretanto, somente lá (na Missão) encontramos a referida "cartilha".

Citaremos ainda o que nos disse o Pe. Genésio Savassa: "até 1975, nos meus trabalhos junto às comunidades, eu escolhia indígenas e trazia para a sede, onde estes recebiam treinamentos em saúde (princípios de higiene, aplicações de injeções, curativos, etc.). Depois eles voltavam para os povoados onde iam aplicar estes conhecimentos. Os selecionados, eram antigos pajés ou pessoas mais inclinadas para este tipo de trabalho".

Com a troca de vigário em São Gabriel da Cachoeira esta orientação foi abandonada, quando na realidade este sistema deveria ser colocado em prática em toda a Prelazia. Como vemos, no campo de saúde, não existe uma sistematização de trabalho dentro das Missões; o que predomina são as ações individuais.

Quanto aos atendimentos, todos os religiosos que atuam em saúde nos afirmaram que estes não eram cobrados, e que também os medicamentos eram fornecidos gratuitamente. Quando os indígenas eram hospitalizados também não havia pagamento.

Assistimos a irmã Edwiges Sikorska fazer vários atendimentos gratuitos; assim como os religiosos que nos acompanhavam distribuíam medicamentos. Não podemos afirmar se eles sempre agem assim, entretanto alguns indígenas interrogados sobre o assunto, negaram que pagassem alguma coisa.

Em Cucuí o Capitão Guimarães disse que a "Guia de Atendimento dos doentes é a doença", não havendo nenhuma burocracia". Todos eram atendidos pelo FUNRURAL. Curiosamente, apesar dos numerosos doentes daquela extensa região, o hospital de 12 leitos estava completamente vazio. Pode estar relacionado a este fato, a ausência do médico do Batalhão, que na época da visita se encontrava em Manaus, e estava em vias de ser substituído, pois segundo o comandante, seu tempo havia vencido.

Em Uaupês, o Diretor do hospital disse-nos que antigamente este pertencia à Prelazia, mas a partir de 1975 após a Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas ter construído o novo prédio, o Exército assumiu a responsabilidade do mesmo. Lá se atende tanto os civilizados (militares e civis) como os indígenas. Informou-nos ele, que o "INPS não funciona a contento, pois certos moradores da cidade, embora tendo condições (por exemplo comerciantes), não pagam instituto, e recorrem ao hospital através da Secretaria de Saúde".

Parece-nos que os moradores de São Gabriel usam deste artifício por dois motivos básicos : primeiro, por ter atendimento gratuito e segundo, por serem atendidos mais rapidamente evitando uma série de entraves burocráticos que eles têm que enfrentar quando são atendidos por outro meio. Chegamos a esta conclusão baseados na declaração do Diretor do hospital, que dividiu os atendimentos segundo tres vias:

- a) Pelo INPS, seguindo o protocolo burocrático do serviço pessoal do Exército.
- b) Pelo FUNRURAL, seguindo o protocolo burocrático do posto do Fundo Rural local.
- c) Pela Secretaria de Saúde, sem quaquáquer protocolo burocrático.

É claro, inteligente e lógico que os pacientes procuram a terceira via.

Disse-nos o médico-diretor que no hospital de São Gabriel se faz atendimentos de pacientes vindos de toda a região, com exceção de Cucuí, cujos doentes ou são atendidos lá mesmo, ou enviados para Manaus.

Na sede de São Gabriel, existe ainda um Ambulatório no Colégio da Missão (dirigido por uma freira-enfermeira) que faz atendimentos aos alunos, e às vezes aos moradores da cidade, e um Ambulatório conjugado a uma enfermaria na E.I.T., que atende apenas os funcionários daquela empresa.

O médico coordenador da equipe da FUNAI no alto Rio Negro, nos informou em 12/09/76 que a FUNAI mantém três postos na região: em Iauaretê,

no Caauburis (Rio Caauburis), e em Ajuricaba (Rio Demeis). Nestes postos sempre permanece um enfermeiro ou atendente que faz pequenos atendimentos. Os casos mais graves são enviados para a "Casa do Índio" em Manaus.

O capitão do pelotão de Fronteira de Cucuí informou-nos que através das "Ações Cívicas e Sociais", o Exército presta serviços de saúde ao longo dos rios, tendo havido já, durante a sua administração, esse tipo de assistência em três oportunidades. Soubemos que a FAB também presta esta modalidade de serviços esporadicamente.

O Pe. Edmar da Silva (1) informou-nos que os médicos, dentistas e enfermeiras de São Gabriel, não saem para dar atendimento às comunidades, embora em certas oportunidades o odontólogo da EIT tenha acompanhado o vigário para dar assistência na missão de Maturacá.

Fomos informados pelos indígenas do Içana e Iauareté que até há uns dois anos passados o Projeto Rondon atuava na área "arrancando dentes e dando remédios", mas atualmente eles não tem visitado mais a região.

Quanto às vacinações que, como sabemos, é a única forma de prevenir contra as doenças contagiosas, parece que não tem havido um planejamento e nem um programa no sentido de proteger aquelas populações indígenas que a cada dia mais se expõem às moléstias que lhes são transmitidas pelo civilizado, em consequência dos aumentos dos contatos com o branco, decorrentes da própria evolu-

(1) Atual vigário de São Gabriel da Cachoeira.

ção do país. Para melhor dimensionarmos esta situação basta pensar que brevemente estará funcionando até Pari-Cachoeira uma linha aérea comercial.

No Içana, nas comunidades de Santa Cruz, Nazaré e Ambaúba, os indígenas afirmaram que nunca foram vacinados contra nenhuma doença. A irmã Tereza (1) afirmou que a SUCAM foi a única entidade que já atuou na região.

Em Taracuã a irmã Rosa Goudinho da Cunha nos disse que foi feita a vacina triplíce em 1975, e que a SUCAM tem atuado na área, afirmando porém, que as vacinas contra sarampo, tuberculose, varíola e outras, nunca foram realizadas.

Em Pari-Cachoeira a irmã Edwiges Sikorska, nos pareceu ser a mais organizada quanto ao controle das vacinas realizadas naquela Prelazia e comunidades circunvizinhas, nos fornecendo os seguintes dados:

a) Vacina contra sarampo:

Em 1973	-	Foram vacinadas	286	pessoas
1974	-	"	"	522 "
1975	-	"	"	738 "

b) Vacinas contra varíola:

Em 1968 - Foram vacinadas 688 pessoas

c) Vacina contra tifoide:

Em 1968	-	Foram vacinadas	688	pessoas
1973	-	"	"	251 "

d) Vacinas contra meningite:

Em 1975 - Foram vacinadas 131 pessoas

(1) Atua no Içana.

e) Vacina contra tuberculose:

Em 1976 foram vacinadas 131 pessoas

f) Vacinas triplíce e poliovirus:

Em 1976, 129 pessoas receberam a primeira dose e 73 a segunda.

Segundo ela, a SUCAM tem atuado na área e trabalharam lá em 1957 e 1962.

A irmã Maria Jesus Araújo, em Iauaretê, nos informou que foram realizadas as seguintes vacinações:

- a) Em 1973 e 1974 - vacina contra sarampo
- b) em 1975 - A Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas vacinou a população da sede da Prelazia contra meningite
- c) Em 1975 - foram aplicadas 339 vacinas triplícees (tres doses) na sede. Trabalho realizado por ela e pelo chefe do posto indígena da FUNAI.
- d) Em maio de 1976 - foram aplicadas 3500 vacinas contra tuberculose.
- e) Em junho de 1976 - foram aplicadas 150 doses de vacinas Sabim.

Segundo ela a SUCAM não tem atuado na área no período em que está trabalhando lá.

O comandante do 4º Pelotão de Cucuí nos informou que no Quartel se aplicam todos os tipos de vacinas e que este mesmo trabalho o médico do Exército realiza em Marahitanas.

Em São Gabriel o Diretor do hospital nos dc -

olarou que no Batalhão são feitas, obrigatoriamente em todos os soldados, as vacinas anti-tetânica anti-tífica, anti-amarilica e anti-variólica. Na população em geral são feitas a triíplice e contra sarampo. Em campanhas foram realizadas a Sabin e contra a meningite. Por fim, nos informou ele, que em 1974 a SUCAM vacinou toda a população contra a febre amarela.

O médico da FUNAI, nos informou que no Rio Negro foram ministradas todas as vacinas, porém sem controle de todos os indígenas. Disse-nos que em Iauaretê, 91 povoados foram vacinados com BCG.

Os indígenas das comunidades às margens do Içana e Rio Negro negaram terem sido vacinados. No Rio Tiquiê, disseram que foram vacinados contra o sarampo e no Papuri e Uaupês nos referiram vacinas contra tuberculose.

No relatório de Peter Silverwood-Cope lemos que o Pe. Diretor de Pari-Cachocira afirmou que todos, absolutamente todos, os indígenas estavam vacinados contra o sarampo, e quando ocorreu a epidemia os indígenas negaram tal fato.

Como vemos, perante esta série de informações - ções, umas incompletas, umas contraditórias e outras até exageradas, concluímos que quem sairã perdendo será o índio, se não se fizer um trabalho planejado, coordenado e com a união de todos os esforços das várias entidades que atuam naquela imensa região. Cremos ser esta a única maneira de respeitarmos o Artigo 54 da Lei 6001 que dispõe sobre o Estatuto do índio que diz: "Os índios tem direito aos meios de proteção à saúde já cultados à comunhão nacional".

4.3.3. - Recursos para a saúde

Pelo que pudemos observar e segundo os nossos informantes, no município de São Gabriel existem tres ambulatorios, sendo um no Içana e dois na sede em São Gabriel (um no Colégio da Prelazia e um na EIT), cinco hospitais e uma enfermaria com oito leitos na EIT (1).

O Hospital de São Gabriel funciona normalmente com 24 leitos, podendo porém em casos de emergência atender até 35 internos. É o hospital que apresenta as melhores condições em todo município, sendo seguido do de Cucuí, com 18 leitos.

As instalações destes hospitais constam de: sala de parto, sala de cirurgia, esterilizador, laboratório de análises clínicas, gabinete odontológico, ambulatorios, enfermarias, Raio X (já funcionando em Cucuí e para ser instalado em São Gabriel).

Os hospitais de Taracua, Parí-Cachoeira e Iauareté são mantidos pela Prelazia. São deficientes, podendo entretanto sofrer reformas nas suas instalações e se adequarem às necessidades atuais da região. Apresentam em média 30 leitos e armadores para serem colocadas até 30 redes.

Quanto às redes queremos informar que são muito apropriadas nestes hospitais, pois os indígenas não se adaptam em dormir nas camas, sendo um dos sérios problemas enfrentados pelos médicos de São Gabriel a inadaptação do indígena nos

(1) Já citada.

leitos do hospital onde não há armadores para redes. Ocorrem coisas curiosas, segundo os médicos, pois os índios ora fogem do hospital, ou então dormem de cócoras em cima da cama ou num canto do quarto. Outras vezes eles armam suas redes entre os próprios leitos da enfermaria, havendo um que armou a rede debaixo da cama, não conseguindo os médicos entender como o índio conseguiu dormir naquela posição. Nestas atitudes podemos ter uma idéia da inadaptação dos silvícolas aos costumes do civilizado. Sintetizando : em todo o município existem 163 leitos e armadores para 60 redes.

Quanto aos recursos humanos, o município de São Gabriel da Cachoeira dispõe de 5 médicos, 4 odontólogos, 2 bioquímicos, 3 enfermeiras, 1 veterinário, 6 auxiliares de enfermagem, 3 monitores de saúde e 10 práticos em enfermagem, assim distribuídos:

a) São Gabriel (sede)

- Hospital Militar: 3 médicos, 2 dentistas, 1 farmacêutico-bioquímico, 1 enfermeira, 2 auxiliares de enfermagem e 8 práticos em enfermagem.
- Na EIT (Empresa construtora)
1 médico, 1 odontólogo e 1 prático de enfermagem.
- No Colégio da Prelazia
1 enfermeira.

b) Taracua

- 1 enfermeira e 1 auxiliar de enfermagem.

c) Pari-Cachoeira

- 1 enfermeira e 1 auxiliar de enfermagem.

d) Iauaretê

- 1 auxiliar de enfermagem.

e) Cucui

- 1 médico, 1 dentista, 1 bioquímico e 1 médico veterinário.

- os 3 monitores de saúde atuam nos postos da FUNAI e encontramos ainda 1 auxiliar de enfermagem no povoado de Auxiliadora às margens do Içana e uma prática de enfermagem na Missão do Içana. Dois dos práticos de enfermagem do Exército se encontram nas frentes de trabalho de abertura de estradas.

A região ainda é atendida esporadicamente por médicos da FAP, e pela equipe volante da FUNAI, constituída de 1 médico, 1 odontólogo, 1 enfermeira e 1 laboratorista.

O Hospital de São Gabriel recebe verbas do do INPS, do FUNRURAL, da Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas, do Ministério do Exército e do Ministério dos Transportes. O de Cucui, além do Ministério do Exército, tem convênio com o FUNRURAL. Os demais hospitais são mantidos pela Prelazia. O Bispo declarou-nos que tem intenção de colocar médicos em Taracua, Pari-Cachoeira e Iauaretê, através de convênios com o INPS e Fundo Rural.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CONFIDENCIAL₉₇

Os medicamentos para os hospitais são obtidos na CEME (1), ou através de compras com as varbas dos convênios segundo nos informaram.

Os religiosos nos disseram que antigamente vinham muitos medicamentos da Itália e EUA; entretanto agora já não vem mais.

Pelo que pudemos observar, concluímos que a Região dispõe de uma infra-estrutura que poderá adequar-se às necessidades da área desde que devidamente orientada para isso. Há uma necessidade urgente de coordenar-se os esforços empreendidos por todos para que não sejam obtidos parcos resultados, como atualmente vem ocorrendo.

(1) Central de medicamentos.

CONFIDENCIAL⁹⁸

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

5. CONTRADIÇÕES DO PROCESSO DE ACULTURAÇÃO DO ÍNDIO:

Os contatos permanentes dos indígenas da área de alto Rio Negro com elementos de sociedades alienígenas, iniciados há três séculos, provocaram grandes alterações nas instituições da cultura nativa, com a destruição de inúmeros traços culturais e a quebra da unidade estrutural de muitas tribos, fator ao qual não se deve atribuir inteira responsabilidade aos missionários já que estes não são os únicos agentes do processo aculturativo. Esse processo, considerado hoje irreversível, tende a persistir e a ampliar-se a partir das frentes rodoviárias que ora se fazem sentir com a construção da Perimetral Norte e Vicinais. Cabe, todavia, tentar caracterizar conjunturalmente em que estágio se encontra tal situação e analisar em que termos poder-se-á contribuir para a minimização das sérias contradições evidenciadas e discutir a validade ou não (ou ainda a conveniência) de preservar algum traço da cultura ora em extinção.

O impacto dos contatos de uma cultura dominante com as consequentes pressões psicológicas, sociais e econômicas permitem ver como extremamente desfavorável esta aculturação nos termos em que foi procedida, tanto para a sociedade nacional quanto para o Índio. Em primeiro lugar, porque contribuiu para aumentar o contingente da população de classe baixa marginal da área. A entrada do Índio na comunidade nacional faz-se com todas as carências próprias desta classe, pela impossibilidade destas tribos terem acesso aos intrincados mecanismos do sistema econômico e conseguirem assim sua autossuficiência. Em segundo lugar porque este engrossamento das fileiras dos pobres da Região demandarão novas medidas destinadas à sua libertação econômica, mais do que as de simples caráter beneficente ou paternalista que jamais resolverão quaisquer situações de marginalidade. A. E. Oliveira (1) alerta inclusive a aqueles que pretendam fazer algum estudo da cultura dos Ba

(1) Já citada.

CONFIDENCIAL⁹⁹

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

niwa, por exemplo, que o façam "com urgência antes que o processo de assimilação se complete". Obviamente neste processo estará implícita a erradicação total da cultura Baniwa (língua, estrutura do sistema de parentesco, costumes, etc ...) segundo observações da autora que ratificamos.

Sobre a ação da Prelazia do Alto Rio Negro, que vem ocorrendo desde 1915, foi seguida de profundas mudanças culturais sem as adequadas medidas de apoio sócio-econômico que deveriam acompanhar a entrada do Índio na sociedade brasileira - o que naturalmente extrapola a dimensão do trabalho religioso - tratar-se-ia, na verdade, de assunto a ser resolvido em área mais ampla. Apesar disso, dir-se-ia que, sob certo aspecto, inconscientemente o missionário prepara o terreno para os "negatões". A criação de necessidades "cristãs" como a da roupa e, com esta, a do sabão, a da linha de coser, a da agulha, etc ... a par de outras criadas por outros contatos com o dito civilizado como a "cachaça", somente poderão ser satisfeitas através do vil comércio, segundo padrões do já tão discutido aviamento (1) em que se estabelece relações de extrema dependência com sérias implicações no próprio regime alimentar do Índio. É fácil deduzir o que acontece com o produto da roça, da coleta e do trabalho das famílias: a banana, a farinha, o porco, a galinha, que dantes constituíam a fonte de nutrição das crianças, adultos e velhos, passam a ser nacionalizados pela necessidade de trocá-los com alguns metros de chita, algumas camisas, da pior qualidade, que chegam ao preço de 360,00 cada, segundo depoimento do tuxaua Agostinho, da tribo dos Baniwas, em Santa Cruz, à margem do Içana. É a passagem da economia indígena de atendimento às necessidades de substância para a de suprimento das exigências de um mercado externo ao qual se vê envolvido e do qual não está protegido, tampouco preparado para escapar. Não há pois diferença signi-

(1) Em que pese a já extensa bibliografia sobre o assunto, nenhuma medida pôde ser tomada em favor das vítimas deste sistema.

ficativa entre o passado colonial e o presente, somente diversificando, hoje, o produto do trabalho indígena. Na quela época esse produto demandado traduzia-se pelas "drogas do sertão". "Trabalhava o Índio o ano inteiro juntando a copaíba, a castanha, a canela, o cravo, a sal saparrilha, a plaçava, para trocar por pouco mais que nada" (1).

Deste modo inicia-se a "via de expiação e da miséria com que se defrontam todas as tribos pacificadas" (2) e que passam a integrar a sociedade nacional, dando origem aos pobres caboclos, quase sempre inadaptados. É sobre este aspecto que deve girar a preocupação do governo brasileiro ante a opção de integração social do Índio. Deverá assumir a responsabilidade desta decisão, dado que estas comunidades tribais passarão a constituir-se em aglomerados caboclos de cidadãos brasileiros com exigências de educação, saúde, habitação, cidadania, documentação, etc ... Esta decisão, por outro lado, deverá ser definida de forma clara para que não pairesm dúvidas no próprio Índio sobre a sua aceitação na comunidade nacional. Constatou-se pessoalmente em Pari-Cacipé a insegurança com que alguns Índios se situam diante desta ausência de definição sobre sua condição de brasileiro, não obstante a posse do "título de eleitor" que julgam não ter valor, já que foram "esclarecidos" por um hábil político ser o Índio "de menor" segundo as leis brasileiras, não podendo votar, devendo rasgar seus documentos. Acham-se em jogo aí os partidanismos, pelo que se deduz, uma vez que seria do interesse do candidato, caso fosse simpático ao Índio, a adesão de mais alguns votos. Consultando o estatuto do Índio acerca da matéria, tem-se que, satisfeitas determinadas condições, tais como, idade de 21 anos, conhecimento de português e habilitação para o exercício de atividade útil na comunhão nacional, razoável compreensão dos usos e costumes da comunhão nacional, o Índio poderá liberar

(1) Calvão - Encontro de Sociedades Tribal e Nacional no Rio Negro - Amazonas.

(2) Os Índios e a civilização - obra já citada.

CONFIDENCIAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

se do regime tutelar a que está submetido; todavia, determinados tramites burocráticos deverão ser obedecidos (1).

Sem generalizar esta observação, nota-se que as relações estabelecidas entre as comunidades tribais e as prelações são marcadas por um caráter de subordinação. Como no passado, representam para os Índios uma fonte de vários benefícios, por lhes prestarem assistência médica e educacional, e algum trabalho. Passam então a assumir naturalmente, posição ascendente dado que o ponto de referência para o paralelo de comportamento com o branco (negatões e outros) sempre lhes favorece. Esta superioridade os coloca em posição privilegiada permitindo-lhes intervir na cultura do Índio, na modificação de hábitos, costumes e valores. Apesar disso, não há padronização na forma de relacionamento com o silvícola. Essa rigidez hierárquica, condicionada pela poderosa organização da Prelazia, chega a ser minimizada por alguns dos indivíduos que atuam na base, isto é, os padres e irmãs, estando sujeita a maior ou menor docilidade, bondade, abertura e preparação de cada um. Todavia, é uma relação cujo equilíbrio, quando existe, é tênue e constitui-se em decisão unilateral, sujeito portanto facilmente à ruptura.

É evidente que grandes diferenças se vislumbram entre os móveis que impulsionam a penetração ora de um ora de outro elemento de contato. A obra "Os Índios e a civilização" (2) refere que, enquanto os exploradores negatões e semelhantes foram sempre movidos pela ganância que anula todo escrúpulo, os missionários o foram pela sua ideologia cristã; porém, um e outro, se identificam no desprezo pela cultura indígena. A falta de compreensão antropológica os teria "tornado incapazes de perceber a importância funcional das instituições tribais fazendo de sua tarefa mais uma obra de extirpação que de educação" (3)

(1) Lei nº 6001 - 19-12-73 - Cap. II - Art. 9º

(2) Já citada

(3) Ibid.

Não faz parte do currículo de um sacerdote a formação antropológica de fato. Entrevistando um missionário dos mais atuantes, obtivemos a informação auto-crítica de ser parco o seu conhecimento antropológico, sendo mínimas as noções incluídas nas disciplinas dos seminários. Outro missionário, quanto a este aspecto afirmou "sou auto-didata".

Uma análise cuidadosa e imparcial deve ser feita sobre este comportamento. Alguns padres e freiras, pode-se dizer sacrificaram suas vidas imbuídos de seu idealismo e viveram atos heróicos entre os silvícolas, acreditando estar agindo corretamente, não puderam ter consciência de seu etnocentrismo nem da nocividade dessa destruição cultural, dado a sua formação especificamente religiosa, ou radicalmente religiosa, não técnica. Hoje, porém, não há mais lugar nem razões para esta forma de proceder, (e aqui é que se colocam os conflitos que ora existem entre missões e FUNAI). É imperiosa a exigência de atender-se para outras ordens de necessidades do povo indígena, consideradas tão fundamentais quanto a de escolas e hospitais. Dir-se-ia o respeito, a fome de dignidade de que parecem estar possuídos os indígenas visitados, demonstra a quão foram coisificados, tornando objetos, feridos em sua auto-determinação, em sua livre opção.

Sabe-se que no próprio seio das missões uma nova ordem de ideias se faz presente hoje, permitindo identificar uma ala bastante evoluída, de onde resultou a criação em 1972 do Conselho Indigenista Missionário, do qual o coordenador é um padre antropólogo. A orientação dada pelo CIMI é atualizada, questionadora, recomenda o entrosamento com os órgãos de defesa do índio e uma ação preservativa e de respeito a sua cultura. Não se sabe, porém, até que ponto esta organização tem as forças necessárias e as condições de fazer valer a sua orientação ante algumas

prelázias de estrutura demasiado tradicional e cujo etnocentrismo ainda perdura. E, no entanto, é dessa descolificação que depende a sobrevivência dos Índios como pessoas, como "gente", capazes de reagir contra o aviltamento. É certo que a contribuição missionária deve ser reconhecida no que tange a alguns aspectos da preparação do Índio para conviver na sociedade nacional, tais como a alfabetização, o ensino e a prática de tarefas que lhes qualificam para algumas atividades. Isto tudo porém deve ser-lhes dado por adição e não por subtração. Em hipótese alguma deve-se tentar erradicar conhecimentos e habilidades de uma cultura somente por ser esta alheia à própria. Pelo contrário, o missionário poderia ser um grande colaborador na valorização desta cultura. As acusações contudo não são infundadas. Teve-se a oportunidade de notar alguns dados indiciantes do comportamento etnocentrista. Em Içana, no dia 06.08.76, pela parte da manhã, ao entrevistar uma irmã, observou-se a aproximação de um Índio "bem vestido" segundo os padrões ocidentais. Calça justa, blusa com bela estampa, cinto largo, sapato de salto. Quando a irmã o viu exclamou: "vestido como gente, hein"?

A missão de Taracuã nos pareceu atrasada 50 anos em termos de educação, com sistema de aprendizagem muito rígido, segregação radical de sexo e foi onde se percebeu maior intolerância para com o comportamento "diferente" do homem e da mulher indígena, embora por questão de justiça se deva admitir que, no que toca à alimentação, procuram respeitar alguns traços de cultura. Haja visto que cada mesinha dos refeitórios quer dos meninos, quer das meninas, havia um copo com o chibê e com a pimenta ao lado do feijão, do arroz e do peixe. Questiona-se contudo tratar-se de um ato consciente ou de tolerância ou somente porque "se não servirmos a pimenta e o chibê elas não comem", conforme afirmou a irmã responsável pela alimentação das meninas.

Já a Missão de Parí-Cachoeira ilustra bem a diversificação de orientação. Pareceu-nos muito atualizada, não somente no processo de ensino como na forma de abordagem comunitária e no respeito aos valores culturais. As irmãs e padres estimulam a prática das tradições indígenas, das danças, de alguns costumes e pelo depoimento de irmã Terezinha, "procura-se educar o Índio para o ambiente dele e não para o nosso". Segundo a irmã Alba "a alimentação do colégio é fornecida respeitando os padrões alimentares das tribos, somente tentamos criar novos padrões como a ingestão de verduras". Disse ainda: "É evidente que algumas práticas procura-se remover, como o comportamento do homem em relação à mulher em que esta é minimizada ao extremo, daí que estimulamos o ensino misto e temos obtido excelentes resultados". A técnica de penetração desta Missão é colocar um ex-aluno como professor de uma tribo não aculturada (pago pela prefeitura de São Gabriel) já que este sempre sabe a língua de outras tribos. Este professor, junto com os primeiros ensinamentos, já introduz religião. Esta missão possui em 10 comunidades, clube de mães organizados espontaneamente, e a participação é total das mulheres.

Evidentemente estas práticas de associativismo são podem encontrar alta receptividade entre estas tribos acostumadas já a tais condições dado que a estrutura sócio econômica e mental do Índio é altamente associativa, isto é, quando não foi contaminada ainda pelo espírito individualista do civilizado. Essas organizações que quase sempre não "dão certo" entre a nossa mentalidade cooperativas, clubes, etc... entre os Índios encontra caminho fértil.

As atividades ensinadas e praticadas por estes grupos partem de algumas próprias da cultura, incluindo-se outras julgadas necessárias. Assim têm artesanato, rocas comunitárias, limpeza, higiene, festa dos pais, etc...

A finalidade destes grupos segundo as irmãs é "levar a mulher a crescer e libertar-se um pouco da escravidão do homem". A verba conseguida geralmente com o dinheiro do artesanato é "revertida em benefício do índio para compra de zinco para cobertura das casas, fazendas, pagamento do trabalho de cada um, etc..."

Nesta questão habitacional baseiam-se alguns etnólogos para criticar a "incompreensão revelada pelo missionário e demonstrada no ardor com que se lançaram contra as malocas procurando substituí-las por choças dispostas em arruamentos, cada qual com uma família conjugal". Os remanescentes de dois, três ou mais clãs, quando não dispunham de meios para viver independentes, juntavam-se formando uma só maloca conservando desta forma seus métodos tradicionais de luta pela subsistência, lavando a terra, caçando e pescando coletivamente. É a condição associativa já referida. É a forma de vida do índio que se agrupa com fortes laços de cooperação. É a sua cultura. Os salesianos teriam acabado por destruir este último alento da vida tribal alegando que a maloca era nociva à saúde do índio e "permitia a promiscuidade contrária à moral cristã". Niewvendajū mostra uma posição radicalmente contrária à salesiana quando diz proporcionar uma casa índia de estilo antigo, medindo 20x40 metros, melhores condições higiênicas que as palhoças pelas quais foram substituídas. Vejamos o que diz:

"As malocas são em geral muito bem construídas. As suas cobertas oferecem inteira garantia contra o mais violento aguaceiro; o chão é enxuto e limpo e de tarde reíra na sua penumbra uma frescura agradável. As casinhas modernas pelo contrário, são o mais das vezes quentes e mal acabadas".

A equipe teve a oportunidade de observar a precariedade da atual habitação indígena, antiestética, mal construída, escura.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"A comunidade da maloca é a unidade da primitiva organização semi-comunista destas tribos. Levantada pelos esforços conjugados de seus habitantes, todos tem parte na sua posse, sujeitos, porém à direção patriarcal do tuxaua. Devido ao parentesco de sangue, à estreita convivência, o laço que une esta comunidade é muito forte. A arquitetura da maloca está inteiramente de acordo com o sistema familiar social. Ela se divide em 5 zonas (uma de cada lado) pertencentes às diversas famílias que nelas fazem os seus compartimentos: duas aos trabalhos comuns e o espaço grande de meio às cerimônias religiosas e profanas. Na maloca condensa-se a cultura própria do Índio: tudo ali respira tradição e independência e é por isso que elas têm de cair" (1)

Esta incompreensão teria sido a condenação dos Índios do Rio Negro e Uaupés, que seriam os que detinham uma das culturas melhor adaptada à floresta tropical.

A equipe teve a oportunidade de observar, ainda hoje, a excelência de suas soluções para os problemas da vida cotidiana pelos velhos métodos indígenas. Por exemplo, ao decidir visitar uma tribo Maku a equipe teve de deslocar-se de Pari-Cachoeira, de voadeira até Maracájá e desta penetrar na floresta a pé. Durante o pernoite uma casa foi cedida para os "brancos" onde deveriam amarrar suas redes para dormir. Observou-se que o tipo de construção de habitação, já alterada, oferece novas feições (de barro, formato quadrado) porém conseguiu conservar alguns detalhes do antigo estilo das malocas. Esta deveria oferecer a condição para que cito redes fossem armadas. Aparentemente não havia apolo para tal, dado que, o que vimos não passavam aos nossos olhos de finos troncos de árvores amarradas, uns aos outros com cipós. Verificamos que as redes iam ser armada nos ditos paus. A apreensão, o erro de cair tomou conta de alguns membros da equipe sendo que um deles exclamou: eu peso 80 quilos, será que aguenta? ao que foi respondido: "Pode deixar até todo mundo que não cai". E na verdade todas as pessoas deixaram e o sono foi tranquilo.

(1) Nlenuedaju - Relatório 1950.

MRE: 17, p. 110/165

Neste mesmo dia, durante nossa longa caminhada na floresta, já de retorno da tribo dos Makus uma chuva torrencial surpreendeu-nos. Foi um problema, em virtude de nossos equipamentos e roupas de "civilizados". Apesar da proteção dos plásticos, chapéus e algumas capas, percebemos que lamos ficando ensopados. Ao olhar para trás percebemos 5 índios que nos seguiam tranquilamente segurando como anteparo, longas e viçosas folhas de bananeira em posição tal que estas lhes davam grande proteção das chuvas. Parecia ser somente questão de saber usar a folha. Naturalmente solicitamos 2 destas e usamos. Refletimos o quanto podemos nos enganar e o risco que corremos ao tentar modificar esses costumes que nada mais são que produto do conhecimento e de séculos de experiência de vida na floresta, de ensaio, erro e acerto. É a ciência do índio que para nós tem como defeito não assemelhar-se aos conhecimentos científicos ocidentais. Mas foram testados na prática de sua vida cotidiana e constituí a sua verdade.

Ante a incompreensão que todo civilizado tende a demonstrar o índio procura proteger-se. Essas agressões à sua cultura são responsáveis hoje pela perda de grande acervo de conhecimentos da farmacologia indígena. Acusa-se-lhe de negar a informação de uma série de fatos e segredos, relativos a seus chás, suas ervas, seus métodos de controle da natalidade, seus processos de cura, etc... Segundo o postor da organização Novas Tribos do Brasil, fixado em Boa Vista ou Entroncamento para fins missionários, os índios da quela aldeia conhecem um chá utilizado nas picadas de cobras venenosas que dá excelentes resultados, com cura. Toda via não transmitem esta informação em hipótese nenhuma, por temerem a zombaria dos brancos. O mesmo fechamento dá-se no que se refere às informações dos seus nomes próprios, de origem indígena, que possuem, não obstante diante dos "brancos" atenderem por João, Pedro, Mário, etc... Pelo depoimento do Dr. Albino, vice-diretor do Hospital Militar em São Gabriel, estes nomes não são revelados, salvo, tenha se estabelecido entre o índio e o branco uma profunda e segura conflância e amizade.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Pari-Cachoeira foi o local onde nos foi informado ainda não ser obrigatória a participação nas atividades das missões, nem a existência de sanções morais que implicam em obrigatoriedade indireta. Alguns Índios não participariam das atividades religiosas. Não tivemos a oportunidade de constatar a veracidade desta afirmação mas pudemos observar o quanto os indígenas daqueles povoados são espontâneos e abertos, demonstrando um comportamento menos tolhido que os do Içana, por exemplo, especialmente aqueles catequisados pelas missões protestantes. Em reunião feita em Bela Vista à margem do Tiquiê, abaixo da missão de Pari-Cachoeira, os homens do povoado expressaram seus problemas com bastante desenvoltura, mostraram-se bastante críticos, inclusive contra a Prelazia na presença de P. Miguel.

"Aqui só sabem fazer promessas e mais nada. O prefeito promete, a FUNAI promete, as missões prometem e ninguém cumpre".

Estes Índios, por sua iniciativa, compraram uma lancha e tornaram-se relativamente auto-suficientes, confirmando as observações de Peter Silverwood. O motor foi comprado pelas missões e o barco por eles. Hoje, não precisam de regatões; vão a Uaupês, enchem o barco de produto e atendem às necessidades de sua comunidade.

Os indígenas à sua maneira, têm as suas demarcações de terras. Exemplificam informando: "as terras até determinado lugar pertencem aos Índios do Rio, daí por diante aos Makus, etc." Estas demarcações entretanto não apresentam caráter individualista porquanto estão distribuídas segundo os Banwas, os Tukanos, etc... pertencendo a todos da mesma tribo. Não se teve notícia ter havido conflito de terras entre aqueles Índios. Acerca deste assunto supomos devam ser tomadas medidas urgentes de caráter preventivo no sentido de assegurar a posse daquela área por estes contingentes. Existe a perspectiva de virem a ser invadidas por possíveis posseiros ou empresários, e este será o golpe final e fatal que implantará definitivamente a miséria a estas comunidades.

De certa forma observamos uma preocupação por parte dos missionários no que tange à propriedade da terra, que pretendem assegurar para o Índio. Segundo informações do voluntário Pierangelo, "as missões têm tentado conseguir títulos de propriedades para os silvícolas na ilha de Camanaus, porém têm encontrado sérios obstáculos relativos à documentação individual que os indígenas não possuem e encontram grandes dificuldades em obter por motivo da lei já comentada neste relatório, isto é, o Índio é "de menor".

Pareceu-nos de certa forma confusa a questão territorial do Alto Rio Negro. Importantes dados sobre a matéria estão contidos no relatório de Peter Silverwood quando diz:

"A situação dos indígenas realmente está envolta em muitas dúvidas: O decreto nº 51.028 de 1961 criou a reserva florestal do Rio Negro com os seguintes limites: ao norte com o Rio Içana; a leste com os Rios Içana e Negro até sua confluência com o Rio Uaupês; a oeste com linhas de fronteiras com a Colômbia e com o Rio Uaupês, no trecho de fronteira com o mesmo país; ao sul pelo rio Tiquiê desde a intersecção do seu curso com a fronteira da Colômbia até sua confluência com o Rio Uaupês, daí pelo Uaupês até sua confluência com o Rio Negro.

Os artigos 4 e 5 deste Decreto dizem que serão respeitadas as terras do Índio, e que caberá ao Serviço de Proteção ao Índio o trabalho de assistência.

O estatuto legal dessas terras dos indígenas parece mudar um pouco segundo o artigo 5º do Decreto nº 62.998 - de 1968 (que criou o Parque Nacional Indígena de Tumucumaque) que diz:

"São consideradas áreas reservadas aos índios os parques ou reservas florestais, criadas em leis ou decretos, desde que nelas habitem, no todo ou em parte, tribos indígenas, aplicando-se, no que couber, o regime estabelecido neste Decreto".

Assim, a Reserva Florestal do Rio Negro, por ter mais de 15.000 Indígenas espalhados por toda sua extensão, passa a ser uma área de reserva indígena. Mas aqui surge uma série de problemas:

Primeiro, se a Reserva Florestal do Rio Negro é uma área reservada indígena, qual das quatro categorias de área reservada (distinguidas no Artigo 26 do Estatuto do Índio como reserva indígena; parque indígena, colônia agrícola indígena, território federal indígena) se aplica a este caso?

Segundo, se a área reservada segue estes limites da Reserva Florestal ficam excluídos os indígenas morando na margem sul do Tiquiê e também nos afluentes localizados ao sul do Tiquiê, como o Rio Irã, Igarapês Samauma, Castanho e outros.

Terceiro, mesmo que no INCRA em Manaus não se encontra nenhum título registrado, existe pelo menos três grandes propriedades, ou latifúndios, dentro da Reserva Florestal/Área Reservada Indígena.

A Missão Salesiana de Tauaretê, alega ser dona de 45.560.000 m² pela Lei nº 1336 de 4 de outubro de 1927. Essa terra, além de conter cinco aldeias indígenas, a pista e as instalações da FAB e as instalações da Celetamazon, tem como limites em dois lados as próprias linhas fronteiriças do Brasil com a Colômbia. A Missão de Tauaretê não tinha o título para confirmar essa alegação, apenas tinha uma planta desenhada a mão, sem escala.

A Missão Salesiana de Taraquã tampouco tem título para mostrar, mas alega ser proprietária de uma faixa de cinco quilômetros de frente do Rio Uaupês com um quilômetro de fundo, ou seja 5.000.000 m².

A Missão Salesiana de Pari-Cachoeira, no Rio Tiquiê, também alega ser dona de uma faixa de terra de seis quilômetros de frente do Rio Tiquiê e do lado norte, variando de 1 a 2 quilômetros de fundo. O Padre Diretor atual diz que ele não tem o título e ele não conhece os limites exatos da terra da Missão.

Todos os títulos dessas alegadas propriedades, segundo os padres, estão com o Bispo da Prelazia do Rio Negro, em Uaupés.

Existe um caso de invasão de terras indígenas pela Missão salesiana de Parí-Cachoeira, denunciado pelos indígenas donos daquela terra numa carta dirigida para a Presidência da FUNAI em outubro de 1973. Trata-se de uma faixa de terras na margem sul do Tiquiê, na frente da Missão, sítio com um total de nove malocas pertencentes aos antepassados dos Tukanos atuais. A Missão desmatou a terra e ocupou iniciando uma criação de gado. Para os Tukanos a terra é sagrada, sendo seus antepassados sido enterrados dentro dos sítios das antigas malocas, conhecida prática funerária da cultura dos Tukanos e outras tribos da região.

Esta terra é fora da doação que o antigo chefe dos Tukanos, Dultiro, fez quando recebeu os primeiros missionários há uns trinta e cinco anos. Essa terra é também fora dos limites da alegada propriedade da Missão, que estaria, segundo os padres, somente à margem norte do Tiquiê.

Esta terra, estando localizada à margem sul do Tiquiê, também fica fora da Reserva Florestal do Rio Negro e da Área Reservada Indígena.

Os missionários atuais de Parí-Cachoeira sabem que não têm nenhum direito legal sobre estas terras, mas se desculparam dizendo que o gado é para sustentar os alunos do Internato da Missão.

Dizem ainda que se os índios insistirem, eles retirarão o gado da terra. Os índios, por sua vez, afirmam que estão, há muito tempo, pedindo a retirada do gado (1).

Não obstante os aspectos favoráveis à atuação missionária de Parí-Cachoeira, foi observada e fotografada a fazenda de propriedade da Missão em terras indígenas conforme questiona Peter.

(1) Relatório de Peter Silverwood.

Ela existe e lá se encontra contrariando as leis de proteção Indígena.

Sobre essa questão de terra, interessante depoimento foi obtido na comunidade de Acará, próximo a São Gabriel, do Sr. Borges, Índio aculturado, comerciante, bastante esclarecido, com nível de instrução ginasial, tendo estudado em Manaus, inclusive já com costumes civilizados.

- "Aqui os missionários quiseram apropriar-se das terras de duas famílias. Sendo que uma delas eu consegui proteger e não permiti. Isso nos valeu cair na sua desgraça tanto é que todos estes povoados aqui por perto receberam os seus barcos, somente o nosso não recebeu".

Ao padre que nos acompanhava pedimos nos informasse as razões pelas quais esta comunidade não havia recebido o barco. Não soube esclarecer os motivos.

Foi-nos difícil conseguir informações precisas acerca das propriedades particulares da Prelazia. Muito vagamente, através de Pe. Edmar Silva podemos saber possuírem em cada Missão uma área particular e que eram extensas.

Não foram muitas as manifestações dos indígenas acerca do problema territorial, todavia foi sentida esta preocupação entre alguns dos principais vlogues (1) de Pari-Cachoeira e do Içana. Um deles solicitou veementemente orientação acerca do assunto. Queria ser informado sobre o que fazer para garantir o seu pequeno sítio.

Quanto às frentes do exército, de Inã Terexinha, (de Pari-Cachoeira) obtivemos o seguinte depoimento, ao ser indagada sobre elas:

"As frentes do exército ainda não estão chegando aqui, mas os Índios estão chegando lá, inclusive já criando problemas de mães solteiras. As mulheres Índias quando vão para o Uaupês voltam com esse problema. Sempre fazemos um trabalho com a comunidade para que sejam novamente accixas".

O capitão Guimarães, de Cucuí, informou que "a entrada

(1) Sinônimo de Tuxaua ou chefe.

de uma avalanche de homens sem acompanhantes alterou a comunidade. São as tradições do progresso e isto nem as irmãs poderiam controlar".

Foi observado em São Gabriel algumas Índias vivendo de prostituição.

Padre Norberto Hokenschiner, de Pari-Cachoeira vê na presença destes pelotões do exército aspectos positivos e negativos. De positivo surge o "desejo de progredir no Índio". De negativo "passam a abandonar os povoados e adquirem o terrível vício da cachaça".

Sabe-se que o Índio, através de sua cultura, produz e tem o costume de beber o "caxiri", porém como tivemos oportunidade de provar, sendo feito de cana, mandioca e consumido imediatamente, apresenta pouco teor alcoólico pela baixa fermentação. Além do que o seu uso se fazia em acontecimentos festivos, em comemorações alegres. O que não ocorre hoje quando ingere o álcool por melancolia, tristeza, desilusão e vicia-se irremediavelmente. Para o padre Norberto "não se pode culpar porém a estas frentes a exclusiva responsabilidade da transmissão deste hábito, mas a todos os contatos de 100 anos antes". "Estes Índios já foram escravizados de forma miserável", disse.

Consoante a afirmação de Pe. Norberto, a entrada dos pelotões poderá constituir-se (no caso de uma boa preparação dos contingentes forasteiros e no caso de ser evitada uma discriminação no tratamento do Índio) uma contribuição positiva no que tange à educação e à saúde das comunidades.

Quanto à Aeronáutica, vem fazendo um trabalho humanitário de grande importância na área, ao transportar doentes, prestar serviços de apoio às campanhas, conduzir mercearias, etc. Participando dessa forma objetivamente do esforço de preservação nacional da área do Uaupés. Apesar da informação contida neste relatório quanto ao bom entrosamento entre FUNAI e Missão Novas Tribos do Brasil, no dia 06-08-76, na Comunidade de Boa Vista, reunidos com os Índios presenciais o seguinte fato: o Tuxaua do grupo narrava o problema de saúde

de de sua esposa ao mesmo tempo em que outros elementos do grupo queixavam-se de tuberculose. O médico da equipe inquiriu acerca dos possíveis medicamentos ingeridos ou recebidos. Um jovem Índio presente referiu as dificuldades de se obter remédios para esta doença porque a D. Nair (1) lhes havia informado serem "caros os medicamentos vendidos pela FUNAI". Ahamos estranho e solicitamos a presença desta senhora no local a fim de que nos esclarecesse acerca deste problema. A mesma desmentiu o Índio afirmando: "Essa gente nunca entende o que eu lhes digo". Posteriormente os indígenas estiveram no barco e reafirmaram o que haviam dito anteriormente insistindo que ela é que não dissera a verdade.

Como podemos ver, as boas relações entre estas Missões e a FUNAI a qualquer momento poderão ser abaladas. Parece-nos ser "uma saída" para algumas situações, no momento de assumir-se as responsabilidades perante aquelas populações, jogar-se a culpa na FUNAI; confundindo a opinião do Índio a respeito do órgão que o representa.

Essas situações provocadoras de atritos são observadas também quanto à Prelazia e contribuem para que não sejam discutidas abertamente as dificuldades e os problemas que afetam diretamente as populações. Passa-se a "esconder o jogo" e quem sai perdendo é o indígena. Em apoio a esta colocação vejamos o que diz o relatório de Peter Silverwood:

"Quando estávamos em Pari-Cachoeira chegou a notícia de um surto de sarampo nos povoados do alto Tiquiê. O Padre Diretor havia afirmado que todos, absolutamente todos os indígenas, na área, estavam vacinados contra sarampo. A freira enfermeira também insistiu que todos eram vacinados, que ela tinha ficha como prova. Mas os indígenas de todos os lados nos procuravam para nos pedir vacina porque, segundo eles, a maioria da população não estava vacinada"...

Adiante diz ainda:

"No dia seguinte partimos para o povoado onde havia sarampo. Entre os 38 habitantes do povoado só uma moça dizia ser vaci

[1] Voluntária das Missões "Novas Tribos do Brasil".

nada contra esta epidemia. Na volta desta viagem a FUNAI já havia mandado com a FAB 750 vacinas contra sarampo para a Missão de Parí-Cachoeira e nós encontramos a freira enfermeira vacinando algumas centenas de indígenas no povoado da Missão e no povoado mais perto do Rio abaixo".

Peter conclui esta passagem dizendo:

"Contamos este caso para ilustrar nossa observação de que a Missão se preocupa mais em dar uma excelente impressão de grande eficiência que em admitir as limitações, deficiências e dificuldades que darlam pelo menos indicações sobre a situação verdadeira e de como melhorá-la. Parece que para a Missão sua própria imagem tem mais importância do que a saúde dos indígenas".

Pela citação acima comprova-se não ser das melhores as relações entre Missão e FUNAI.

Os órgãos deveriam ter consciência de que o Índio costuma tomar partido nesses litígios de acordo com a influência recebida daquele que está mais próximo. No dia 10.08.76 no povoado de Bela Vista às margens do Tiquiê os silvícolas nos informaram não ter deixado o Peter desembarcar em seu povoado em decorrência do sarampo e "porque a FUNAI não presta" (1).

Não podemos deixar de referir, neste capítulo, os conflitos entre cristãos católicos e cristãos protestantes, e entre estes e os próprios indígenas cuja mitologia ainda não foi inteiramente dominada e destruída. Pelas informações das Freiras e Padres, os protestantes espalharam no Içana o boato de que o Pe. Carlos era o diabo. Segundo o padre, há anos atrás os indígenas fugiam e se escondiam dele. Depois estes foram se "amansando" e passaram a recebê-lo. Quando o padre lhes estendia a mão, estes lhes davam apenas o cotovelo.

Vê-se em tudo isso a confusão religiosa a que o Índio está sendo submetido. E talvez não fosse necessário esse afã de lhes dar uma "religião" porquanto já a possuíam.

(1) Parí-Cachoeira

6. CONCLUSÕES

Talvez seja útil, ao iniciar a tarefa de síntese e conclusão do pensamento da equipe sobre o trabalho ora efetuado, considerar a idéia de sua validade e utilidade prática, qual seja, abrir uma perspectiva de mudança nas ações desenvolvidas em prol do Índio do Alto Rio Negro. Tal expectativa contribuiria para explicar o alto investimento do HINTER/SUDAM ao deslocar uma equipe interdisciplinar para a área por quase um mês com todo o instrumental e recursos disponíveis. Esta é a razão também pela qual este relatório não se limita a informações breves de fácil leitura. Procuramos, como produto de uma observação abrangente otimizar o aproveitamento dos dados levantados.

Certas interrogações surgem num momento como este e não nos parece tão adequado conduzir o relatório a conclusões definitivas senão ao destaque de pontos de reflexões a serem consideradas, quer pelas autoridades, quer pelos órgãos envolvidos com a população do Alto Rio Negro.

Quanto à Prelazia, objeto principal desta análise, deve-se conceber a possibilidade de uma ação entrosada com o principal órgão de ingerência sobre o Índio, ou seja a FUNAI e com outros arrolados nos "contatos". Deve-se conceber ainda a perspectiva de uma coordenação ascendente capaz de promover esse entrosamento entre órgãos de forças desiguais de modo possa ser admitida a possibilidade de uma orientação sobre a ação missionária uma vez que se constata quanto a essa ação, não obstante as boas intenções contidas, os seguintes problemas.

- a) Excessivo peso do ensino religioso via aprendizagem formal nos internatos;
- b) Pouca preocupação na preservação do que resta da cultura do Índio bem como na valorização desta cultura de forma que alguns traços ainda existentes: línguas, artes, costumes não sejam perdidos como parte do patrimônio brasileiro;

c) Heterogeneidade na forma e orientação educacional permitindo verificar-se uma defasagem histórica entre uma missão e outra no processo de aprendizagem e na Promoção Social.

Consideramos a FUNAI um órgão de pouca força diante das Prelazias e só admitimos a possibilidade de um entrosamento sem subordinação e conseqüentemente sem conflitos no caso de serem as medidas de apoio, quer financeiros, quer de outra ordem, colocados ao mesmo nível. Sabe-se ser a Igreja Católica ainda uma estrutura de poder na sociedade ocidental cristã. Sua influência nas ações do Estado, embora sem o esmagamento de outrora, ainda se faz sentir, daí que a posição de alguns técnicos, se isolados, são entendidas com certa dificuldade, como acontece na FUNAI. A verdade é que impressiona sobretudo a disparidade estrutural entre Missões e FUNAI no Alto Rio Negro.

Quanto à verba concedida pelo Governo brasileiro, se bem não tenhamos procedido a uma fiscalização específica, percebe-se ser carregada quase que totalmente em função da alimentação nos Internatos e melhoramento das instalações dos colégios. Com relação à alimentação, achamos na verdade ser insuficiente.

No que toca a este assunto deve caber uma preocupação real de maiores alocações de recursos para a área porém é conveniente estudar-se uma fórmula capaz de permitir a distribuição desses recursos equitativamente pelos vários órgãos atuantes e talvez a abertura da possibilidade de projetos de ação social ou de pesquisa por iniciativa particular de técnicos regionais ou por outros dos órgãos federais.

Creemos ser de grande interesse o estudo da viabilidade de ascensão econômica do Índio, para que o caminhar de sua integração não represente um gradativo aviltamento na hierarquia de valores sócio-econômicos. Concernente a este aspecto optamos por uma recomendação geral, ou seja: a criação de uma comissão ou grupo de trabalho com a tarefa de elaboração de um projeto de ação para a área.

No que tange à educação temos ainda:

1a. proposição:

Na questão comentada acima (Item 4.2) quanto à inadaptação dos cursos e currículos, é necessário lembrar já ter sido assunto bastante debatido apesar de ainda não terem sido tomadas decisões eficientes a sua solução. Propõe-se que sejam tomadas medidas conjuntas entre FUNAI, Missões e Secretaria de Educação do Amazonas, a fim de tornar exequíveis estudos sobre a realidade econômico-social dos grupos, capazes de fornecer as bases exigidas às programações realísticas no sistema educacional do AÉto Rio Negro. Pesquisas antropológicas já realizadas na área serão de bom proveito no entendimento da cultura tribal, bem como antropólogos da FUNAI ou Museu Emílio Goeldi que na área viveram algum espaço de tempo, serão muito valiosos como assessores técnicos à elaboração de uma estrutura educacional original para áreas indígenas. É claro que aí se inclui a preparação de material didático adaptado ou elaborado especialmente para o ensino específico de populações indígenas.

Tal proposição, se aceita, para surtir efeitos absolutamente positivos deve estar reforçada em decisões a nível de cúpula dos órgãos que tratam da questão educacional indígena. Acredita-se serem inexecutáveis, dados os atritos institucionais que envolvem a questão no Brasil, as opiniões ou decisões quando no âmbito dos técnicos com cargos médios de chefia ou de funcionários que estão em tarefas de execução diretamente ligados às populações Índias. Isso pode ser constatado por depoimentos de funcionários da FUNAI no Amazonas e por observações realizadas por esta equipe.

Outra dificuldade que se antepõe à presente proposição é a deficiência de pessoal qualificado. A própria FUNAI-Delegacia do Amazonas, encontraria absoluta dificuldade em recursos humanos com formação antropológica-pedagógica, para atacar tal ordem de problemas. Fomos informados não existir

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

no momento nenhum antropólogo nessa delegacia. As mesmas observações gerais feitas acima são extensivas à Secretaria de Educação do Amazonas e às Missões, quer católicas ou protestantes.

Tal deficiência de recursos humanos especializados e a inexistência de decisões fortemente apoiadas pela direção dos órgãos públicos federais parecem constituir reais barreiras à exequibilidade da presente proposta.

2a. Proposições:

O relatório do Iº Seminário FUNAI/Missões Religiosas, promovido em 1973 pelo Ministério do Interior é rico em sugestões e proposições, para orientar o trabalho conjunto das instituições públicas e religiosas que atuam diretamente nas áreas indígenas. Fomos informados não terem sido seguidas uma parcela considerável de tais sugestões. Oportunamente transcrevemos aqui uma dessas proposições não cumpridas (1), por razões de se encaixarem perfeitamente no pensamento desta equipe de avaliação.

Os participantes do Seminário ao considerarem "que a alfabetização em língua portuguesa só deve ser iniciada após o conhecimento da língua do grupo e que o número de especialistas em linguística descritiva é reduzido" sugerem:

1. que a FUNAI promova campanha, junto às Universidades, para a formação do maior número possível de antropólogos e linguistas brasileiros, especializados no estudo das culturas e línguas indígenas;
2. que a FUNAI e as Missões Religiosas, formem um quadro de linguistas, em número tal, que seja possível atender às necessidades de estudos a serem desenvolvidos nos grupos tribais;

Proposição VI - Área de Educação

3. que as Missões Religiosas sejam avisadas, em tempo hábil, das cursos para formação de linguistas, realizados pelo Instituto Linguístico de verão, e dos cursos de Monitores Bilingues, realizados pela FUNAI.

3a. Proposição:

Uma vez já existir um número significativo de indígenas com o 1º grau completo ou a completar, constituindo inclusive 95% dos professores das escolinhas rurais, juntando com certa experiência pedagógica, seria conveniente um projeto que permitisse o prosseguimento nos estudos de parcela desses indígenas, em especialização antropológica, linguística, agrícola, artesanaria, etc... a fim de que eles próprios fossem capazes de orientar o processo de aculturação de seu povo, com bases sólidas na ciência moderna, assessorando técnicos voltados à educação, às questões de adaptação curricular, linguística, adequação aos valores culturais de calendário escolar, etc... dificilmente alcançadas quando efetivadas por pessoas de cultura diferente, como os civilizados que tentam discutir e decidir sobre o que "seria bom" para o próprio Índio e o seu processo de aculturação.

Tivemos oportunidade de conversar com alguns jovens e mesmo com adultos que apresentaram uma sensibilidade bem acentuada quanto às relações inter-étnicas e seus efeitos, como a manutenção dos valores tribais.

4a. Proposição:

No tratamento das orientações concernentes à reorganização das atividades econômicas, dado a já sensibilidade quanto às necessidades de técnicas agrícolas em geral, sugerimos que se forme uma equipe técnica ligada à FUNAI e entrosada com a rede educacional na região, a fim de proceder à orientação educacional

na formação de técnicos ou auxiliares agrícolas, como também num trabalho de execução que seja capaz de racionalizar as lavouras, inclusive de produção das fibras que constituem a matéria-prima do trabalho artesanal.

Concernente ao aspecto da saúde, recomendamos:

- a) Sejam constituídas equipes formadas de um médico, um odontólogo, um farmacêutico-bioquímico, um enfermeiro e um auxiliar de enfermagem. Depois de devidamente treinados, inclusive recebendo orientação da FUNAI, estas seriam lotadas nas Missões de Taracua, Parí-Cachoeira e Tauaretê. Cremos que o Exército poderia recrutar profissionais recém-formados e enviá-los para servir nas Missões, de vez que aquela é uma área de segurança nacional. Por outro lado devido ao isolamento, achamos que um sistema de rodízio entre as equipes nas várias missões seria viável e proveitoso, assim cada grupo de profissionais, passaria cerca de três meses em cada local.

Estas equipes ficariam responsáveis para proceder visitas e prestar assistência, pelo menos uma vez por mês, a todos os povoados indígenas circunscritos a cada missão. Além da assistência médica rotineira, seria de sua responsabilidade recensar, cadastrar e vacinar os Incolas contra todo tipo de doença contagiosa.

Deveriam ser aproveitados também os indígenas, práticos de saúde, que já são preparados no Hospital Militar de São Gabriel, como recursos humanos de apoio a estas equipes.

Achamos que uma equipe técnica deverá proceder ao levantamento dos recursos materiais necessários ao funcionamento dos hospitais das missões e propomos como medida complementar, a recuperação desta infra estrutura hospitalar, principalmente no que tange à parte sanitária.

O estabelecimento de convênio nos quais participem o Exército, Ministério de Aeronáutica (FAB), Ministério da Previdência Social, Ministério da Saúde, MINTER/FUNAI/SUDAM, e Prelazia seria a base da união

dos esforços para tornar viável um plano deste tipo, e amenizar ao máximo as penúrias por que passam os silvícolas do Alto Rio Negro.

É de suma importância a participação do Ministério da Saúde em convênios deste tipo, não só devido aos relevantes serviços prestados à área via SUCAM e as numerosas vacinas que aquele Ministério pode fornecer, mas também como a abertura de possíveis pesquisas na região, tais como oncocercose, através do seu Instituto Evandro Chagas.

- b) Na impossibilidade da realização da primeira proposição, sugerimos que sejam consideradas as recomendações contidas no relatório de Peter Silverwood Cope de 1975 para a FUNAI.

BIBLIOGRAFIA

1. MINTER/FUNAI

- Boletim Informativo - Ano I nº 1 - outubro de 71
- Boletim Informativo - Ano I nº 3 - II Trimestre de 72
- Boletim Informativo - Ano I nº 4 - III Trimestre de 72
- Boletim Informativo - Ano II , nº 8 - III Trimestre de 73
- Boletim Informativo - Ano III nº 11 e 12
- Boletim Informativo - Ano V nº 15 e 16
- Boletim Informativo - "O que é a FUNAI" - agosto de 72
- I Seminário FUNAI/Missões Religiosas - Brasília - 5 a 9 de novembro de 1973
- Legislação - D.F. Brasília - junho de 75

2. CIMI

- Boletim nº 23 - Ano IV - setembro/outubro de 75.
- Boletim nº 24 - Ano IV - nov / dez/75
- Boletim nº 25 - Ano V - jan / fev/76
- Boletim nº 26 - Ano V - março de 76

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

- Boletim nº 27 - Ano V - abril de 76
- Boletim nº 28 - Ano V - maio de 76
- Boletim nº 29 - Ano V - junho de 76
- 3. MACAXEIRA/OPAN
 - Revista nº 16 - Ano V - jan/fev/75
 - Revista nº 18 - Ano V - agosto/set/75
 - Revista nº 19 - Ano VI - maio de 76
- 4. FILHO, João Paulo Vieira
 - "Pseudo-hermafroditismo masculino entre os índios do Uaçá" A.M.B. - abril de 76
- 5. MORAES, Mário A.P.
 - "Mansonella Ozzardi entre os índios Ticunas" - Belém- 1976
- 6. MORAES, Mário A.P.
 - "Omocercose no Brasil - Primeiro foco observado" - Belém 1973
- 7. BIOCCHA, E.
 - "Puru-Puru", nome amazônico - co da "Espiroquetose discrônica" ou "Pinta", "Mal del Pinto", "Caratê", etc. - Estudos sorológicos - São Paulo -1944

8. BIOCCA, E. - "Estudos etnobiológicos sobre os índios do Alto Rio Negro - Amazonas - Nota II Transmissão Ritual e transmissão criminosa da espiroquetose discrânica (Puru-Puru, Pinta, etc.) entre os índios do Rio Içana - São Paulo - 1945.
9. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SPI - Relatório das Atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1954. Rio de Janeiro - 1975
10. MINTER/SUDAM - Relatórios de Informações, sobre as atividades SUDAM - Prelazia do Rio Negro - 1972 e 1973
11. MINTER/FUNAI - Relatório e Proposta sobre a Situação dos Indígenas do Uaupés, Alto Rio Negro - Peter Silverwood - Cope, Ph.D. - fevereiro, 1975
12. TRIBES OF THE AMAZON BASIN
IN BRAZIL - Report for the Arborigines Protection Society by Edwin Brooks, René Fuerst, John Henning and Francis Huxley
13. MINTER/SUDAM - Processo nº 01357/75 - Convênio nº 030/76 - SUDAM

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

14. GALVÃO, Eduardo

- "Aculturação indígena no Rio Negro - setembro - 1959 - Belém-Pa. - Museu Goeldi
- "Áreas Culturais Indígenas do Brasil; 1900 - 1959". Belém-Pará - Museu Goeldi - 1960
- "Encontro de Sociedades Tribal e Nacional no Rio Negro- Amazonas". México - 1962

15. OLIVEIRA, A.E. de

- "Terminologia de Parentesco Baniwa - Belém-Pa - 1971
- "São João - Povoado do Rio Negro" - Belém-Pa - 1972

16. ARNAUD, Expedito

- "A Ação Indigenista no Sul do Pará" - Belém-Pará - outubro de 1971
- "Aspectos da legislação sobre os Índios do Brasil". Museu Goeldi - Belém-Pa - 1973
- "Integração Indígena" - manuscrito entregue para publicação no Boletim Informativo da FUNAI - 1976

17. RIBEIRO, Darcy

- "Os índios e a civilização". Editora Civilização Brasileira - Rio de Janeiro - 1970.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

18. SCHADEU, Egon

- "Aspectos fundamentais da Cul-
tura Guarani". Edusp. São Pau-
lo - 1974

- "Leituras de Etnologia Brasi-
leira". Cia. Editora Nacional
S. Paulo - 1976

19. PERET, João Américo

- "População Indígena do Bra-
sil" - Civilização Brasileira
- Rio de Janeiro - 1975

20. MIRANDA, Pontes de

- Comentários à Constituição de
1946 - TOMO IV - Editora Bor-
soi - Rio de Janeiro - 1963

21. MASSA, D. Pedro

- "De Tupã a Cristo" - Missões
Salesianas do Amazonas - 1965

22. CERIS

- "Anuário Católico do Brasil"-
Rio de Janeiro - 1970/71

23. CARVALHO, José Cândido M.

- "Notas de Viagem ao Rio Ne-
gro" - Museu Goeldi - 1952

24. SILVA, P. Carlos Leoncio da

- "Sete Lustrros da Inspetoria Sa-
lesiana do Norte do Brasil
(1895-1930)" Lorena - S. Paulo
1967

25. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL

- "A Bíblia Sagrada" - Rio de
Janeiro - 1965

26. HUGO, Vitor

- "Desbravadores" - 2 vols. - Edi-
ção da Missão Salesiana de Hu-
maitã - 1959

MRB. 17, p. 131/165



DIVISÃO ECLESIASTICA DO BRASIL
 CERIS - CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA
 E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS

JULHO DE 1972

LEGENDA

- LIMITE INTERESTADUAL
- LIMITE DE CIRC. ECLESIASTICA
- ⊙ SEDE DE APOQUISCOSE
- SEDE DE DIOCESE
- SEDE DE PRELAZIA

ESCALA: 1:14 000 000

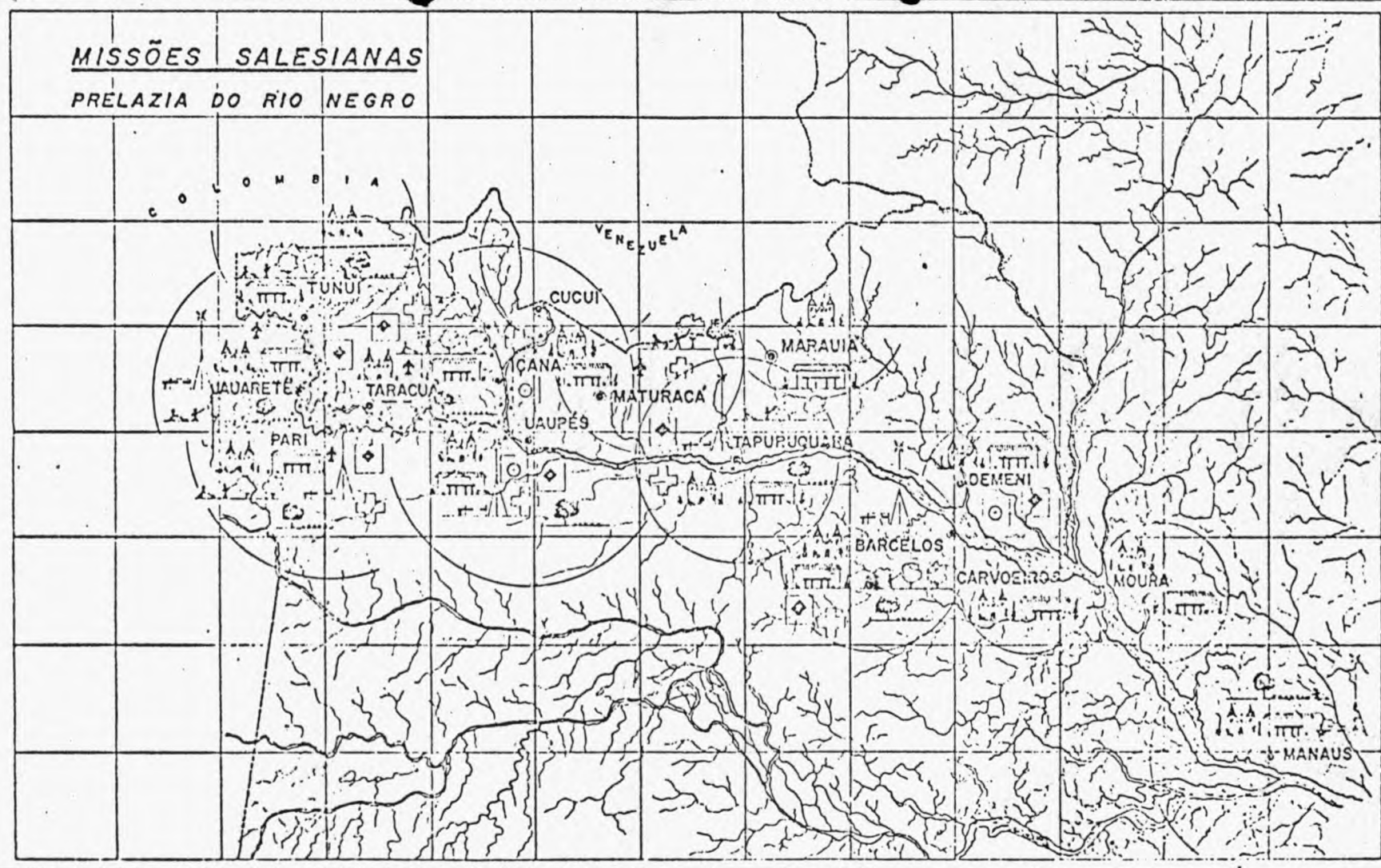
CERIS

Reção de Cartografia e Desenho - RIO - 1972

2. Estatísticas Gerais do Brasil

Estado	População	Urbanização	Índice de Desenvolvimento Humano
ACRE	272.000	100%	0,70
ALAGOAS	1.200.000	80%	0,75
AMAPA	250.000	100%	0,70
AMAZONAS	1.500.000	100%	0,70
BAYAMA	1.000.000	80%	0,75
CERES	1.500.000	80%	0,75
GOIAS	2.500.000	80%	0,75
PARANÁ	3.500.000	80%	0,75
PERNAMBUCO	2.500.000	80%	0,75
PIAUÍ	1.500.000	80%	0,75
RIO DE JANEIRO	10.000.000	80%	0,75
RIO GRANDE DO NORTE	2.500.000	80%	0,75
RIO GRANDE DO SUL	3.500.000	80%	0,75
SANTA CATARINA	2.500.000	80%	0,75
SANTA ESPERANÇA	1.500.000	80%	0,75
SÃO CARLOS	1.500.000	80%	0,75
SÃO PAULO	15.000.000	80%	0,75
SERGIPE	1.500.000	80%	0,75
TOCANTINS	1.500.000	80%	0,75
TOTAL	150.000.000	80%	0,75

MISSÕES SALESIANAS
PRELAZIA DO RIO NEGRO



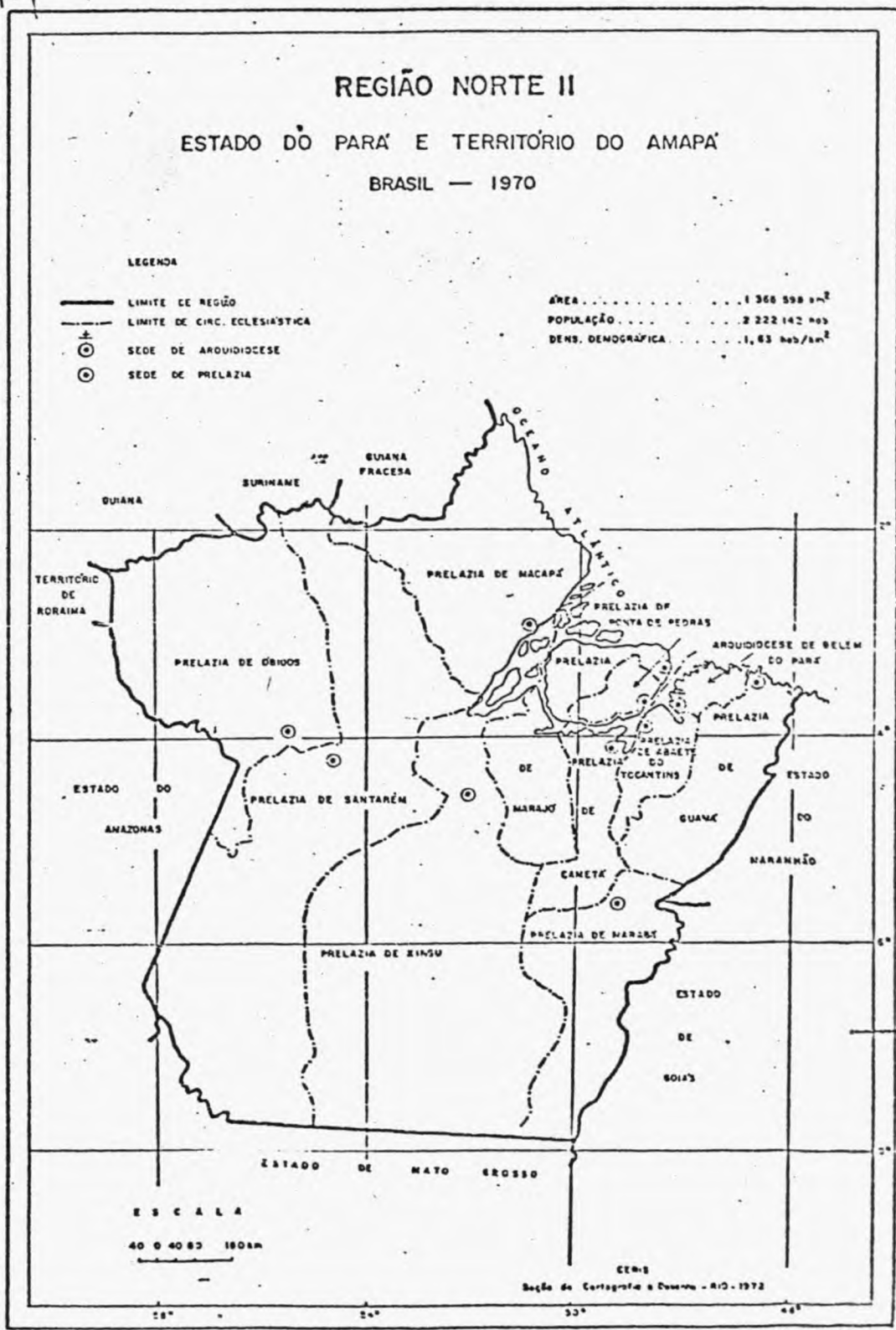
CONVENÇÕES

	POUCADO INDIANA
	HOSPITAL
	ESTRADA DE TERRA
	CENTRO DE INFORMAÇÃO
	ESCOLA
	IGREJA
	EST. METEOROLÓGICA AGÊNCIA POSTAL ETC.
	CENTRO
	CAMPO DE POUSO
	APREND. AGRIC. MASC.
	APREND. PROFISSIONAL FEMININO

MBW.171P.183/165

Mapa 1.2

CONFIDENCIAL



ANEXO II.2

DADOS ESTATÍSTICOS DA MISSÃO DE IAUARETÊ
HABITANTES DA PARÓQUIA DE IAUARETÊ
BAIXO UAUPÉS

POVOADOS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
SÃO D. SÁVIO	19	18	37
SANTA MARIA	73	63	136
JUI	9	9	18
CANURY	18	13	31
ARARI-PIRÁ	11	12	23
JACITARA	5	6	11
ILHA DE PUNHA	14	12	26
CANGATARA	11	11	22
UARACÔ	49	49	98
JUGUIRA	56	43	99
SERRA DOS PORCOS	74	57	131
JACARÉ	7	7	14
DOXA-PITO	11	14	25
S. CRUZ	34	26	60
JACARÉ-BRANCO	25	15	40
JACAMIM	23	24	47
PARANÁ-JUCÁ	42	49	91
LOIRO	43	37	80
S. LUIZ	17	16	33
JIBARI	26	20	46
S. JOSÉ	19	17	36
MARABITANA	23	29	52
S. FRANCISCO	19	18	37
PINU-PINU	11	9	20
URUBUQUARA	28	26	54
JACI-IGAR	6	9	15
T O T A L	673	609	1.282

FONTE: Missão de Iauaretê, 1975.

ANEXO II.2

DADOS ESTATÍSTICOS DA MISSÃO DE IUARETÉ
 HABITANTES DA PARÓQUIA DE IUARETÉ
 ALTO UAUPÉS

POVOADOS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
FOZ DO QUERARI	9	15	24
PACU	18	19	37
ASSAI	25	17	42
IUARETÉ	14	10	24
TARACUÁ	18	14	32
TAIRA	5	9	14
TIRIRICA	8	9	17
JUTICA	35	29	64
JACARÉ	22	26	48
MATAPI.	21	13	34
CARURU	56	62	118
ILHA DO JANDU	19	13	32
ARARA	33	24	57
ILHA DO JAPU	9	7	16
PERIQUITO	22	14	36
UARUMÁ	4	4	8
BACABA	23	25	48
CUIUBI	16	17	33
IRA PONTA	5	6	11
JUQUIRA-PONTA	15	18	33
PIRANHA-MIRAPIRERA	8	5	13
UMARI	46	48	94
PAPAGAIO	4	3	7
MIRITI	18	10	28
TAIAÇU	33	40	73
UIRA-UAÇU	11	9	20
SIRINGA-PONTA	13	12	25
ARACU-PONTA	16	13	29
DOM BOSCO	49	61	110
S. MIGUEL	41	38	79
T O T A L	616	590	1.206

FONTE: Missão de Iuareté, 1975.

CONFIDENCIAL

LABORATÓRIO NACIONAL DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

ANEXO II.2

DADOS ESTATÍSTICOS DA MISSÃO DE IUARETÊ
HABITANTES DA PARÓQUIA DE IUARETÊ
RIO PAPURÍ

POVOADOS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
MELO FRANCO	20	14	34
S. CRUZ	16	26	42
S. MIGUEL	21	21	42
JARDIÃ	29	25	54
POPE EYÃM	25	28	53
UAGUIÃ	21	22	43
TUCUNARÊ-ALTO	21	21	42
S. JOSÉ	13	11	24
MÃTIRI-BUA	15	13	28
UINAPIXUNA	19	26	45
BIARÃ	8	8	16
S. MARTA URUCU	24	26	50
S. JOÃO BATISTA	14	8	22
MORA BU	11	12	23
PATO	34	35	69
S. PAULO	34	23	57
TARACUÃ	18	16	34
TUCUNARÊ DE BAIXO	11	6	17
S. GABRIEL	20	16	36
CAJÛ-LAGO	7	11	18
S. CRUZ-TURI	33	33	66
SZEYA	10	7	17
COMÃ	8	8	16
AKARI	8	6	14
BACATY	11	12	23
S. PEDRO	25	22	47
S. LUZIA	65	57	122
PARI-PONTA	21	21	42
SERRINHA	11	8	19
UCAPINIMA	9	8	17
ITUIM	12	15	27
ARACAPÃ	43	47	90
JAPURÃ	35	30	65
T O T A L	672	642	1.314

FONTE: Missão de Iuaretê, 1975.

mem. 17, p. 137/165

CONFIDENCIAL

ANEXO II.1
 DADOS ESTATÍSTICOS DA PRELAZIA DO RIO NEGRO
 NÚMERO DE HABITANTES POR GRUPOS ÉTNICOS
 MUNICÍPIO DE S. GABRIEL DA CACHOEIRA
 1973

LOCALIDADE	ARAPAÇOS	BANIYAS	BARÉS	BARASSANOS	BUAPÉS	BUIGANAS	CABOCLOS	CARACPAHÃS	CIVILIZADOS	CUBEUS	CURIPACOS	DESSAÑOS	JEPÃ-MATSI	JURITIS	MACUS OU PEOHÃS	MIRITI-TAPUIAS	PACUS	PATO-TAPUIAS	PIRATAPUIAS	SIRIANOS	SEUCIS	TARIANOS	TUCANOS	TUIUCAS	UEREQUEMAS	UANANAS	KOROROXITARIS	TOTAIS
S. GABRIEL	59	150	-	14	-	-	1800	24	680	-	-	85	-	-	42	-	-	-	67	33	-	120	225	-	-	-	-	3293
CUCUI							900																					900
EQANA		2290	23	-	25	-	22				340					120	135			403	49				26			3433
IUARETE	249								168			272	35	300					535		1277	1036	62		577			4531
PARI CACHOEIRA				29			03	11	01			87	55	1419	51							805	367					3238
RIO CHIE						46																						384
TARACUÃ												188			16	41			180			137	356	44	338			960
MATURACÃ e MAIÃ																										622	622	
	308	2440	23	43	25	46	2725	35	681	168	340	1040	55	35	1777	92	120	135	782	33	403	1583	2422	473	338	623	622	17357

MUNICÍPIO DE S. GABRIEL.....	AUTOCTONES	CABOCLOS	CIVILIZADOS	TOTAIS
"	13.961	2.725	681	17.367
" STA. IZABEL.....	1.825	-	1.825	3.655
" BARCELOS.....	1.937	-	7.748	9.685

- M.B. - 1. Os dados de Barcelos e Santa Izabel são do recenseamento de 1970 e a divisão do nº de autóctones é incerta.
 2. De Cucuí não foi feita a estatística em 1973.
 3. A Estatística referente aos Makus (em Parí-Cachoeira) é de 1970.

PONTE: Prelazia do Rio Negro

São Gabriel da Cachoeira, março de 1974

CONFIDENCIAL

ANEXO III
 DADOS ESTATÍSTICOS DA PREÇAZIA DO RIO NEGRO
 SEGUNDO O RELATÓRIO DE PETER SILVERWOOD-COPE

POVOAÇÃO	Nº DE PESSOAS		Nº DE CASAS		
	MISSÃO (1972)	H. ROCHA E N. LAND FUNAI (1968)	PETER S. COPE FUNAI (1968)	MISSÃO (1972)	PETER S. COPE FUNAI (1974)
<u>PAPURI</u>					
MBLO FRANCO	33	-	30	7	6
STA. CRUZ	62	-	41	7	6
SÃO MIGUEL	34	-	43	5	6
JANDIÁ	60	-	48	7	9
TUCUNARÉ DO ALTO	26	-	36	3	4
ARCHIETA	37	-	22	5	6
UINAPIXUNA - STA. MARTA	83	-	80	8	7
URUCU	86	-	46	13	6
S. JOSÉ IGARAPÉ	-	-	9	-	3
PATO	84	-	65	11	10
SÃO PAULO	64	-	38	10	10
TUCUNARÉ DE BAIXO	27	-	15	5	3
TARACUÁ	43	-	25	7	6
SÃO GABRIEL	50	-	27	8	7
XAJU LAGO	10	-	12	2	2
SANTA CRUZ	70	-	30	10	-
ABACATE TURI	-	-	11	-	3
S. SEBASTIÃO IGARAPÉ	-	-	13	-	3
ACARÍ	-	-	12	-	2
S. PEDRO	62	-	20	12	5
STA. LUZIA	135	-	89	16	17
PARI PONTA	47	-	35	5	6
SERRINHA	19	-	17	3	3
ITUIM	29	-	25	5	3
ARACAPÁ	138	-	96	16	14
JAPURÁ	105	-	-	11	-
STA. MARIA	160	-	140	19	-
<u>RIO UAUPÉS</u>					
FOZ DO QUE- RARI	34	-	18	5	5
PACU	46	-	37	7	7
JACUNDÁ	21	-	-	3	4
ASSAÍ	77	-	39	9	9
KARACUÁ	39	-	-	4	3
TAINA	21	-	-	3	3
TIRIRICA	16	-	-	2	3
JUTICA	105	-	33	7	11
JACARÉ	60	-	41	8	8
MATAPI	46	-	19	4	3
CARURU	164	-	52	19	-

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Continuação

<u>RIO UAUPÊS</u>					
CUNURI	-	30	-	-	-
TROVÃO	-	60	-	-	-
ITAPENIMA	-	25	-	-	-
UMARITUBA	-	25	-	-	-
SOROCOA	-	25	-	-	-
SÃO JOAQUIM	-	-	-	-	-
<u>RIO TIQUIÊ</u>		Missão (1974)			
PUPUNHA	43	-	-	-	-
FRONTEIRA	43	-	-	-	-
PUNIÃ	36	-	30	-	-
ASSAÍ	21	-	-	-	-
PEDRA CURTA	15	-	-	-	-
SÃO PEDRO	32	-	-	-	-
TRAIRA	21	-	-	-	-
CARURU	51	-	-	-	-
JABUTI	27	-	-	-	-
SÃO PAULO	69	-	-	-	-
CORAÇÃO DE MARIA	50	-	-	-	-
MERCES	28	-	-	-	-
CACHOEIRA DO RAYZ	13	-	-	-	-
ASSUNÇÃO	48	-	-	-	-
PARI CACHOEIRA	240	-	-	-	-
BELA VISTA	128	-	-	-	-
JANDU	32	-	-	-	-
SÃO SEBASTIÃO	53	-	-	-	-
SANTA MARTA	24	-	-	-	-
URUBU LAGO	35	-	-	-	-
TOCANDIRA	50	-	-	-	-
PIRACEMA	31	-	-	-	-
SÃO JOÃO	56	-	-	-	-
STO. ANTONIO	68	-	-	-	-
MARACAJÁ	41	-	-	-	-
SÃO FRANCISCO	54	-	-	-	-
SANTA LUZIA	34	-	-	-	-
CUCURA	25	-	-	-	-
SÃO JOSÉ	59	-	-	-	-
FLORESTA	20	-	-	-	-
SÃO LUIZ	35	-	-	-	-
FÁTIMA	19	-	-	-	-
TROVÃO	36	-	-	-	-
ABELHA	20	-	-	-	-
BARREIRA	43	-	-	-	-
BOCA DA ESTRADA	40	-	37	-	-
SÃO TOMÉ	9	-	-	-	-
IRAITI	33	-	-	-	5
CUNURI	78	-	75	-	-
SANTA ANA	22	-	-	-	2
SÃO MIGUEL	49	-	50	-	10
MICURA	7	-	-	-	1
FÁTIMA	-	-	3	-	8

Continuação

<u>RIO TIQUIÉ</u>					
SERRINHA	-	-	35	-	-
BERE	-	-	-	-	7
PONTO VEADO	-	-	-	-	6
TANIRA	-	-	-	-	2
JABU	-	-	-	-	2
MATAPI	-	-	-	-	6
COROCORÓ	-	-	-	-	7

FONTE: *Relatório e Propostas sobre a situação dos indígenas do
Uaupés, Alto Rio Negro.*

Peter Silverwood-Cope - Fevereiro, 1975.

CONFIDENCIAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ANEXO IV

QUADRO 1

POVOADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA
POR SITUAÇÃO RELIGIOSA E OBSERVADOS PELA EQUIPE
NO RIO IÇANA - MISSÃO DO IÇANA

N O M E	SITUAÇÃO RELIGIOSA (2)	OBSERVADOS PELA EQUIPE
CAMANAUS (3)	P	
PIRAIANARA	PC	
UARIEMBÁ	CP	
S. JOAQUIM	P	
PANAPANÁ	P	
CUMÁ	C	
SUICI	PC	
ARACÔ	P	
JANACANÁ	C	
TRINDADE	P	
MAUÁ	A	
JANDU	PC	
TUCUMARUPITÁ	P	
PUPUNHARUPITÁ	PC	
ARIARI	PC	
JUII VITERA	C	
TAPIRA PONTA	C	
TAMAQUARI	C	
SANTA ROSA	C	
SÃO JOSÉ	C	
CUIARIRUMANÇÁ	P	
TURUÍ	P	
COROCORÔ	C	
MAUÁ	P	
TAYAÇÔ-CÃOERA	PC	
IRARUCAÁ	PC	
BELÉM	P	X
LIMÃO RUPITÁ	PC	
CASTELO BRANCO	PC	X
AMBAUBA	P	X
HAZARÉ	P	X
ITAPECUÁ	PC	
MAÇARICO	C	X

(continua)

1. Informações fornecidas por Pe. Carlos Galli, há 50 anos no Rio Içana e confirmados pelo sr. Agostinho, Tuxaua do povoado de Sta. Cruz no mesmo rio.
2. Leia-se nos símbolos utilizados:
P = protestante; C = católico; PC = maioria protestante e minoria católica; CP = maioria católica e minoria protestante e, A = não definidos na religiosidade cristã.
3. Situado no limite entre Brasil e Colombia, a cerca de 720 km da foz do rio.

CONFIDENCIAL

JANUÁRIO DE 1965

(continuação)

NOME	SITUAÇÃO RELIGIOSA	OBSERVADOS PELA EQUIPE
JACARÉ	C	
EQUARI-RUMANÇA	C	
MATAPI	C	
JAQUIRANA	C	
JAUANARI	C	
SANTA CRUZ	C	X
MISSÃO ASSUNÇÃO (SALE- SIANA)	C	X
CARARAPOÇO	C	
SAIUATURA	C	
JURUTI	C	
CARMÃO	C	
SANTANA	C	
CASTANHO	C	
CARACNAÍ	PC	
MITUCAPONTA	P ¹⁾	X
BUIAIGARAPÉ	P	
PIRAIANARA	P	X
PAXUBA	P	
CABEÇUDO	PC	
TRIUPONTA	A	
MARACAJÁ	A	
TUCANAPONTA	P	
ITUINRUCA	P	
CAMANAN	P	
JANACANÁ	PC	X
AUXILIADORA	C	X
BOCA DO CUBATE	C	
BOA VISTA ou ESTANCAMENTO (Missão Novas Tribos do Brasil)	P	X
VILA IÇANA ou S.FELIPE(2)	PC	X

(1) Povoação no Rio Negro, à boca do Içana, onde existe um centro de comércio de regatão do Garrido.

ANEXO IV

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

QUADRO 2

POVOADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA
POR TRIBO E OBSERVADO PELA EQUIPE NO TIQUIÊ
MISSÃO DE PARI-CACHOEIRA (1)

N O M E	TRIBO	OBSERVADOS
FRONTEIRA	TUIUCA	
PUNIÁ	"	
ASSAI	IPÁ-MAESÁ	
DOS ANJOS	TUIUCA	
PEDRA CURTA	"	
S. PADRO	"	
TEAURA	"	
CARURU	TUCANO	
S. DE MÁRIO	"	
JABUTI	"	
SÃO PAULO	"	X
S. DOMINGOS	"	X
ASSUNÇÃO	"	
PARI-CACHOEIRA	"	X
(Missão Salesiana)		
BELA VISTA	"	X
SÃO JOÃO	DESANO	X
SANTO ANTONIO	TUCANO E DESANO	
MARACAJÁ	TUCANO	X
NOVA FUNDAÇÃO	MAKU	X
S. FRANCISCO	TUCANO	
CUCURA IGARAPÉ	DESANO	
STA. LUZIA	TUCANO	
SÃO JOSÉ	TUCANO E DESANO	
FLORESTA	TUCANO	
S. LUIZ	DESANO	
BARREIRA	TUCANO	
B. DA ESTRADA	TUCANO, DESANO E TUIUCA	
IRAITÍ	PERIATAPUIA	
CUNURI	TUCANO E DESANO	
PIRARARA-POÇO	" " "	
PIRACEMA (2)	DESANO	
TOCANDIRA (2)	"	
URUBU-LAGO (2)	"	
STA. MARTA (2)	"	
SÃO SEBASTIÃO (2)	"	
JANDU (2)	TUCANO	

(continua)

(1) Sob a área de circunscrição da paróquia da missão salesiana de Pari-Cachoeira, onde a religiosidade sofre forte influência católica, estando ausentes protestantes.

(2) Afluente Umari-Norte.

CONFIDENCIAL

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

(continuação)

NOME	TRIBOS	OBSERVADOS
CACHOEIRA DO RIZ (3)	TUIUCA	
MERCES (3)	"	
C. DE MARIA (3)	"	
ABELHA (4)	IPÃ-MAHSÃ	
TROYÃO (4)	TUCANO	
DUETURA (4)	TUCANO, TUIUCA E IPÃ-MAHSA	
FÁTIMA (4)	DESANO	

(3) Afluente Cabari-Igarapê.

(4) Afluente Castanho-Igarapê

FONTE: Missão de Pari-Cachoeira.

Ao todo compõem, 1808 habitantes (excetuando os Makus).
Estes alcançam o número 643, alocados em cerca de 24 sítios.
O total da área tratada, portanto, é de 2.451 pessoas.

CONFIDENCIAL

IMPRESSO EM 1964

(continuação)

NOME	TRIBOS	OBSERVADOS
CACHOEIRA DO RIZ (3)	TUIUCA	
MERCES (3)	"	
C. DE MARIA (3)	"	
ABELHA (4)	IPÃ-MAHSÃ	
TROVÃO (4)	TUCANO	
DUETURA (4)	TUCANO, TUIUCA E IPÃ-MAHSA	
FÁTIMA (4)	DESANO	

(3) Afluente Cabari-Igarapê

(4) Afluente Castanho-Igarapê

FONTE: Missão de Pari-Cachoeira.

Ao todo compõem, 1808 habitantes (excetuando os Makus).
Estes alcançam o número 643, alocados em cerca de 24 sítios.
O total da área tratada, portanto, é de 2.451 pessoas.

Continuação

RIO UAUPÉS

ILHA JANDU	57	-	32	5	5
ARARA	67	-	45	8	8
ILHA JAPU	27	-	75	2	2
UIRAUAÇU	38	-	-	7	-
PIRIQUITO	57	-	-	7	5
BACABA	47	-	44	4	5
CUIUBI	36	-	36	7	4
PURAUQUE ILHA	20	-	-	2	-
IRACAPUAMA	-	-	7	4	2
PARAQUECAPUAMA	28	-	7	-	3
JUPIRA PONTA	48	-	93	6	7
MIRAPIRERA PONTA	18	-	-	3	-
PIRANHA PONTA	25	-	-	3	-
UMARI	178	-	58	77	12
MIRITI	42	-	29	8	6
IAIASSU	66	-	-	8	-
URACU DE CIMA	22	-	-	3	-
DOM BOSCO	128	-	-	15	-
SÃO MIGUEL	83	-	-	17	-
S. DOMINGOS	37	-	-	8	-
ARARIPIRÁ	26	8	-	-	-
JUI	30	-	-	-	-
JACITARA	22	-	-	3	-
CANGATERRA	79	-	-	2	-
UARACÚ	110	60	-	-	10
JUQUIRA	145	80	105	74	15
JACAMIM	88	25	-	15	-
PARANÁ JUCÁ	88	30	-	-	17
LOIRO	103	50	-	72	-
SÃO LUIA					
(JURUPARINIA)	26	75	-	5	-
JIBARI	40	75	-	6	5
SÃO JOSÉ	40	25	-	6	6
MARABITANA	35	75	-	6	7
S. FRANCISCO	69	50	-	9	9
CIGARRO	77	35	-	9	70
PIHU PIHU	25	-	-	4	-
URUBUQUARA	47	40	-	7	-
MURUKUFUTU	-	70	-	-	-
IPANURÉ	-	60	50	-	73
PIRAMIRIM	-	70	-	-	-
SUAÇUAKA	-	72	-	-	-
SÃO PAULO	-	72	-	-	-
ANANÁS	-	25	-	-	77
TATAPUNHA	-	72	-	-	-
IMBAÚBA	-	72	-	-	-
MIRITI	-	70	-	-	-
ARARA	-	75	-	-	-
ASSAÍ	-	30	-	-	-
ILHA DO JACARÉ	-	78	-	-	-
URIRY	-	30	-	-	-
PUPUNHA MUPITÁ	-	75	-	-	-
ILHA DO PACÚ	-	75	-	-	-
IURAPECUMA	-	25	-	-	-
COROCORÓ	-	25	-	-	-

CONFIDENCIAL

ANEXO IV

QUADRO 3

POVOADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA E
OBSERVADOS PELA EQUIPE NO RIO UAUPÉS
MISSÃO DE TARACUÁ (1)

NOME	OBSERVADOS
SÃO PAULO	
TAUÁ	
TATAPUNHA	
MATAPÍ	X
MACUCÓ	
ASSAÍ	
BELA VISTA DE TARACUÁ (Missão Salesiana)	X
ANANÁS	X
URIRI	
S. TOMÉ	
ILHA DE JACARÉ	
S. PEDRO	
CUNURÍ DE TARACUÁ	
PONTE FRIA	
PIRAMIRÍ	
SUSSUÁCA	
TUIUCAQUARA	
IPANORÉ	X
COROCORÓ	
VILA NOVA	
SERRINHA COLINA	
MUCURA	
ACARÁ-PÔCO	

(1) Apenas sob a circunscrição da Missão de Taracua, faltando a maior parte que situa-se na área de influência de Iauaretê.

PONTE: Missão de Taracua, 1976.

ANEXO IV - QUADRO 4

POVOADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA E
OBSERVADOS PELA EQUIPE NO BAIXO RIO UAUPÉS
MISSÃO DE IUARETE

POVOADOS	OBSERVADOS
SÃO D. SÁVIO	
SANTA MARIA	
JUI	
CUNURY	
ARAKI-PIRÃ	
JACITARA	
ILHA DE PUNHA	
CANGATARA	
UARUCÚ	X
JUQUIRA	X
SERRA DOS PORCOS	
JACARÉ	
DOYA-PITO	
S. CRUZ	
JACARÉ BRANCO	
JACAMIM	X
PARANÃ-JUCÁ	X
LOIRO	
S. LUIZ	
JIBARI	
S. JOSÉ	
MARABITANA	
S. FRANCISCO	
PINU-PINU	
URUBUCUARA	
JACI-IGAR	
* CIGARRO	
* MURUEUTUTU	
* IPANURÉ	
* PYRAMIRIM	
* SUAÇUAKA	
* IMBAÚBA	
* ARARÃ	
* PUPUNHA MUPITÃ	
* ILHA DO PACÚ	
* IARAPECUNA	
* TROVÃO	
* ATAPENINA	
* UMARITUBA	
* SOROROCA	
* SÃO JOAQUIM	
* COROCORÓ	

FONTE: *Relatório de Peter Silverwood-Cope, 1975

* Missão de Iuarete, 1975

CONFIDENCIAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL ANEXO IV - QUADRO 5

POVOADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA E
OBSERVADOS PELA EQUIPE NO ALTO RIO UAUPÉS
MISSÃO DE IAUARETE

POVOADOS	OBSERVADOS
FOZ DO QUERARI	
PACU	
ASSAÍ	
IAUARETE	
TARACUÁ	
TAINA	
TIRIRICA	
JUTICA	
JACARÉ	
MATAPI	
CARJURU	
ILHA DO JANDU	
ARARA	
ILHA DO JAPU	
PERIQUITO	
UARUMÁ	
BACABA	X
CUIUBI	X
IRA PONTA	
JUQUIRA-PONTA	
PIRANHA-MIRAPIRERA	
UMARI	X
PAPAGAIO	
MIRITI	
TAIAÇU	X
UIRA-UAÇU	
SIRINGA-PONTA	
ARACU-PONTA	
DOM BOSCO	X
S. MIGUEL	X
* JACUNDÁ	
* PURAQUE ILHA	
* IRACAPUAMA	
* PARAQUECAPUAMA	
* MIRAPIRERA PONTA	
* PIRANHA PONTA	
* URACU DE CIMA	
* S. DOMINGOS	

FONTE: Missão de Iauarete, 1975

* Relatório de Peter Silverwood-Cope, 1975

ANEXO IV - QUADRO 6

MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA
POVOADOS DO RIO PAPURI E OBSERVADOS PELA EQUIPE
MISSÃO DE IAUARETE

N O M E	OBSERVADOS
MELO FRANCO	X
S. CRUZ	
S. MIGUEL	
JANDIÁ	
POPE EYAM	
UAGUIÁ	
TUCUNARÉ-ALTO	
S. JOSÉ	
MATIRI-BUA	
UINAPIXUÑA	
BIARÁ	
STA. MARTA URUCU	
S. JOÃO BATISTA	
MORA BU	
PATO	
S. PAULO	
TARACUÁ	
TUCUNARÉ DE BAIXO	
S. GABRIEL	
CAJU-LAGO	
SZE. CRUZ-TURI	
SREYA	
COMÁ	
AKARI	
BACATY	
S. PEDRO	
STA. LUZIA	X
PARI-PONTA	
SERRINHA	
UCAPINIMA	
ITUIM	
ARACAPÁ	X
JAPURÁ	
*ANCHIETA	
*S. JOSÉ IGARAPÉ TURI	
*SÃO SEBASTIÃO IGARAPÉ	
*STA. MARIA	

FONTES: Missão de Iauarete, 1975.

⊕ Relatório de Peter Silverwood-Cope, 1975

RECORDAÇÃO HISTÓRICA

(Governo do Juscelino)

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CONSELHO CORDENADOR DO ABASTECIMENTO

Of. n.º 187

Rio de Janeiro, D. F.
Em 2 de Fevereiro de 1959

Senhor Presidente:

Tenho o prazer de levar ao conhecimento de Vossa Senhoria que o Excelentíssimo Senhor Presidente da República — houve por bem exarar, na E.M. n.º 2/59, desta Secretaria Geral, o seguinte despacho:

“Recomendo com máximo empenho aos Ministérios e Autarquias a colaboração rápida e eficaz para concretização desse programa de assistência das missões do Rio Negro, exposto nesse documento, empregando-se para esse objetivo, recursos constantes do Orçamento, inclusive provenientes de verbas e auxílios globais dotados aos respectivos gabinetes para fins especiais.

Levando em conta a distância, as dificuldades e o alcance social das obras do Rio Negro, recomendo de modo particular ao Ministro da Fazenda a pronta liberação e pagamento de todo e qualquer auxílio, que o Orçamento consigne às referidas missões”.

Em face da decisão presidencial, solicito a cooperação desse Instituto no que se refere à ampliação da assistência alimentar prevista no “Programa de Auxílio às Missões Salesianas do Rio Negro”, cuja cópia segue em anexo.

Valho-me da oportunidade para testemunhar à Vossa Senhoria os protestos de minha estima e distinta consideração.

a) Walter J. Santos
Secretário-Geral

ANEXO VI

DADOS ESTATÍSTICOS GERAIS DA UNIDADE EDUCACIONAL "DOM PEDRO MASSA"

1976

PRELAZIA DO RIO NEGRO AMAZONAS LOCALIDADES SEDE=*	NÚMERO DE		PROFESSORES 2º 1º GRAU			PRÉ	A L U N O S									TOTAL DE ALUNOS			
	ES-CC-LAS	SA-LAS	1a. SÉRIE	8a. a 5a.	4a. a 1a.		2º GRAU			1º GRAU			F R É						
							1a. SÉRIE			8a. a 5a.			4a. a 1a.				M	F	TO-TAL
							M	F	TO-TAL	M	F	TO-TAL	M	F	TO-TAL				
MUNICÍPIO DE BARCELOS	1	10	-	6	9	2	-	-	-	35	59	94	230	231	461	27	29	56	611
MUNICÍPIO DE STA. IZABEL																			
MATURACÁ	1	3	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	51	52	103	-	-	-	103
ZONA RURAL	12	12	-	-	12	-	-	-	-	-	-	-	160	150	310	-	-	-	310
* STA. IZABEL	1	8	-	9	7	1	-	-	-	75	66	141	107	87	194	12	15	27	362
T O T A L	14	23	-	9	22	1	-	-	-	75	66	141	318	289	607	12	15	27	775
MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL																			
ZONA RURAL	6	6	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	57	67	124	-	-	-	124
* TAPACUÁ	1	8	-	7	6	-	-	-	-	24	7	31	88	67	155	-	-	-	186
ZONA RURAL	16	16	-	-	19	2	-	-	-	-	-	-	198	206	404	-	-	-	404
* PARI-CACHOEIRA	1	6	-	7	5	-	-	-	-	52	43	95	48	54	102	-	-	-	197
ZONA RURAL	28	27	-	-	26	-	-	-	-	-	-	-	328	271	599	10	12	22	621
* IAUARETÉ	1	8	-	9	6	-	-	-	-	103	33	136	89	67	156	-	-	-	292
ZONA RURAL	8	10	-	-	10	-	-	-	-	-	-	-	103	79	182	-	-	-	182
* ICANA	1	3	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	19	13	32	15	12	27	59
ZONA RURAL	8	12	-	-	12	-	-	-	-	-	-	-	136	134	270	-	-	-	270
* S. GABRIEL	1	13	9	7	13	1	50	36	86	190	134	324	228	225	453	12	10	22	885
T O T A L	69	109	9	30	104	4	50	36	86	369	217	586	1294	1183	2477	37	34	71	3220
R E S U M O																			
MUNICÍPIO DE BARCELOS	1	10	-	6	9	2	-	-	-	35	59	94	230	231	461	27	29	56	611
" STA. IZABEL	14	23	-	9	22	1	-	-	-	75	66	141	318	289	607	12	15	27	775
" SÃO GABRIEL	69	109	9	30	104	4	50	36	86	369	217	586	1294	1183	2477	37	34	71	3220
T O T A L	84	142	9	45	135	7	50	36	86	479	342	821	1842	1703	3545	76	78	154	4606

FONTE: Prelazia do Rio Negro

NOTA: Nas Sêdes a SEDUC colabora com a Prelazia
 Nas Zonas Rurais as Prefeituras colaboram com a Prelazia

CONFIDENCIAL

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

ANEXO VII

CONTINUAÇÃO DO RELATO DE CURT NIMUENDAJU - 1927

... o índio de hoje vê em qualquer civilizado com que depara o seu algoz implacável e uma fera temível. É trabalho perdido querer conquistar sua confiança por meio de um tratamento fraternal e justiceiro. Mesmo os atos mais desinteressados ele atribui a motivos sujos, convencido de que são por uma conveniência qualquer o civilizado disfarça ocasionalmente a sua natureza de fera. Para mim pessoalmente, acostumado à convivência íntima com índios das tribos e regiões mais diferentes, a permanência entre os do Içana e Uaupés foi muitas vezes um verdadeiro martírio, vendo-me sem mais nem menos e com a maior naturalidade tratado como criminoso perverso e bruto. Muitos civilizados consideram esse tratamento como manifestação da brutalidade inata da raça primitiva, mas basta observar uma vez o tratamento que os índios se dão entre si, para reconhecer em semelhante explicação uma daquelas calúnias com que o branco costuma envilecer a sua vítima. Sempre notei com inveja a urbanidade com que eram recebidos os índios meus remadores assim que eu entrava com eles numa maloca: o dono da casa os cumprimenta - va na entrada, oferecia-lhes assentos e trocava com eles cerimoniasamente as frases de estilo. Para mim ele tinha apenas um olhar cheio de medo e desconfiança, depois do que me virava as costas na certeza de não encontrar da parte do "branco", devasso e brutal, a menor compreensão para um tratamento cortês. E por isso, mais de uma vez, enquanto mulheres e crianças fugiam pelos fundos, o dono da casa, encolhido num canto, deixava a recepção do "branco" aos cachorros do terreiro. Aos meus remadores, a dona da casa trazia a panela de quinhapira e beijos, mas, salvo raras exceções e já por aviso dos meus companheiros índios, nunca me convidavam, por - que se o fizessem com qualquer outro, este com certeza repeliria com indignação o "desaforo" de ser assim igualado aos índios" (1).

(1) Curt Nimuendaju - Viagem ao Rio Negro - Relatório apresentado à Inspeção do Amazonas do S.P.I., datado de setembro de 1927. Manuscrito dos arquivos do S.P.I. Ver também, C. Nimuendaju, 1950.

PREVALÊNCIA DE DOENÇAS, SEGUNDO OBSERVAÇÃO CLÍNICA, EM 29 INDÍGENAS
ATENDIDOS NA MISSÃO DO IÇANA EM 6/8/76

ESPECIFICAÇÃO	DISTÚRBIOS RESPIRATÓRIOS			DISTÚRBIOS DIGESTIVOS			ALERGIA	ESCABIOSE	TOTAL DE DOENÇAS	TOTAL DE PACIENTES		
	BRONCO-FARING.		TUBERCULOSE	OUTROS		ENTEROCOLITE					GASTRITE	
	Nº CASOS	%	Nº CASOS	%	Nº CASOS	%					Nº CASOS	%
MENORES DE 10 ANOS	8	26,6	2	6,7	4	13,3	8	26,6	4	13,3	26	17
ADULTOS			3	10,0			5	16,6	1	3,3	10	10
TOTAL GERAL											36	27

- OBS: 1. Registre-se que muitos pacientes eram portadores de mais de uma doença.
2. Os casos de tuberculose relatados, já haviam anteriormente sido confirmados pelos testes e pesquisas usuais em São Gabriel, segundo informações dos pacientes.
3. Foram observados entre os pacientes, numerosos casos de anemia, provavelmente causados por parasitoses intestinais.
4. Além desses, foram observados dois casos de distúrbios menstruais entre cerca de 8 índias e um caso de Neoplasia entre os missionários. Daí porque os percentuais que são calculados sobre o número total de indivíduos examinados apresentarem somatória acima de 100.

TABELA III
DOENÇAS DE OCORRÊNCIA MAIS FREQUENTE
NA SEDE E NAS VÁRIAS MISSÕES DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

BOVOADOS	D O E N Ç A S																			
	GRIFE	BRONQUITTE	PNEUMON.	TUBERC.	ASMA	GASTRO-ENTERO-COLITES	DISENT.	DESIDRAT	VERMIN.	ANEMIA	DESNUTR.	AVITAMI-NOSE	CONJUNTIVITE	ONCOCE-ROSE	DERMATO-SES	LEISNIA-NOSE	SARAMPO	REUMATISMO	MALÁRIA	GANGRENA
S. GABRIEL		X	X	X					X	X	X					X	X		X	X
TARAQUÁ	X	X		X	X	X			X				X	X				X		
PARI-CA - CHOEIRA	X			X			X		X					X						
IAUARETE	X			X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X		
IÇANA	X			X			X		X		X									

X = Presença

INFORMANTES:

- S. Gabriel - Dr. Albino (médico)
- Taracua - Irmã Rosa Doudinho da Cunha (Aux. de Enfermagem)
- Pari-Cachoeira - Irmã Edwiges Sikorska (Enfermeira)
- Iauarete - Irmã Maria Jesus Araújo (Aux. de Enfermagem)
- Içana - Irmã Tereza

DOENÇAS DE OCORRÊNCIAS MAIS FREQUENTES EM 8 POVOADOS INDÍGENAS ÀS MARGENS DO RIO IÇANA

POVOADOS	D O O E N Ç A S											
	GRIPE	TUBER- CULOSE	TOSSE E CATARRO	FEBRE	DISEN- TERIA	DOR DE DARRIGA	VERMES	ANEMIA	PERDA SANGUE	DOENÇA OLHOS	REUMATISMO	COCEIRAS
NAZARÉ	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X
AMBAUBA	X	X		X	X		X	X		X		X
STA. CRUZ	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	
MITUCAPONTA	X	X		X	X		X				X	
PIRAIVARA	X	X		X	X		X	X		X	X	
JAUACANÃ	X	X		X	X		X					X
AUXILIADORA	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X
BOA VISTA	X	XX	X	X	X		X	X	X			

X = Presença

INFORMANTES: "Capitão", Catequista, ou outra líder local nos vários povoados visitados.

OBS: 1. Tenha-se em conta que os dados deste quadro dependeram do grau de instrução e do conhecimento da língua portuguesa do informante.

2. Muitas vezes o dado relatado no quadro traduz sintomas e não propriamente doenças. É o caso por exemplo de dor de barriga que pode indicar algum tipo de infecção gastro-intestinal; coceiras, algum tipo de dermatose, etc.

ANEXO VIII
TABELA III, 2

MRN. 17, p. 157/165

CONFIDENCIAL

DOENÇAS DE OCORRÊNCIA MAIS FREQUENTE EM QUATRO POVOADOS INDÍGENAS
ÀS MARGENS DO RIO NEGRO

POVOADOS	D O E N Ç A S							DOENÇA DOS OLHOS
	GRIPE	TUBERCULOSE	TOSSE	FEBRE	DESINTERIA	VÔMITO	MALÁRIA	
CAMANAUS	X							X
ACARÁ	X	X					X	
CURICURIARI	X		X	X	X	X		
ILHA DAS FLORES	X	X		X	X			

X = Presença

INFORMANTES: "Capitão", Catequista, ou outro líder local nos vários povoados visitados.

OBS: 1. Tenha-se em conta que os dados deste quadro dependeram do grau de instrução e do conhecimento da língua portuguesa do informante.

2. Muitas vezes o dado relatado no quadro traduz sintomas e não propriamente doenças. É o caso por exemplo de dor de barriga que pode indicar algum tipo de infecção gastro-intestinal; coceiras, algum tipo de dermatose, etc.

ANEXO VIII

TABELA III.3

DOENÇAS DE OCORRÊNCIA MAIS FREQUENTE EM QUATRO POVOADOS INDÍGENAS
 ÀS MARGENS DO RIO UAUPÉS (MISSÃO DE TARACUÃ)

POVOADOS	D O E N D O A S								
	GRIPE	TUBERCULOSE	FEBRE	DISENTERIA	VERMES	ANEMIA	VÔMITO	DOENÇA DOS OLHOS	REUMATISMO
IPANORÉ	X	X	X	X				X	
URUBUQUARA	X	X	X	X			X		
ANANÁS	X	X	X	X		X			X
HATAPI	X	X	X	X	X				

X = Presença

INFORMANTES: "Capitão", Catequista, ou outro líder local nos vários povoados visitados.

OBS: 1. Tenha-se em conta que os dados deste quadro dependeram do grau de instrução e do conhecimento da língua portuguesa do informante.

2. Muitas vezes o dado relatado no quadro traduz sintomas e não propriamente doenças. É o caso por exemplo de dor de barriga que pode indicar algum tipo de infecção gastrointestinal; coccírias, algum tipo de dermatose, etc.

ANEXO VIII

TABELA III.4

DOENÇAS DE OCORRÊNCIA MAIS FREQUENTE EM 9 POVOADOS INDÍGENAS
 ÀS MARGENS DO RIO UAUPÉS (MISSÃO DE IHHARETÉ)

POVOADOS	D O E N Ç A S											
	GRIFE	TUBERC.	CATARRO	FEBRE	DISENT.	VERMES	ANEM.	MALÁRIA	SARAMPO	DOENÇA OLHOS	REUMAT.	VÔMITO
S. MIGUEL	X	X		X	X	X	X				X	
TAIAÇU	X	X			X			X			X	
UMARI	X	X			X				X			
D. BOSCO	X	X								X		
ARACAPÁ		X	X		X					X	X	
JUQUIRA		X	X			X				X		
LOIRO	X	X			X	X		X				X
PARANÁ -												
JUCÁ	X	X				X					X	
JACAMIM	X	X			X	X				X	X	

X = Presença

INFORMANTES: "Capitão", Catequista ou outro líder local nos vários povoados visitados.

OBS: 1. Tenha-se em conta que os dados deste quadro dependeram do grau de instrução e do conhecimento da língua portuguesa do informante.

2. Muitas vezes o dado relatado no quadro traduz sintomas e não propriamente doenças. É o caso por exemplo de dor de barriga que pode indicar algum tipo de infecção gastro-intestinal; coccírias, algum tipo de dermatose, etc.

MRB. 17, p. 160/165

CONFIDENCIAL

ANEXO VIII
TABELA III.5

DOENÇAS DE OCORRÊNCIA MAIS FREQUENTES EM 2 POVOADOS INDÍGENAS
ÀS MARGENS DO RIO PAPURI

POVOADOS	D O E N Ç A S								
	GRIPE	TUBERCULOSE	TOSSE	CATARRO	DISENTERIA	VERMES	ANEMIA	SARAMPO	REUMATISMO
ARACAPÁ		X	X	X	X			X	X
STA. LUZIA	X				X	X	X		

X = Presença

INFORMANTES: "Capitão", Catequista ou outro líder local nos vários povoados visitados.

OBS: 1. Tenha-se em conta que os dados deste quadro dependeram do grau de instrução e do conhecimento da língua portuguesa do informante.

2. Muitas vezes o dado relatado no quadro traduz sintomas e não propriamente doenças. É o caso por exemplo de dor de barriga que pode indicar algum tipo de infecção gastrointestinal; coceiras, algum tipo de dermatose, ect.

SERVIÇO LÍBRICO FERREIRA

151

ANEXO VIII
TABELA III.6

DOENÇAS DE OCORRÊNCIA MAIS FREQUENTE EM 6 POVOADOS INDÍGENAS NO RIO TIQUIÊ

POVOADOS	D O E N Ç A S							
	GRIPE	TUBERCULOSE	FEBRE	DISENTERIA	VERMES	ANEMIA	DOENÇA DOS OLHOS	COCEIRAS
BELA VISTA	X		X	X	X	X	X	
SÃO JOÃO	X	X	X	X			X	
MARACAPÁ	X		X	X	X	X		X
MAKUS	X		X	X			X	
SÃO DOMINGOS	X	X	X					
SÃO PAULO	X	X	X					

X = Presença

INFORMANTES: "Capitão", Catequista, ou outro líder local, nos vários povoados visitados.

OBS: 1. Tenha-se em conta que os dados deste quadro dependeram do grau de instrução e do conhecimento da língua portuguesa do informante.

2. Muitas vezes o dado relatado no quadro traduz sintomas e não propriamente doenças. É o caso por exemplo de dor de barriga que pode indicar algum tipo de infecção gastrointestinal; coceira, algum tipo de dermatose, etc.

SECRETARIA FEDERAL DE SAÚDE

ANEXO IX

CONTINUAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO E HISTÓRICO DAS PRELAZIAS

Apesar do longo processo de contato, inúmeros grupos tribais remanescentes ainda se encontram em várias regiões do País. "Mais da metade dessa população indígena está localizada na Amazônia (inclusive o Maranhão) que abriga 94 grupos tribais, com uma população de 43.050 a 62.050 indivíduos" (1). Esses grupos se encontram em vários graus de integração segundo o critério adotado por Darcy Ribeiro, de grupos isolados, em contatos intermitente, permanente e integrados. Como observa Galvão, parte considerável dessas populações se engajam na produção regional, "perderam a autosuficiência, e dependem do comércio ou aliciamento de seus membros na indústria extrativa" (2).

Considerando-se tanto esse contexto de contato, bem como a sociedade nacional em si, verifica-se sempre a presença da Igreja, influenciando de várias formas todo o contexto regional, desde a época colonial até a atualidade, quando a realidade amazônica se configura de maneira cada vez mais diversificada. A Igreja conta atualmente com um número maior de Ordens e Congregações Religiosas que nos séculos passados e, com uma organização capaz de abranger toda a Amazônia, "realizando um trabalho de envergadura bem maior que o realizado nos primeiros séculos da história regional" (3).

As Missões Católicas, em termos gerais, continuam obedecendo a linha tradicional de atuação, visando transformar o índio num cristão civilizado, sem levar em conta sua cultura, ou, sem pelo menos inspirar-se nela, para conduzir de maneira mais eficaz para o índio, o seu trabalho, que é extremamente árduo.

(1) Melatto, 1970: Os Índios do Brasil

(2) Galvão, 1964: ob.cit.

(3) Haués, 1968: 45 - Ação das Ordens e Congregações Religiosas na Amazônia.

CONFIDENCIAL

JANUÁRIO 1965

A divisão eclesiástica da Amazônia está estabelecida em duas Províncias: a de Belém, que compreende o Estado do Pará e o Território Federal do Amapá; e a de Manaus, abrangendo os Estados do Amazonas, Acre, parte do Mato Grosso, Território de Roraima e parte de Rondônia.

A Província Eclesiástica de Belém, corresponde à Região Norte II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e compõe-se de circunscrições eclesiásticas, a saber: Arquidiocese de Belém (*4.3.1719); 14.022 km²; 24 municípios - Prelazia de Santarém (*21.9.1903); 346.906 km; 6 municípios - Prelazia de Marabá (*20.12.69, transferência da sede da Prelazia de Conceição do Araguaia (*18.7.1911) para Marabá); 95.798 km; 5 municípios - Prelazia de Guamã (*14.4.1928); 76.934 km; 10 municípios - Prelazia de Marajó (*14.4.1928); 82.039 km; 9 municípios - Prelazia de Xingú (*16.8.1934); 330.240 km; 5 municípios - Prelazia de Macapá (*1.2.1949); 143.089 km; 5 municípios - Prelazia de Cametã (*29.11.1952); 50.558 km; 10 municípios - Prelazia de Óbidos (*10.4.1957); 182.836 km; 5 municípios - Prelazia de Abaeté do Tocantins (*25.11.1961); 29.893 km; 6 municípios - Prelazia de Ponta de Pedras (*25.6.1963); 14.283 km; 6 municípios - Prelazia de Conceição do Araguaia (1976: volta a ser sede de Prelazia, desmembrada de Marabá); 1 município.

A Província Eclesiástica de Manaus corresponde à Região Norte I da CNBB e compõe-se de 14 circunscrições eclesiásticas, a saber: Arquidiocese de Manaus (*27.4.1872); 72.085 km²; 3 municípios - Prelazia de Alto Solimões (*23.5.1919); 143.779 km; 4 municípios - Prelazia de Rio Negro (*19.10.1910); 286.866 km; 3 municípios - Prelazia de Tefé (*23.5.1910); 250.733 km; 7 municípios - Prelazia de Acre e Purus (*4.10.1919); 100.471 km; 5 municípios - Prelazia de Lábrea (*1.5.1925); 211.241 km; 4 municípios - Prelazia de Porto Velho (*1.5.1925); 273.439 km; 3 municípios - Prelazia de Roraima (*15.8.1907); 230.104 km; 2 municípios - Prelazia de Parintins (*12.7.1955); 57.021 km; 4 municípios - Prelazia de Humaitá (*26.6.1961); 74.648 km; 2 municípios - Prelazia de Borba (*13.7.1963); 170.953 km; 4 municípios.

CONFIDENCIAL

cípios - Prelazia de Coari (*13.7.1963); 135.442 km; 4 municípios - Prelazia de Itacoatiara (*13.7.1963); 70.623 km; 5 municípios.

Algumas circunscrições eclesiásticas mais antigas, constituíram primeiramente "Prefeituras Apostólicas", ligadas mais diretamente à Santa Sé. Posteriormente foram transformadas em Prelazias, entre outras razões, por maiores conveniências entre a Diplomacia Brasileira e a da Santa Sé. As demais Prelazias já foram criadas como tais. Uma Bula Papal é o documento eclesiástico que oficializa as referidas criações, sendo cada uma das Prelazias amazônicas entregues à determinada Congregação Religiosa, tendo à frente um bispo pertencente à essa Congregação. No que concerne às duas Arquidioceses de Belém e Manaus, são elas autônomas, cada uma governada por um arcebispo que pode pertencer ao clero religioso como ao clero secular. Geralmente há também bispos auxiliares.

Várias Prelazias amazônicas estendem sua ação à áreas indígenas, sem isto significar que todas tenham em envolvimento direto com os grupos tribais. Numa visão generalizada, os religiosos que exercem ação missionária entre os índios são os seguintes: Os Xaverianos da Prelazia de Abaeté do Tocantins; Servitas na de Acre e Purus; Capuchinhos na do Alto Solimões; Franciscanos da Terceira Ordem Regular na de Borba; Padres da Congregação da Missão na de Cametá; Salesianos nas de Humaitá; Porto Velho e Rio Negro; Agostinianos Recoletos na de Lábrea; Padres do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras nas de Macapá e Parintins; Missionários da Consolata na de Roraima; Padres Menores Franciscanos na de Santarém; Domínicos na de Conceição de Araguaia e Marabá; Padres do Espírito Santo nas de Juruá e Tefé; Missionários do Preciosíssimo Sangue na de Xingú.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

27. FILHO, João Dornas - "O Padroado e a Igreja Brasileira" Companhia Editora Nacional - São Paulo - Série 5a. Brasileira - Vol. 125
28. MAUÉS, Raymundo Heraldo - "Ação das Ordens e Congregações Religiosas da Amazônia" - Grêmio Literário Português - Belém-Pa. 1968
29. ASSIS, Eneida & Santos, Antonio Maria - "Levantamento Sócio-Econômico e Situação Escolar dos Grupos Tribais do Vale do Uaçá (Oiapoque - T.F.A) Sec. Ed. Ter. Fed. Amapá - Mim.
30. SALZANO, F.M. - "Populações Brasileiras - Aspectos Demográficos, Genéticos e Antropológicos" - Companhia Editora Nacional - São Paulo - 1967.